Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 24 DE MARÇO DE 1972 - N.º 17 691 - ANO 51.º - PREÇO 1$50

CÉU ENCOBERTO

BENFICA ENFRENTA O AJAX

O Ajax, da Holanda, é o adversário do Sport Lisboa e Benfica nas meias-finais da «Taça dos Clubes Campeões Europeus». O sorteio, realizado hoje em Zurique, indicou ainda o outro jogo: Inter-Celtic. Os dois embates vão realizar-se a 5 e 19 do mês de Abril, com uma primeira «mão» nos relvados de Amesterdão e Milão. Recorda-se que o Benfica, três dias antes da viagem a Amesterdão, estará em Paris para defrontar o Beyern de Munique em jogo particular.

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Cárcere secreto

O influente jornal «La Razon», de Buenos Aires, recebeu ontem uma foto do industrial Oberdan Sallustro, de 56 anos, presidente da Fiat argentina, no cárcere secreto em que continua a ser mantido por uma organização terrorista. O caso emociona toda a Argentina, sobretudo depois de ter sido divulgado o dramático apelo da mulher do industrial para que libertem o seu marido. Até agora, os raptores, que se apresentam como revolucionários trotskistas, não pediram qualquer resgate pela libertação de Sallustro. Entretanto, representantes da Fiat tentavam entrar em contacto com eles, para saberem qual a razão do rapto de um homem que nada tem a ver com os problemas políticos internos da Argentina e que «tudo tem feito para promover o seu progresso».

Sallustro no cárcere secreto (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

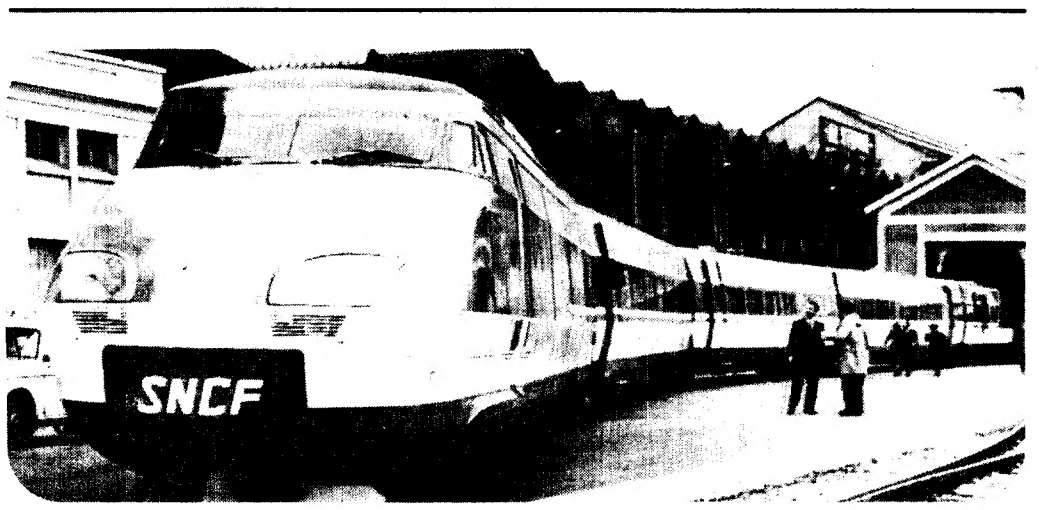
LONDRES VAI ADMINISTRAR DIRECTAMENTE O ULSTER

LONDRES, 24 - (A.N.I., F.P. e R.) - O governo britânico decidiu passar a administrar directamente o Ulster por um ano.

Todos os poderes legislativos e executivos do Stormont (parlamento total) serão transferidos para a Grã-Bretanha nos termos de uma lei que vai ser apresentada ao Parlamento Britânico antes das férias da Páscoa, que começam dentro de uma semana.

O primeiro-ministro britânico, Edward Heath, ao anunciar esta medida hoje de manhã na Câmara dos Comuns, declarou que tinha proposto ao governo de Faulkner um plano em três pontos para tentar solucionar

Continuação da pag. 14



Panda triste

A Primavera é uma estação triste para «Chi-Chi», a panda gigante do Zoo de Londres. O ar renovado desperta-lhe os instintos amorosos, mas em Londres não há nenhum panda macho para lhe fazer companhia. Deprimida, «Chi-Chi» não come e refugia-se na sua cabana. Vai ser solicitado ao Presidente Nixon que «empreste» um dos pandas que recebeu de presente na China. (Exclusivo «Sun»/«DL»).

Reunião monetária em Lisboa

Cerca de 40 peritos financeiros europeus e americanos reunem-se, a partir do dia 29, num hotel da Costa do Sol, para discutirem a situação monetária internacional. A delegação americana é presidida por Paul Volcker, subsecretário de Estado para Assuntos Monetários, que, graças a esta reunião, se dispensará de realizar a série prevista de viagens às diversas capitais europeias. A reunião, promovida pela Universidade de Yale, inscreve-se no plano de conversações monetárias quase permanentes desde o discurso de Nixon, em Agosto de 1971, que estabeleceu a inconvertibilidade do ouro em dólares e uma taxa de 10 por cento sobre as importações.

A 200 KM POR HORA

Os caminhos de ferro franceses apresentaram ontem em Belfort o protótipo do novo comboio turbo-propulsionado, que tem uma velocidade de cruzeiro de 200 quilómetros por hora e pode transportar 90 passageiros. Segundo asseguram os técnicos, será muito mais comodo que os comboios tradicionais.

O CHEFE DO ESTADO NO INSTITUTO DE ESTATÍSTICA

O Presidente da República, almirante Américo Thomaz, acompanhado pelo ministro de Estado, dr. Mota Campos, e pelo presidente da Junta de Investigação Científica e Tecnológica, dr. João Salgueiro, visitou o Instituto Nacional de Estatística, onde foi recebido pelos drs. Amaro Guerreiro e Pais Morais, respectivamente director e subdirector daquele estabelecimento oficial. Ao usar da palavra, o director do I.N.E. salientou que as actuais instalações estão excessivamente sobrecarregadas. Por sua vez, o ministro de Estado sublinhou caber a quem governa não deixar que se instale «um ambiente de frustração», pelo que se está a considerar a realização de diversas acções, não só para melhoria das instalações como para revisão da orgânica do Instituto. A finalizar, o Chefe do Estado prometeu debruçar-se sobre os assuntos que lhe foram postos e elogiou a acção desenvolvida pelo I.N.E., cujos funcionários classificaria, depois, de «computadores humanos».

DL de ONTEM para HOJE

REPRESENTAÇÃO

O ministro das Obras Públicas e Comunicações recebeu grande representação das forças vivas do concelho de Alcobaça, que lhe foi agradecer a resolução do problema do assoreamento da baía de S. Martinho do Porto. Presentes, também, o secretário de Estado das Obras Públicas, o presidente da Junta de Turismo de S. Martinho, o governador civil de Lisboa e o presidente da Junta de Freguesia de S. Martinho do Porto. Falaram o presidente do município de Alcobaça, sr. Tarcísio Trindade, e o ministro Rui Sanches.

ACADEMIA

Na reunião da classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa, o dr. Fernando de Castro Pires de Lima apresentou uma comunicação intitulada «Transladação do mito da sereia para o Brasil. Disse, a certa altura: «A sereia que acompanhou os nossos navegadores, ainda hoje no Brasil seduz com a sua beleza e o seu canto fascinante os homens que vivem no mar». Referia-se, claro, a Yemanjá (que os leitores, decerto, conhecem dos romances de Jorge Amado).

EXÉRCITO

O secretário de Estado do Exército, brigadeiro Alberty Correia, visitou o Regimento de Cavalaria 7, na Calçada da Ajuda, que festejava o Dia da Unidade. Aquele membro do Governo presidiu a diversas cerimónias, tendo depois uma reunião de trabalho com o comando e oficiais da unidade.

JULGAMENTO NO PLENÁRIO

Com a leitura do acordão, terminou ontem, ao fim da tarde, no Plenário Criminal da Boa Hora, o julgamento dos drs. Amadeu António Pereira Lopes Sabino, de 28 anos, casado, natural de S. Pedro (Elvas); Fernando José Mendes Rosas, de 25, casado, de Lisboa, e Sebastião Augusto Bandeira de Lima Rego, de 26, casado, também de Lisboa, acusados de actividades subversivas contra a segurança do Estado.

Presidiu ao colectivo o desembargador Morgado Florindo, ocupando a tribuna do Ministério Público o dr. Costa Saraiva, adjunto do procurador da República. Nos debates intervieram, além do acusador público, os patronos dos acusados, drs. Augusto Rocha, Joaquim Mestre e José Vasconcelos Abreu.

Tendo em conta as circunstâncias atenuantes de que beneficiavam os incriminados, o tribunal decidiu condenar o primeiro em vinte e dois meses de prisão correccional, substituídos por multas a 30$00 por dia, perda de direitos políticos por cinco anos e 3 500$00 de imposto de justiça; e o segundo em catorze meses de prisão correccional, perda de direitos políticos pelo mesmo período e idêntica importância de imposto de justiça. O terceiro foi absolvido. Os drs. Amadeu Lopes Sabino e Sebastião Rego sairam em liberdade e Fernando Rosas voltou novamente para a cadeia para cumprimento da pena imposta.

Terminaram os debates sobre segurança social dos trabalhadores migrantes

Com a leitura das conclusões terminou esta manhã a 1.ª Reunião Regional Europeia sobre Segurança Social dos Trabalhadores Migrantes que, desde segunda-feira, se vinha a realizar no Pavilhão dos Congressos do Estoril.

Esta reunião, organizada pela A. I. S. S. com a colaboração da Caixa Central de Segurança Social dos Trabalhadores Migrantes, acabou por ser um êxito, tendo-se chegado a conclusões que, a concretizarem-se, podem vir a ser do máximo interesse para os trabalhadores migrantes.

Depois de várias considerações de carácter geral em que, entre outras coisas, se chamou a atenção para o facto de, apesar dos esforços para aperfeiçoar as convenções e para precisar o seu âmbito, as suas modalidades de aplicação continuam complicadas e dão frequentemente lugar a dificuldades administrativas que deverão ser resolvidas o mais brevemente possível, os responsáveis pela reunião referiram os progressos verificados no regulamento de protecção social do trabalhador migrante.

No entanto, considera-se que certos problemas dependentes da Segurança e dos Serviços Sociais continuam por resolver. Assim, tendo em conta que interessa fazer os maiores esforços a fim de promover o bem estar social do trabalhador migrante, bem como para assegurar a sua dignidade humana, realça-se competir aos organismos competentes estimular as iniciativas destinadas a melhorar e a humanizar as suas condições de vida e trabalho, e deste modo favorecer a sua integração num novo meio de trabalho.

Outras conclusões:

— Como em grande número de casos os trabalhadores partem para o estrangeiro a fim de adquirirem qualificações profissionais suplementares, conviria que os países de origem da mão-de-obra tomassem medidas para evitar o desemprego e assegurar uma ocupação conveniente aos trabalhadores migrantes quando voltam ao seu lar; por outro lado seria desejável que os países de origem tomem medidas ao abrigo das quais os trabalhadores migrantes assim como as famílias, possam continuar a beneficiar, quando do seu retorno, das prestações, da segurança social, assim como dos diversos serviços sociais.

— Os trabalhadores que manifestam o seu desejo de sairem para o estrangeiro, a fim de aí exercerem uma actividade profissional deveriam ser autorizados a sair do seu território nacional depois de terem sido submetidos a um exame médico. Este exame deveria ser efectuado pela instituição competente do país de origem que, por outro lado, suportaria os encargos e indicaria o resultado do exame de maneira compatível com os imperativos do segredo médico, num documento individual que o trabalhador migrante apresentaria às instituições competentes sempre que a isso fosse convidado. A este respeito, seria conveniente que a iniciativa prevista pela OIT e pela OMS, com vista ao estabelecimento de tal documento, pudesse resultar o mais cedo possível.

— Tendo em conta as dificuldades verificadas em todos os países quanto à identificação exacta dos trabalhadores migrantes, conviria proceder-se à uniformização dos formulários que a este respeito estão em vigor nos diversos países.

À noite realiza-se um jantar de encerramento no Hotel Estoril-Sol.

O prémio Andersen 72 foi atribuído ao americano Scott O'Dell

O Prémio Andersen de Literatura Infantil foi atribuido ao escritor americano Scott o Dell e ao ilustrador dinamarquês Ib Spang Olsen. Os nomes dos galardoados foram anunciados ontem no Museu João de Deus, em Lisboa, durante uma conferência de Imprensa pela presidente do Júri, Virgínia Haviland.

Instituido pela Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil, o Prémio Hans Christian Andersen foi criado por iniciativa de Jella Lepman falecida há dois anos. A sua memória foi ontem recordada com um minuto de silêncio.

Entre os concorrentes encontrava-se a escritora portuguesa Lília da Fonseca.

Os galordoados serão homenageados em Nice no IV Festival Internacional do Livro que se realizará em Maio próximo.

Apesar de se conhecer que o Júri estava reunido em Lisboa, há alguns dias, o facto quase passou despercebido do grande público. É assim que um acontecimento cultural tão importante se perde no silêncio, num país onde não faltam manifestações espectaculares que através dos grandes meios de comunicação social galvanizam multidões.

Virgínia Haviland, presidente do júri internacional, anuncia os nomes dos premiados

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

10.º CONCERTO

(REVELAÇÃO)

30 DE MARÇO
às 21,45 horas

2 DE ABRIL
às 16 horas

Grupo A — M/ 6 anos

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

Maestros
Manuel Ivo Cruz
Manuel Peres Newton

CONCERTO PARA 4 VIOLINOS
VIVALDI
- **Aníbal Castanho Lima**
- **Fernando Calasans Duarte**
- **António Vilaça Lé**
- **Floriana de Oliveira**

CANÇÕES ESTÁTICAS
(1.ª audição mundial)
CÂNDIDO LIMA

CONCERTO EM FÁ MAIOR
HAYDN

Pianista
Alda Maria Cabral

SINFONIA DO NOVO MUNDO
DVORAK

Maestro
Manuel Peres Newton

Bilhetes desde 12$50

AVISO. O concerto em repetição, realizar-se-á no dia 2 de Abril e não no dia 1.

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.

RTP JOGO DO GALO CONCURSO

SESSÃO nº 6

NOME _____

MORADA _____

IDADE _____ TELEF. _____

CORTAR

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

CONCURSO -JOGO DO GALO-

APARTADOS 3011 ou 3088

LISBOA

TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

Acompanhe o **BENFICA** na meia final

Informações e inscrições a partir de hoje

WAGONS-LITS/COOK

Av. da Liberdade, 103
Telefs. 36 15 21 - 3 32 39
Av. de Roma, 4-C
Telefs. 72 26 39 - 76 26 54
Rua Rodrigo da Fonseca, 86
Telef. 68 06 32

PORTO * COIMBRA
ESTORIL * FUNCHAL
LUANDA * L. MARQUES

A maior organização mundial de Viagens e Turismo

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

4.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Av.ª Grão Vasco, de 4 a 30-C. (Das 8 às 12 horas).

5.º Sector — Rua de S. Domingos à Lapa, de 1 a 25; Trav.ª da Paz, de 1 a 33; Trav.ª de Santo António, de 1 a 21. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Rua Rodrigues Sampaio, de 98 a 132. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Praça dos Restauradores, de 47 a 72. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Rua Cavaleiro de Oliveira, de 1 a 25. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Rua Fernando Palha, de 36 a 66 e de 39 a 69; Rua do Telhal, de 8 a 28 e de 15 a 65; Rua José Henrique Tota (toda). (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Est.ª Paço do Lumiar (parte); L.º S. Sebastião, Az.ª da Fonte Velha, Rua Esquerda, Az.ª das Travessas e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Sintra:** S. João das Lampas, Cortesia, Assafora. (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — Almoçageme e Estrada para a Praia da Adraga e imediações. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Oeiras: AMADORA:** Rua de Macau, Rua Elias Garcia nas imediações da Est.ª da Falagueira, Av.ª do Brasil, Praceta da Índia, Rua das Terras dos Vales, Praceta de Santa Cruz, Est.ª da Falagueira, Trav.ª do Bosque, Rua de Trás, Trav.ª da Falagueira, Trav.ª da Reboleira, Rua Pedro Franco, Rua da Mãe d'Água, Praceta Nossa Senhora da Conceição, Rua Nossa Senhora da Lapa, Rua António Apolinário da Silva, L.º da Eira, Rua das Terras da Eira e imediações. (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Cascais:** Fisgas e Atrozela. (Das 8 às 14 horas).

5.ª Zona — **PAREDE:** Rua Febo Moniz, Trav.ª do Brás, Trav.ª de Rana, Av.ª dos Bombeiros (parte) e imediações. (Das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Mafra:** Livramento, Azueira e imediações. (Das 9 às 12 horas).

7.ª Zona — **Barras.** (Das 8 às 15 horas).

8.ª Zona — **MAFRA:** Rua Carlos Galrão, Rua Paulo Freire, Rua Dr. Mário Madeira, Rua dos Bombeiros e imediações. (Das 7 às 15 horas).

9.ª Zona — **Concelho de Vila Franca: ALVERCA:** Casal do Brejo, Av.ª 5 de Outubro, Bom Sucesso (parte). (Das 8 às 14 horas).

10.ª Zona — Fonte Nova, Joaquim Pedro Monteiro, S. E. Vila Franca. (Das 8 às 14 horas).

11.ª Zona — **ALHANDRA:** Quinta do Paraíso. (Das 8 ás 14 horas).

PRESENTE E FUTURO DUMA COMUNIDADE

Seis meses e meio depois de assinada em Brasília a Convenção sobre a igualdade de direitos e de deveres entre brasileiros e portugueses, foram trocados os respectivos instrumentos de ratificação. Assim se completou, conforme as palavras do ministro dos Negócios Estrangeiros, «um processo de actos públicos que permitirá que esta Convenção entre em vigor no próximo dia 22 de Abril, coincidindo com a chegada ao Rio de Janeiro do Chefe do Estado português».

Não é sequer discutível a importância do acontecimento. Mal iria à consciência cívica dos cidadãos dos dois países se não se apercebessem do que pode vir a representar uma comunidade efectiva de dois povos de origem comum. É certo que, por agora, esta Convenção (o próprio embaixador do Brasil o confirma), «não corresponde ao grande ideal desejado», mas representa um passo no caminho que tem vindo a ser percorrido pelos Governos dos dois países. O futuro dos povos, não separável da realidade mais ampla do dever mundial, dirá se os sucessivos pontos desse percurso corresponderão aos votos formulados hoje.

Com objectivo sentido dessas realidades, o ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou que «nada é definitivo», fundamentando a declaração (que faz parte, naturalmente, do senso comum) no reconhecimento de que «muito ainda temos que fazer na construção da grande Comunidade Luso-Brasileira». Se não estamos equivocados, é precisamente do que falta fazer que depende o futuro desta Comunidade e, até, a viabilidade dela, uma vez que, como toda a gente sabe, os instrumentos diplomáticos (acordos, alianças, tratados de paz, etc.) outra coisa não são que fórmulas expositivas de interesses e conveniências, entretecidas ou não num estado de espírito favorável à sua perdurabilidade.

E que falta fazer, afinal? A nosso ver, o mais importante, aquilo de que esta Convenção deveria ser cúpula, pedra de fecho de abóbada: falta a permuta viva e contínua das ideias, das correntes de pensamento, das manifestações da arte e da literatura; falta o convívio fecundo dos cientistas e dos técnicos; falta a relação familiar de dois povos que, compreendendo-se perfeitamente no plano da linguagem, na verdade mal se conhecem. E é curioso verificar quão reduzido eco encontram nas populações as palavras proferidas em actos oficiais da amizade luso-brasileira...

Ora, enquanto a relação entre o povo português e o povo brasileiro não se tornar fluente e quotidiana, enquanto não for prática natural, os instrumentos diplomáticos pouco mais serão que uma estrutura impessoal, algo como a armação metálica de um edifício a que faltasse tudo quanto a tornaria habitável. Pode esta visão parecer pessimista, inoportuna no clima confraternizante do momento em que se vive, mas ousamos pensar que é muito mais construtiva que o seriam as expressões da retórica fraternalística que durante tantos anos substituiu a análise fria dos factos. Nesta altura, é muito mais importante saber o que nos separa do que tecer variações e glosas sobre o que nos aproxima.

Não dispondo do dom da profecia, não apostaremos que «o destino de Portugal é também o destino do Brasil», para repetir aqui as palavras do embaixador Gama e Silva. Cada um dos povos tem ânimo e coragem bastantes para construir o seu próprio destino. Mas não se pode negar que esta união terá muita força se plenamente vier a realizar-se...

Meio livro por leitor

As bibliotecas municipais, segundo informações recentemente divulgadas, registaram, no ano passado, a frequência de 142 575 leitores, que consultaram 78 793 livros e 258 828 publicações periódicas. Um relance de olhos distraído poderia levar a concluir que as coisas não correm mal de todo nos domínios da chamada cultura popular: este qualificativo, tão justamente contestado, terá neste caso adequada aplicação, pois, exceptuando a Biblioteca Municipal Central, todas as outras (e são vinte e quatro) possuem características acentuadamente populares, tanto que onze delas assim são chamadas...

Porém, se de mais perto atentarmos no significado daqueles números, seremos obrigados a mudar de opinião e a pôr de lado o primeiro optimismo. De facto, se 142 mil leitores lêem 78 mil livros, cabe a cada leitor pouco mais de meio livro, o que é, pelo menos, perturbante, uma vez que não se pode requisitar meio livro, e livro retirado das estantes conta, evidentemente como livro inteiro...

A explicação deste enigma aritmético deve estar nas 258 mil publicações periódicas também consultadas durante o ano de 1971: é que grande parte dessas publicações é constituída por histórias em quadradinhos e outras sub-literaturas popularizadas, com inúmeros apreciadores entre os adolescentes, especialmente entre os mais novos... Gostaríamos bem de saber (a fim de confirmarmos ou rectificarmos os nossos juízos) quantos foram os leitores que requisitaram os 78 793 livros que a Câmara Municipal de Lisboa parece orgulhar-se de ter oferecido à leitura...

O mais e o bastante

Palavras do secretário de Estado do Trabalho e Previdência: «Creio bem que temos de nos habituar no nosso País a falar menos e a dizer mais. Também a ouvirmo-nos melhor. E para isso em muito contribuirá predispormo-nos a funcionar em equipas de trabalho, respeitando agendas, examinando números, conhecendo problemas, encontrando soluções concretas, disciplinando-nos na execução de programas cujos objectivos podem ser ambiciosos, mas que têm de ser cumpridos por fases sucessivas, atentas as disponibilidades materiais e humanas, até mesmo a receptividade dos destinatários das medidas.»

Como não estaríamos de acordo, como não aplaudiríamos estes conselhos, estas advertências, estas regras?

Os oito magníficos

Chang Kai-Chek é o presidente de Taipé, ilha que também é conhecida na política internacional como China Nacionalista. Foi agora reeleito para um novo mandato: mais seis anos. Outra coisa não se esperava numa altura em que não parece haver intenção de mexer muito no assunto, tanto de um lado como do outro.

Aliás, a unanimidade da adesão interna é indiscutível: dos 1316 votos registados na Assembleia Nacional, o presidente obteve 1308. Os outros oito votos foram declarados não válidos. Porque seria? Teriam palavras injuriosas? Seriam, contra? Mistério...

ECONOMIA & FINANÇAS

OS LIMITES DA FORÇA

POR JACK ANDERSON/Exclusivo «DL»

As conversações sobre as trocas comerciais entre os Estados Unidos e o Canadá encontram-se num beco sem saída, enquanto a atmosfera em que decorrem se deteriora de dia para dia, caracterizando-se actualmente pela frieza e desconfiança.

O Secretário do Tesouro americano, John B. Connaly, afirmou recentemente que as suas negociações não registaram quaisquer progressos, acrescentando: **«Tentaremos encontrar os meios apropriados para reduzir os desequilíbrios dos nossos acordos comerciais com aquele país.»** Os canadianos consideram esta frase uma ameaça directa e mostram-se apreensivos devido aos rumores segundo os quais os Estados Unidos se preparam para impôr uma tarifa sobre os automóveis fabricados no Canadá.

Os factores económicos pesam mais na política mundial do que em qualquer altura desde os anos 30. O beco sem saída a que se chegou no caso do Canadá mostra como as coisas funcionam - e como não funcionam - na nova política estrangeira de dinheiro e mercadorias.

No Outono passado, os Estados Unidos proclamaram firmemente que os outros países teriam de fazer concessões às importações americanas, no âmbito de todo e qualquer acordo geral sobre as taxas de câmbio das diversas moedas. Foi por assim dizer, uma concessão feita ao proteccionismo do Congresso, a qual se revelou extremamente perigosa.

A administração verificou que as concessões de carácter comercial eram muito mais difíceis de obter do que aparentemente esperava. O problema das taxas de câmbio acabou por ser resolvido em meados de Dezembro, mas os termos do acordo ignoravam totalmente o aspecto das trocas comerciais. Recuando um passo, a administração declarou então que os Estados Unidos teriam de obter as concessões comerciais antes de se propôr ao Congresso que aprovasse formalmente a alteração do preço do ouro.

Seguiram-se quase dois meses de disputas internacionais, enquanto os banqueiros europeus, que encaram sèriamente as formalidades, revelavam uma inquietação cada vez maior relativamente às intenções dos americanos. Todo este episódio, aliás, reflete uma vez mais o erro em que a administração labora ao tentar tornar as negociações comerciais e monetárias dependentes umas das outras. Os problemas monetários exigem decisões rápidas e internacionais, pelo que as demoras americanas enfraquecem a posição dos Estados Unidos. As questões de carácter comercial, em contrapartida, tendem a evoluir lentamente, e as tentativas americanas para as apressarem enfraquecem igualmente a sua posição.

Em 9 de Fevereiro, o Tesouro anunciou que os Estados Unidos tinham obtido concessões comerciais do Japão e do Mercado Comum Europeu. Os seus efeitos económicos davam a impressão de serem extremamente modestos. Todavia, revestiram-se de importância considerável para a administração, que pôde assim salvar as aparências, permitindo-lhe enviar finalmente ao Congresso o projecto de lei sobre o preço do ouro. (A fim de conseguirem mais facilidades para as suas exportações, os Estados terão de conceder também facilidades às importações. Isso não é possível sem nova legislação, e a administração decidiu muito acertadamente não submeter as regras do jogo comercial a um Congresso caracterizado pelas suas tendências altamente proteccionistas num ano de eleições).

Enquanto que o Japão e a Europa concordaram com ligeiras concessões, o Canadá recusou-se a fazê-lo, facto que irritou profundamente o Tesouro. Os canadianos, porém, tinham um motivo para isso. As concessões japonesas e europeias diziam respeito a coisas como a tarifa sobre a soja e restrições relativamente ao sumo de laranja. Em contrapartida, as conversações com o Canadá incidiam sobre automóveis e aviões, os quais constituem um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento industrial do Canadá.

Há sete anos, os Estados Unidos e o Canadá concordaram em permitir que os fabricantes de automóveis atravessassem em ambos os sentidos, sem quaisquer restrições, a fronteira dos dois países. O objectivo era baixar os preços canadianos e aumentar as vendas das empresas que são, aliás, americanas.

Depois de assinarem o acordo, ambos os governos tiveram várias surpresas. Na verdade, tinham previsto que os fabricantes colocassem apenas uma parcela mínima da produção a norte da fronteira. Na realidade, porém, aqueles gostaram da mão-de-obra canadiana e transferiram uma parte inesperadamente grande da sua produção para aquele país.

Alguns dos modelos atribuídos às fábricas canadianas eram carros compactos. Com grande surpresa das próprias empresas, os compactos adquiriram enorme popularidade, facto que levou a nova transferência da produção para o norte. Entretanto, embora ambos os governos tivessem previsto que as vendas de automóveis no Canadá continuariam a aumentar a ritmo elevado, estas estacionaram inesperadamente.

Como resultado de todas estas surpresas, as empresas estão a fabricar um número muito maior de veículos automóveis no Canadá do que qualquer dos dois governos previra, vendendo, porém, relativamente poucos carros naquele país.

A balança comercial dos Estados Unidos com o Canadá, que fora favorável aos americanos durante largos anos, tornou-se sùbitamente favorável àquele país. Em Washington, a impressão que prevalecia era o que os Estados Unidos tinham sido logrados. À medida que o desemprego aumentava em Detroit, este sentimento não deixou de se acentuar.

Tudo isto serve para demonstrar que, entre nações, as relações económicas são ainda mais imprevisíveis e caprichosas do que as relações políticas.

As primeiras dependem regra geral, em certa medida, de entidades privadas - neste caso os fabricantes de automóveis - cujo negócio é extremamente complicado e que o compreendem bastante melhor do que os políticos que controlam, ao mais alto nível, as negociações comerciais. As relações económicas refletem mudanças bruscas nas condições do mercado e nos gostos do consumidor que os governos são incapazes de prever. O que está em jogo, porém, é muito importante.

Por volta de 1969, as vendas recíprocas de veículos automóveis dos Estados Unidos e Canadá totalizaram para cima de 6 biliões de dólares - a verba mais elevada das mais importantes trocas comerciais entre dois países em todo o mundo.

Os Estados Unidos e o Canadá estão também em desacordo relativamente às aquisições relacionadas com a defesa. Trata-se, evidentemente, de uma questão distinta, que implica recursos financeiros muito menos importantes, mas serve para ilustrar o mesmo ponto.

No princípio dos anos 60, os dois países concordaram em procurar equilibrar as aquisições mútuas destinadas à defesa. Isto passou-se antes do Vietname, o tal elemento imprevisível. As compras americanas no Canadá aumentaram astronòmicamente. Agora, os Estados Unidos pretendem que o Canadá efectue mais aquisições a sul da fronteira.

John Connally

Todavia, este último país projecta transformar as suas forças armadas em unidades móveis ligeiras que necessitam de menores quantidades de armas pesadas que costumavam comprar aos Estados Unidos, os quais estão actualmente a tentar vender aviões de patrulha. Os canadianos mostram-se hesitantes e, entretanto, procuram por seu turno vender um avião ligeiro às forças armadas do poderoso vizinho.

Ambas as partes têm as suas razões. Os riscos são grandes. As estatísticas são deficientes (os dois governos não conseguem mesmo chegar a acordo sobre os números básicos). Mais do que em qualquer outro caso, esta questão ilustra perfeitamente os limites da força dos Estados Unidos.

As Jornadas Internacionais de Ginecologia começaram em Coimbra

Celebrou-se, esta manhã, no Anfiteatro de Química Fisiológica da Faculdade de Medicina a sessão inaugural das Jornadas Internacionais de Ginecologia de Coimbra, promovidas por aquela Faculdade e pelo Centro de Coimbra do Instituto Português de Oncologia Dr. Francisco Gentil, com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura.

Presidiu à sessão inaugural o reitor da Universidade, prof. Cotelo Neiva, ladeado pelo chefe do distrito, eng. Leopoldo da Cunha Matos; presidente da Câmara Municipal, eng. Araújo Vieira; director da Faculdade de Medicina, prof. Vaz Serra; delegado da comissão directora do Instituto Português de Oncologia, prof. Luís Raposo; director do Centro de Coimbra, prof. Ibérico Nogueira; director dos Hospitais da Universidade, prof. Lobato Guimarães; presidente do Núcleo Regional do Centro da Liga Portuguesa Contra o Cancro, dr. Álvaro Barbosa Ribeiro e o director da Casa da Inglaterra.

O prof. Ibérico Nogueira referiu-se aos objectivos das Jornadas e à sua organização e ao interesse que sempre procurou conseguir dos investigadores e clínicos nestas reuniões científicas, no sentido da sua presença resultar em que novos tratamentos e novos processos se tornem mais eficazes. Deu as boas-vindas aos cientistas estrangeiros e nacionais e fez votos pelo êxito das Jornadas.

Depois, o prof. Vaz Serra também se referiu ao estudo de novos processos e desejou o êxito das Jornadas, nas quais se reunem cientistas de grande envergadura. Por fim, o reitor da Universidade encerrou a sessão.

TEMAS DE ACTUALIDADE

Começaram logo os trabalhos com uma comunicação sobre «Endometriose», do prof. R. Masse / e dos drs. Truc, Salomon (Paris) e Almeida Santos. (Coimbra) versando os temas: a) «Diagnostico clínico, radiológico e celioscópio»; b) «Terapêutica da Endometriose (médica e cirúrgica). Interesse de exploração radiológica de hipófise em certas amenorreias», pelo prof. A. Netter (Paris).

Seguiu-se uma reunião de mesa redonda para debate do tema «As lesões fronteiriças do carcinoma do endométrio», no qual tomaram parte os profs. A. Netter e R. Musset, de Paris; A. Novo, de Santiago de Compostela e Renato Trincão, de Coimbra; dr. Aguilar, de Santiago de Compostela; prof. Resende, de Coimbra; dr. R. Cartier, de Paris e dr. Franquelim de Figueiredo, de Coimbra.

À noite, o prof. C.A. Joslin, de Cardif desenvolverá o tema: «Tratamento do carcinoma do colo pelo «catheron».

O "Muxito" em leilão valeu 22 mil contos

E de repente o «Muxito» foi à praça. O leilão fez-se ontem, ao princípio da tarde. Pouco concorrido, aliás. Apenas dois intervenientes nos lances, cuja base de licitação era de 20 mil contos.

O «Muxito», estância hoteleira de prestígio, com as suas magníficas instalações, está situado num aprazível local à beira da principal via para Setúbal. Mas o sobe-e-desce da vida levou-o à falência há cerca de ano e meio.

Adjudicado pela empresa Lareira, L.da, de Lisboa, por 22 mil contos o «Muxito» vai conhecer em breve nova vida. Diz-se que a estância foi entregue por baixo preço, pois que o seu valor é bem maior. De qualquer modo, o que importa é que o Vale de Gatos voltará a ser movimentado e o «Muxito» poderá voltar a ser o que era.

QUARENTA CONTOS PARA (NÃO) VER O BENFICA

Pagar 40 contos para assistir a um jogo de futebol será recorde difícil de bater. Nem o sr. Carvalho pensaria alguma vez na sua vida em ser ele próprio o **recordista**. Mas aconteceu. O sr. João Azevedo de Carvalho, que não é homem para correrias, pois já vai nos 63 anos bem contados, quis ir muito cedo para o local do grande encontro. Às 17 horas, portanto, achava-se à porta do Estádio da Luz, não fosse algum atrevido ocupar-lhe o lugar e lá se ia toda a trabalheira que lhe deu a aquisição do bilhete. O sr. José de Carvalho é caboverdiano e, acidentalmente na Metrópole, não perderia esta ocasião de ver o Benfica. Precisamente junto duma das entradas do Estádio, já na altura com bastante afluência, sentiu um encontrão seguido de um rápido manipular nas suas costas. No meio de tamanho entusiasmo, encontrão a mais, encontrão a menos, não tem importância nenhuma. Mas, de repente, houve como que um pressentimento, um aviso visceral, um alerta: «E se me roubaram?» Acto contínuo o sr. Carvalho tacteava o bolso trazeiro das calças onde guardava um sobrescrito que continha a bonita soma de 40 contos. E foi o alarme, e comoção, o desespero. Os seus ricos 40 contos tinham voado, como por artes do demónio. Sem apelo. Atrevido e hábil de mãos, o carteirista não dera qualquer hipótese de defesa à sua vítima.

Claro que o sr. José de Carvalho participou o roubo à Polícia Judiciária. Claro que achou um exagero ter de pagar 40 contos por um jogo de futebol. E de tal desgosto até perdeu vontade de ver o Benfica. Coisas que só acontecem a quem traz «quanrentas» de cada vez no bolso.

Conferências no Porto

Hoje, às 21 e 30, na sessão do Instituto da Conferência da Ordem dos Advogados no Porto, incluída no ano judicial, o dr. Francisco Salgado Zenha fará uma conferência subordinada ao tema: «A organização judiciária como guardia constitucional da liberdade individual».

«Algumas reflexões sobre o problema do chamado crime sem motivo» é o tema da conferência que o juiz-conselheiro, dr. Vera Jardim, do Supremo Tribunal da Justiça, fará esta noite, no Hospital Magalhães Lemos, daquela cidade, incluída no ciclo de sessões científicas promovidas pelo Círculo de Estudos Psiquiátricos.

Município da Vidigueira

O «Diário do Governo» publica a portaria que nomeia o sr. Arlindo Maria Ruivo presidente da Câmara Municipal da Vidigueira. Por outro lado, é nomeado vice-presidente do Município de Alter do Chão o sr. Joaquim Aires Calado Mendes e reconduzido no cargo de presidente da Câmara da Mealhada o dr. António Dias dos Santos.

Defesa da concorrência

A folha oficial publica hoje a Lei n.º 1/72, pela qual se promulgam as bases sobre a defesa da concorrência. É, assim, revogada a Lei n.º 1936, de 18 de Março de 1936.

A nova lei só entrará em vigor com o decreto que a regualmentar (cujo prazo de publicação, aliás, não vem marcado).

LOTARIA DA PÁSCOA

DESAPARECIDA

Avisa-se o comércio de Lotaria, os vendedores ambulantes e o público em geral que não devem transaccionar os seguintes números:

Bilhetes em décimos: 13192 e 19354;

Bilhetes em cautelas: 7539, 8153, 14796, 16818 e 18271.

O facto foi participado à Polícia Judiciária.

Solicita-se a entrega destes bilhetes à Casa Travassos, na Rua da Palma, 43, ou Rossio, 42, Lisboa, e agradece-se, também, qualquer informação pelos telefones 86 45 33 ou 32 19 76.

PRÉDIO À LAPA

Prédio antigo, restaurado com 8 inquilinos, sendo 2 comerciais. Situado em magnífico local, bem servido transportes. PREÇO 900 000$00.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

PRÉDIO

AVENIDAS NOVAS

Bonito imóvel de Gaveto, construído há já alguns anos, rendas baixas, tendo cada inquilino 6 casas soalhadas. Composto de 8 pisos, com lados direito e esquerdo, sendo 2 inquilinos comerciais. PREÇO esc. 7 500 000$00.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

BOM APETITE

Estalagem "A GRUTA DO RIO"

RIO DE MOURO

Telef. 2900535

(Auto-Estrada para Sintra)

ESPECIALIDADES DIARIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO
PARA BANQUETES

TONI DOS BIFES

NÃO TEM SUCURSAIS

Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
ABERTO AOS DOMINGOS

PRAIA DE SANTA CRUZ
TORRES VEDRAS

VISITE O

MARLINDO

Café — Restaurante — Salão de Chá

A MAIS LINDA VISTA DE MAR DO LITORAL PORTUGUÊS

Jantares — Almoços — Banquetes — Lanches
Bons Aposentos

Reabertura: DOMINGO DE PÁSCOA

Organização da Pastelaria Havaneza de TORRES VEDRAS

Marcações pelo Telef. 23004

ESTALAGEM D. SANCHO II

ELVAS — Telef. 127

COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA QUARTOS CONFORTÁVEIS

NO SEU FIM-DE SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

Restaurante Mondego

COZINHA A PORTUGUESA

TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)

TELEFONE 36 81 60

AUXILIARES DE ENFERMAGEM

Para organismo do Estado, em Carcavelos. Facilita-se alojamento e alimentação. Resposta a este Jornal ao n.º 535

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de ampliação e remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 26 (domingo) das 8 às 13 horas, nas seguintes zonas:

Sacavém de Cima, Prior Velho, Corela do Fogete, Fonte Perra, Camarate, B.º do Grilo, B.º Angola, Galvão, Fetais, B.º de S. Francisco, Catujal. Apelação, Martin do Vale, Unhos, Serra da Amoreira, Ramada, Ribeirão, Famões, Ponte da Bica, Alveijar, Montemor, Caneças e todas as linhas de A. T. entre Sacavém-Camarate-Unhos e Serra da Amoreira-Ribeirão-Famões-Caneças.

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 23 DE MARÇO DE 1972.

O Engenheiro
Director-Delegado

a) **Casimiro Martins Neves Cabaço**

DL show

Chega esta tarde a Lisboa, para uma visita de alguns dias o popular actor norte-americano (o das séries de TV «Perry Mason» e «Inspector Ironside») Raymond Burr. Ao fim da tarde, a Radiotelevisão Portuguesa promove, no Hotel Ritz, um «cocktail» e uma conferência de Imprensa para apresentação de Burr.

★

Dentro do programa de promoção à nossa canção concorrente ao Festival da Eurovisão, a comitiva portuguesa ofereceu ontem uma grande festa em Edimburgo para mais de 200 pessoas das delegações dos outros países e orgãos de informação.

★

Recebemos da empresa Arnaldo Trindade uma pasta de promoção da canção portuguesa em Edimburgo. Óptimo trabalho, com excelente apresentação. Boa sorte para o Carlos Mendes.

★

A Oficina de Teatro da Universidade de Coimbra estará hoje na Guarda para dar uma apresentação no Cine-Teatro com a peça de Heinrich von Kleist, «O Principe de Homburgo», encerrando o espectáculo uma serenata de Coimbra. A

Teresa Tarouca

Carlos Mendes

receita reverte a favor da Obra do Gaiato.

★

Na segunda-feira, pelas 18 e 30, no Teatro de Gil Vicente em Coimbra, realiza-se um concerto em orgão electrónico pelo organista Simões da Hora. Serão executadas obras de Bach, Walther, Carlos Seixas, Haendel, Purcel e outros, sendo a segunda parte preenchida com música ligeira.

★

A Temporada Oficial de Ópera de 1972, prossegue hoje às 21 e 15, no São Carlos, com a primeira récita da ópera «Madame Butterfly», de Puccini, com a famosa cantora japonesa Atsuko Azuma na protagonista e à frente de um grande elenco.

★

O conjunto «Efe 5», está, ainda, a gravar o disco onde se inclui a canção «Baleizão» (popular do Alentejo) com arranjos vocais do próprio grupo e orquestração de Pedro Osório.

★

Teresa Tarouca, que grava actualmente um disco de folclore, prepara-se para tratar outro tipo de música: nem fado nem folclore. Como vai ser? Em breve o saberemos.

★

José Pisco, um norne algo desconhecido, grava novo disco para a etiqueta Alvorada, interpretando acordeão. Título do EP: «Estremadura em Corridinho».

★

Informam-nos da Movieplay que João Henrique, intérprete de uma das canções finalistas do IX Grande Prémio TV da Canção, gravará o seu segundo disco muito em breve.

UMA ACTRIZ DE VERDADE NUMA PEÇA DE AMBIGUIDADE

1 __ Dizem os inquéritos que a «Noite de Teatro» é a rubrica com maior audiência. Sabe-se como os inquéritos relativos a audiências costumam abrir umas largas brechas, brechas que vão muitas vezes até ao absurdo. O menos que se pode dizer é que não se descobriu até hoje um processo de levar o público de televisão a responder de maneira a poderem-se tirar conclusões sobre os seus gostos e preferências reais. Quando se vê o reduzido interesse que o público manifesta pelo futebol... nos inquéritos como não abrir a boca de espanto diante da quase história com que, ao nível nacional, se discute a não transmissão directa do jogo entre o Benfica e o Feyenoord?

2 __ Seja como for: a «Noite de Teatro» ocupa o cimo da tabela nos inquéritos. Podemos agora procurar razões que vão desde a frequência e regularidade na transmissão da rubrica até a deficiências na constituição da amostragem. A menos que na base provável esteja o facto de se tratar de uma rubrica falada... em português. Num país como o nosso de tantos iletrados oficiais e de tantos outros que, não o sendo oficialmente, o são na realidade pela total ausência de hábitos literários a facilidade de perceber a acção sem recorrer à leitura é precioso triunfo. As legendas no pequeno visor levam ainda entre nós a um certo desinteresse pela televisão. No dia em que as séries americano-idiotas forem dobradas (e hão-de ser, mais cedo ou mais tarde) tudo passará a ser pior isto é: aumentará a possibilidade de captação de mais vastas camadas de público. Nem tenham dúvidas: o que nos defende ainda um pouco da televisão portuguesa __ é a própria televisão portuguesa.

3 __ Com tudo isto se pretende concluir que a preferência dada às «noites de teatro» não se baseia, não, ai de nós!, numa tradição de qualidade.

Haverá, pois, que ter presente esta ideia quando se trate de avaliar uma peça como a de ontem.

«Não és tu a mulher com quem casei» ninguém se atreverá a dizer que seja uma peça de excelente qualidade. A «facilidade» das soluções, os cordelinhos das situações, o diálogo frouxo e sem relevo, tudo isso aponta directamente desde a primeira cena __ até à última.

De onde em onde, mesmo, a literatura sobre os joelhos de Malcolm Hulke ou lá como é que ele se chama, ou a adaptação descuidada criam sorrisos ambíguos entre certo público, propenso como sempre está para esperar «barracas» destas noites de teatro... Isso dá-se, por exemplo, quando a jovem casada, ao encaminhar o marido para o tálamo conjugal, situado no primeiro andar, lhe diz: **«Assim que subires a escada, sentir-te-às muito melhor...»** ou quando lhe sussurra amorosamente: **«E se te fosses deitar? É quando estás deitado junto de mim que tenho a sensação de que és realmente meu...»**

Se nos esquecermos destes pormenores, chegaremos a uma questão de ambiguidade que os telespectadores não deixarão de discutir. A demonstrar que a peça continha possibilidades de levantar problemas, coisa que nunca será demasiado louvar.

4 __ A jovem casada impede que o marido denuncie a presença de duas fardas de prisioneiros, certamente pertencentes a dois fugitivos. A jovem recebe a visita do irmão e de um amigo, marinheiro, de longo curso. Cria-se uma situação (frágil, frágil, com aquela história do sobretudo e dos dois fatos e com o cansaço do mano que o levou direitinho à cama em vez de apertar o bacalhau ao cunhado...) que leva o marido a desconfiar, olá, querem ver que os fugitivos estão lá em casa... Até porque o passado da mulher, não sendo coisa que lhe importasse muito, sempre lhe importava alguma coisa... A mulher, para não o magoar, não abre com facilidade os cordões à bolsa. Claro, um homem não é de pau __ e passa a ver tudo escuro.

5 __ A mulher impede-o de denunciar o achado das fardas dos fugitivos. **«Não quero vermo-nos envolvidos nisto. Não é por eles, mas por nós...»**

Aqui, a gente pensa a estar a assistir à tradução em teatro de «uma casa portuguesa, com certeza»: a gente cá vai vivendo como pode, mas graças a Deus, com a imagem de Santo António na parede, com um bocadinho de saúde e médico da Caixa, e mai nada, seja rei quem quiser, se baterem à porta a gente não abre!

Verifica, depois, que talvez não seja bem assim. Que o que a rapariga quer dizer na sua, seja isto: não temos o direito de pensar que os prisioneiros vivem num mar de rosas e que poderá não ser humano contribuir para a sua recaptura.

Esta sugestão parece abalada pela cena final, com o contentamento manifestado perante a notícia da recaptura dos fugitivos: a tranquilidade do lar está restabelecida, podem ser felizes, não terão necessidade, eles também, de correr perigos.

6 __ Tal contentamento parece fazer pender a balança de ambiguidade para o lado de uma «casa portuguesa». Simplesmente, o marido já não é o mesmo ser passivo e medroso que era. Libertou-se da mamã, libertou-se do meio social que o envolve de preconceitos, libertou-se do seu próprio medo, assumira uma responsabilidade, em resumo: com os seus 44 anos aprendera finalmente a ser um homenzinho. Nunca é tarde, meus senhores, nunca é tarde. Conheço alguns muito mais velhos que nunca o chegaram a ser. Donde estar errado o título da peça. Ficaria melhor.«Já não sou o homem com quem casaste». Vejam lá isso: se repetirem a emissão talvez o Malcolm não se importe de alterar.

7 __ Até porque a principal personagem ali é o Jorge (ou, se quisermos ser suficientemente ridículos, o **«Djoje»**...). A jovem casada **apenas** serve para o espoletar. Mas nesse **apenas**, por muito paradoxal, é que residia a principal atenção do autor.

E que bem cumpre a tarefa Henriqueta Maia! Teremos, por causa dela, de esquecer os outros actores (o que não seria difícil, em relação à maioria) e entre esses, o próprio Rogério Paulo sempre na procura inteligente de chegar até nós.

Henriqueta Maia não tinha a sua missão facilitada. Pelo contrário. A figura apresentava-se de contornos mal definidos e, acabada a peça, não ficaremos a pensar em Henriqueta Maia em termos da Mary: foi mais um papel na sua carreira... Simplesmente, a actriz conseguiu alguma coisa de comovente, porque conseguiu alguma coisa de real e vivo em situações onde um passo aquem do risco deitaria tudo no infantilismo e um passo além do risco deitaria tudo no lixo... o que saudamos em Henriqueta Maia é a inteligência com que se domina e com que domina as situações. O que saudamos nela é a alegria de representar, é a convicção com que assume a coragem do seu instinto (e da sua ciência).

Ao vê-la... como é que hei-de dizer... como é que hei-de dizer para mostrar a diferença... Ao vê-la parece que... Deus me perdõe... Parece que estamos a ver representar uma actriz estrangeira... Não, não, desculpem, não é isso. Parece que estamos a ver uma actriz adulta. Tal qual, uma actriz adulta. Ainda, no entanto, à espera da sua hora.

canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

Hospital Júlio de Matos

Grupo III — Concurso para reparação do caminhão «Opel-Blitz»

Até às 17.30 horas, do dia 10, do próximo mês de Abril, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos, deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17.30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13.30, as condições para o concurso em referência.

LISBOA, em 23 de Março de 1972.

O ADMINISTRADOR

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa
3.º MÊS
Hoje 2 sessões às 21 horas e às 23 horas
O Tartufo
RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEMOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de "Dorina"
DIVERTIDÍSSIMO !!!
M/18 anos

TEATRO • tel 326037
VARIEDADES
VASCO MORGADO
APRESENTA
DE RAY COONEY
E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
7.º MÊS
Empresta-me o Teu Apartamento
Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO
Encenação de VARELA SILVA
2.as, 4.as e 5.as Feiras, 21.45 h.; 6.as e sábados, 2 sessões: 20.45 e 23 h.
DOMINGO: à tarde, às 16 h.
4.as Feiras descanso da companhia

TEATRO
LAURA ALVES
TEL 864756
VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite, 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA
DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
4.º MÊS
Quem tem medo de Virginia Woolf?
Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUÍS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
2.as Feiras descanso da companhia
50 % de desconto aos estudantes benefício da Fundação Gulbenkian

TEATRO
CAPITÓLIO
TEL 327493
GIUSEPPE BASTOS
e VASCO MORGADO
apresentam
em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
A ORIGINALÍSSIMA REVISTA POPULAR
ORA BOLAS P'RO' PAGODE!
com
JOSÉ VIANA — LÍGIA TELES
BARROSO LOPES — DORA LEAL
A atracção nacional
CIDÁLIA MOREIRA
CARLOS MIGUEL — MARIANO FRANCO — DINA MARIA — EDUARDO VILAVERDE
e pela primeira vez no «compère» CARLOS GONÇALVES
GRUPO D — M/ 18 ANOS
AOS DOMINGOS A TARDE Às 16 HORAS
3.as Feiras, descanso da companhia

SHARP
GS-5400
MPX-37
GS-5500
GS-5600
GS-5530
alta fidelidade
alta qualidade
numa só palavra...
SHARP
Compactos, concebidos para se integrarem em qualquer ambiente e para satisfazerem os ouvidos mais exigentes, os conjuntos estereofónicos SHARP conquistaram os E.U. e, estão agora, a conquistar a Europa.
Os cinco modelos que figuram nesta ilustração estão à frente duma vasta gama destinada a satisfazer os gostos mais requintados.
SHARP — Símbolo Mundial de Qualidade
À VENDA NOS AGENTES SHARP
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA · PORTO

ABAIXO DE ZERO

crítica de DISCOS

José Jorge Letria

O equilíbrio financeiro das grandes casas editoras de discos, depende em larga medida do ecletismo da sua produção musical. Têm-nos ficado disso nos últimos anos óptimos exemplos. Só assim se explica que a Casa Arnaldo Trindade do Porto deixe coexistir nos seus quadros artísticos os nomes de José Afonso e do conjunto de António. Teòricamente a primeira posição seria de «prestigio» e a segundo de carácter puramente comercial. É necessário (julgam as grandes etiquetas) fazer uma ampla cobertura de todos os sectores do mercado, produzindo material que pela sua variedade quase folclórica se ajuste aos gostos de todo o público. Enganam-se.

Até há meia dúzia de anos com a rádio comercial a promover em regime de exclusividade o pior cançonetismo que por cá existia, as casas editoras tinham, efectivamente, para assegurar a sua permanência no mercado, de pôr lado a lado, o péssimo e o razoável. Mas agora as coisas modificam-se: mesmo os programas de critério flutuante e gosto duvidoso, têm já, pela força das circunstâncias, (há quem lhe chame apenas moda) um lugar reservado para a música portuguesa, dita nova, e, para os produtos de importação de qualidade indiscutível, caso de Bob Dylan, James Taylor, Carole King entre outros. Isto não é, porém, suficiente, para que as casas editoras abdiquem pura e simplesmente de todo o produto considerado «inferior»: a sua estrutura assencialmente comercial (e portanto virada para o consumo) não permite devaneios nem aventuras de qualidade que podem (então em Portugal!) saír caras a quem nelas se abalança. Tudo isso está muito certo e não somos nós, pese embora um certo conhecimento do «negócio», que o vamos desmentir ou negar. Aliás, a brevidade destas notas, não se compadece de grandes especulações por maior que seja a utilidade que lhe possamos reconhecer.

O que aqui se propõe não é extermínio de um determinado tipo de música, que continua a matar, directamente ou por tabela, a fome a muito boa gente; nem tampouco sugerimos que deixem de fazer-se contratos de gravação com os cançonetistas enfeudados ao velho figurino.

Não vamos propor isso. Não vamos propor nada disso. Não que nos falte vontade ou coragem: o que entendemos é que se trata de tarefa impossível nos tempos mais próximos.

É de resto na mediocridade de certos sub-produtos que se descobre a urgência das grandes reviravoltas. Que, pelo menos na música, se começam já a definir vagamente.

O que queremos sugerir é que certas etiquetas, mesmo as mais claramente viradas ao lucro revejam os seus critérios e evitem comprometer-se com nomes que, nem sequer comercialmente, trazem grandes compensações. Quer os patriarcas deste tipo de negócio queiram, quer não, José Mário Branco, José Afonso e outros vendem tanto ou mais que Paco Bandeira ou Rui de Mascarenhas. E, o facto de se dirigirem a sectores de público distintos não justifica o valor indiscriminado que por vezes se dá a uns e outros sem respeitar as mais elementares distâncias, que os separam.

OS FACTOS

Apresentamos a seguir sem grandes pausas, para não perder o folego alguns produtos que consideramos injustificáveis em qualquer etiqueta.

1 Um single com selo Palobal no qual o agrupamento «Los Unicos», apresenta, uma versão inqualificável do comercialíssimo «Chirpy Chirpy, Cheep, Cheep», que, durante algumas semanas teve residência fixa no «top» europeu. A mistela que nos é proposta neste 45 r.p.m. não merece contemplações, tal é a mediocridade dos ingredientes utilizados na sua preparação, Porque não se dedicam «Los Unicos» ao «flamenco» que pelo menos, sempre é prato caseiro? A sugestão aqui fica para quem a quizer aproveitar.

2 Com selo Columbia temos também duas rumbas do duo«Los Amaya», à atirar ao sul-americano. «Caramelos» e «Que mala Suerte» são os nomes de baptismo das duas rumbas, que nos parecem excelentes para o tratamento dos mais agudos casos de insónia: não pela lentidão mas pela inconcebível penuria musical que traduzem.

«Este disco serve-se frio senão derrete, e come-se em prato de gira-discos com acompanhamento de palminhas e sapateado» reza sugestivamente o texto de apresentação que enche parte da contracapa. No fundo cada disco tem a publicidade (quem sabe se os publicistas!) que merece.

3 É da Decca o último 45 r.p.m. dos «Bachelors» a ser lançado em Portugal. No lado A deparamos com a música do filme «Diamonds for Ever» assinada por Barry Black e no lado B com um tema da batidíssima dupla Bacharach-David que, para o efeito escreve «Where there's a Heartache».

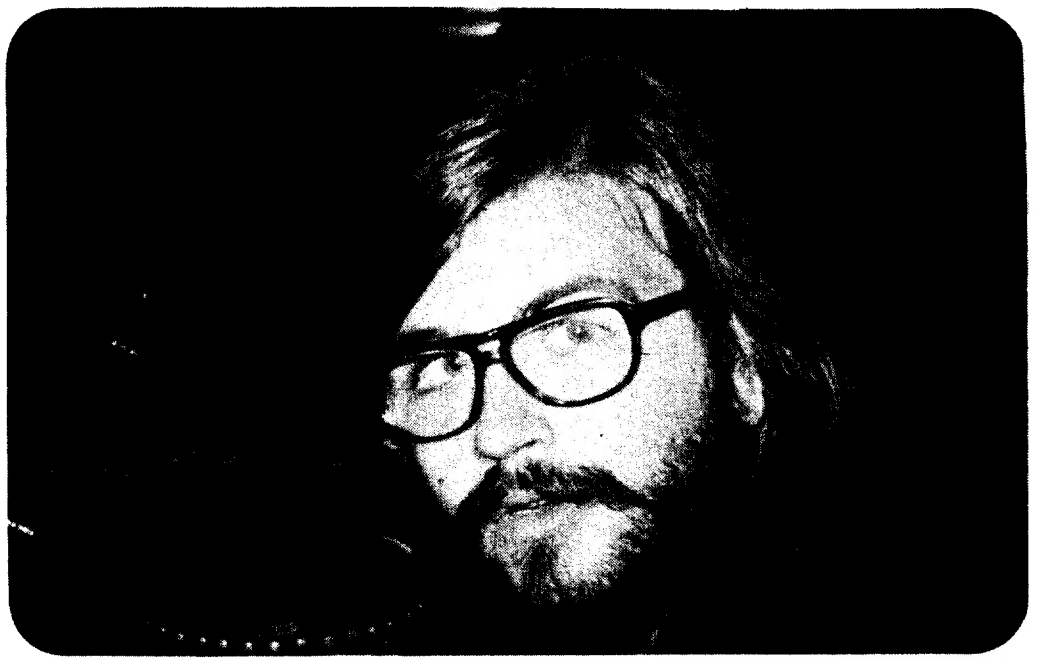
Os «Bachelors» (para quem o não sabe ainda, recordamos) são um agrupamento sem história: temas batidos, vocalizações pré-históricas, ritmos ultrapassados. Quem os meteu no filme de Bond (James) fortes razões devia ter. Nós imaginamos quais.

4 Chama-se Sissi e está (valha-a Deus!) na tradição do pior cançonetismo de trazer por casa. Ganhou recentemente o festival cançonetistico de Luanda com uma coisa chamada «Canção do Sol Nascente» que a Celta não hesitou em gravar. Pior que Mafalda Sofia e parente em linha directa de Suzy Paula, Sissi gravou para o esquecimento. Paz à sua voz!

O "rock-musical" Hair "não é indecente"

AUCKLAND (Nova Zelândia) Um júri composto por 10 homens e duas mulheres declarou hoje que o espectáculo «Hair» não é indecente. Depois de um julgamento de quatro dias no supremo tribunal desta cidade, o juri não precisou de muito tempo para se pronunciar sobre a acusação de indecência, feita pelo ministério público, à peça musical americana «Hair», estreada em Auckland a 26 de Fevereiro no «Her Majesty's Theatre».

O teatro tem esgotado a lotação todas as noites.



Carlos Alberto Moniz canta Sá-Carneiro

Depois de um interregno de alguns meses, Carlos Alberto Moniz grava de novo. Como título principal deste seu EP, surge-nos «Estátua Falsa», com música do intérprete para o poema de Mário de Sá Carneiro.

«Não gravava desde Julho do ano passado. Era a altura de fazer um disco», disse-nos Carlos Moniz quando o procurámos nos estúdios da Polyson Estava em pleno trabalho de gravação. O Carlos, de viola em punho, ensaiava o instrumental de base: baixo, bateria, piano e viola acústica. Sob a direcção de Pedro Osório, afinavam-se os últimos retoques. Dentro em pouco «sairiam» as canções. Quais?

«Estátua falsa», de Mário de Sá Carneiro, com música minha, «Canção para um Sorriso a Inverno», poema de Nuno Gomes dos Santos e música de Ciriaco Martins (do «Duarte e Ciríaco»), «Soltem-me as Velas», ainda de Nuno Gomes dos Santos com música minha, e «Canção», música de Maria do Amparo para um poema de Emanuel Félix».

Porquê Mário de Sá Carneiro?

«Em primeiro lugar porque gosto muito de Sá Carneiro. Depois porque, ao ler outra vez (já nem sei quantas!) as «Poesias», dei por mim a cantarolar a «Estátua Falsa» com uma melodia que, depois de trabalhada, resultou na canção agora gravada.»

Quando sairá o disco?

«Agora há que esperar pela prensagem, capas, etc. O costume. Não levará, segundo creio, muito tempo.»

Carlos Moniz gravou, já, dois discos. O primeiro com canções da sua terra (Ilha Terceira), o segundo com canções de José Jorge Letria, Nuno G. dos Santos e música sua, também. Este é o terceiro acetato. Nota curiosa: sempre com orquestração de Pedro Osório. Não vamos perguntar se este é melhor do que os outros De qualquer modo, que lhe parece este último disco? Estará o Carlos satisfeito com o trabalho de estúdio?

«Estou satisfeito, mas, por enquanto, ainda é cedo para poder fazer uma ideia mais certa. Só daqui a algum tempo é que poderei falar friamente do disco, ou seja, depois de o estudar. Isso vai servir-me para tirar conclusões para trabalhos futuros.»

Interrompemos a nossa conversa. Havia que gravar mais um pouco. Tempos depois retomámos o fio à meada. Tínhamos, ainda, uma pergunta a fazer. Crónica, aliás: que projectos terá Carlos Alberto Moniz?

«Continuar a fazer música».

É pouco, ou seja, queríamos uma resposta mais concreta. Mas Carlos Moniz ainda não tinha terminado.

«Ainda antes de Abril vou gravar um disco com a Maria do Amparo, que veio expressamente dos Açores para isso. Estamos a trabalhar a fundo vários temas do folclore açoriano que gravaremos a duas vozes. A Amparo é autora de uma das músicas do EP que estou agora a gravar.»

E quanto ao «Efe-5», do qual Carlos Moniz faz parte?

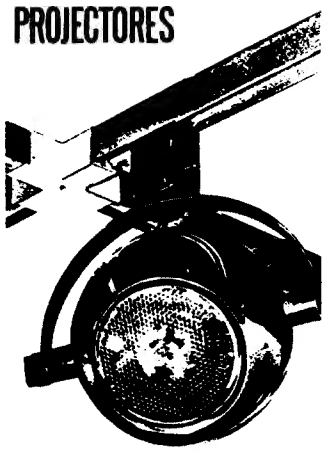
«Estamos a gravar um «single»

E nada mais havia para dizer. Carlos Moniz estava a trabalhar o seu disco. «Continuarei a estudar música, claro!», ainda nos disse à despedida. Cada um trabalha da maneira que acha melhor e o Carlos estuda música. Quem o censurará?

ILUMINAÇÃO INCANDESCENTE

CALHA ELECTRIFICADA

PROJECTORES



JF

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª,L.DA

TEL. 654165 * LISBOA

AS FÉRIAS Á PORTA

O seu corpo estará preparado para vestir o seu fato de banho ou vestidos próprios para a temporada? Num tempo «record» ele retomará o aspecto juvenil pelo mais moderno processo de emagrecimento: A GINÁSTICA ELECTRÓNICA. Tratamentos ao domicílio pelas nossas «visitadoras de beleza» especializadas. Marcações e inf. EURODINAMICA, LDA. T. 83 69 69.

UM DIA TURÍSTICO NO RIBATEJO

DOMINGO, 9 DE ABRIL

Inauguração da época da Praça de Touros de SANTARÉM

— Transporte em autocarro de Lisboa a Santarém, e volta.
— Passeio turístico no Ribatejo (visitas a grandes casas agrícolas e adegas — prova de vinhos).
— Almoço rústico em pleno campo.
— Festa no campo, com garraios, cavalos e campinos.
— Bilhete para a tourada.

Preço ..... **295$00**

— Programa anterior com jantar, no qual tomam parte os toureiros do festival, com sessão de fados e exibição de ranchos folclóricos.

Preço ..... **415$00**

Uma Organização:

WASTEELS EXPRESSO

Av. António Augusto de Aguiar, 88-C — Telef. 4 21 85
Rua dos Caminhos de Ferro, 62-C — Telef. 86 85 88

PEÇA PROGRAMA

A PÁSCOA EM PARIS!

Partida: 31 de Março **Regresso: 3 de Abril**

Preço Esc. 4.890$00 (suplemento de Esc. 600$00 para quarto individual)

Inclui: Passagem aérea Lisboa/Paris/Lisboa, Hotel de luxo (dormida e pequeno almoço), transfers Aeroporto/Hotel/Aeroporto e ESPECTÁCULO NO LIDO com direito a 1/2 garrafa de champanhe.

Inscrições:

Viagens MERCURY Turismo

LISBOA — Av. da Liberdade,161 — Telef. 561081
PONTE DA BARCA — Pr. do Município — Telef. 42178

Estreias de
CINEMA
Lauro António

OS LOUCOS DE TOM GRIES

TÍTULO: Corações Impacientes (Fools)
REALIZAÇÃO: Tom Gries, 1971 (EUA);
INTÉRPRETES: Jason Robards, Katherine Ross, Scott Hylands, Marc Hannibal, Robert C. Ferro, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Sonoro Filme.
ESTREIA: Cinema Tivoli 20/3/72)

TÍTULO: Shango (Shango)
REALIZAÇÃO: Edward G. Muller, 1970 (Itália);
INTÉRPRETES: Anthony Steffen, Eduardo Fajardo, Maurice Poli, Bárbara Nelli, Giusva Fioravanti, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Internacional Filmes.
ESTREIA: Cinema Olympia (20/3/1972).

Tom Gries: os seus inícios no cinema estão marcados por colaboração diversa, desde publicista a argumentista. Depois. a televisão. De novo argumentista e, finalmente, realizador. Dois filmes de que o autor não gosta mesmo nada de ouvir falar: **Mustang** e **Hell's Horizon** (1955). O tempo passa a Tom Gries, que nasceu em Chicago em 1922, vê tardar a sua verdadeira **chance**, até que, em 1967, Charlton Heston lhe oferece, de mão beijada, o argumento e a realização de **Will Penny**, um dos melhores **westerns** americanos dos últimos anos. Nada de grandioso, nada de profundamente «revolucionário» no género: apenas um **western** cheio de cansaço, de fadiga, de lentidão, com um «herói» envelhecido, doente, corrompido pela monotonia de um quotidiano nada brilhante, nada apetecível. Começou-se então a olhar para Tom Gries e, no ano seguinte, eis que surge novo **western** e com ele novo motivo de interesse: **Cem Armas ao Sol (One Hundred Rifles)**, primeiro filme americano a apresentar uma cena de amor intenso entre uma branca (R. Welsh) e um negro (Jim Brown). Para além disso, uma curiosa análise de certos aspectos da revolução mexicana e da sua recuperação pelo lado ianque. Seguidamente, **O Senhor das Ilhas**, segunda parte de **Hawai**, uma crítica ao colonialismo americano com certas ideias esclarecidas, mas uma evidente falta de garra. O pássaro passou ao largo e Tom Gries perdeu uma oportunidade, ainda que tenham permanecido as «boas intenções». Charlton Heston era de novo o protagonista e o filme vinha também marcado pela sua presença absorvente. O que fora importante em **Will Penny**, tornara-se penoso em **O Senhor das Ilhas.**

Com tudo isto chegamos a **Corações Impacientes** (Fools), filme interpretado essencialmente por um par de actores, que suportam toda a hora e meia de espectáculo: Jason Robards e Katherine Ross. Dada a insistência com que os realizadores americanos optam pelo termo **fools** (louco) no seu cinema, isso poderá assinalar uma certa «má consciência» em relação ao seu presente. Ainda há dias vimos **Fool Parade** (Três Homens em Fúria), um filme muito medriocre de Andrew MacLaglen, e eis que de novo nos surgem mais **fools** de proveniência norte americana. Que a **nave** era de **loucos**, já nos dissera Stanley Kramer (num filme demagógico como o diabo); que **o mundo** era **maluco**, isso mesmo repetira Kramer, anos depois, numa comédia louca como a voragem do dinheiro. Tom Gries, ainda que falhando o filme, vem-nos dizer algo de mais preciso, de menos parabólico, de menos abstracto. **Fools** é a autópsia uma sociedade, minada pela violência da guerra, pelo terror da espionagem, pelo fanatismo da investigação (a melhor sequência do filme deve-se precisamente à entrada de dois agentes do FBI em casa de Jason Robards, procurando um suspeito, cena essa que Robards irá mimar no fim do filme com igual interesse), pela alienação na droga, pela poluição, pela morte, pela imbecilidade...

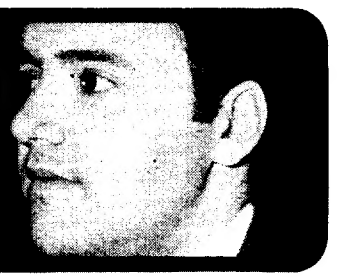
Dois personagens: Jason Robards é Mathews, um actor de cinema especializado em filmes de terror; Katherine Ross é a esposa fugitiva de um advogado sucesso, que acaba assassinada pelo seu «bem amado» (e prepotente) esposo. Eles são os marginais desta história, aqueles para quem é possível uma certa distanciação frente à sociedade. Mathews sabe-se aliás incapaz de transformar seja o que for. Anais pretende simplesmente viver, ser jovem e livre. O que o filme nos procura demonstrar é a impossibilidade dessa liberdade, a impossibilidade desse amor, a impossibilidade dessa juventude... Hoje em dia na América...

Tom Gries, porém, não recusa o «banho maria» e a sua fitinha não sai das meias tintas com muita canção de embalar e meia dúzia de cenas de amor que nada adianta na economia da obra. O que aqui se lamenta, pois com um outro rigor de análise e, sobretudo, com um outro rigor narrativo, Gries teria, certamente, logrado um filme bem mais interessante e vigoroso.

Lamentável, em extremos muito diferentes (a obra de Gries, apesar das suas fraquezas, vale ainda uma ida ao Tivoli), é o novo **western** italiano que o Olympia estreou esta semana. **Shango**, de Edward G. Muller, com Anthony Steffen no protagonista, não tem ponta por onde se lhe pegue. Mal por mal, antes **Trinitá,** o insolente. Esse ao menos é gozado e por isso magoa menos.

Bailado na Gulbenkian

critica de
música
MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO



A existência do Grupo Gulbenkian de Bailado, os moldes em que tem funcionado, a projecção cultural que tem ou pode vir a ter no nosso meio, as perspectivas de realização artística e profissional que oferece a artistas portugueses, tudo isso, em ligação com a situação actual do ensino da dança e das artes que mais directamente a ela se associam e com a reforma (dizem) em estudo, seria adequado tema de discussão para um dos muitos encontros - debates que a Fundação Gulbenkian tem promovido sobre bailado. Ao que parece, porém estes incidem de preferência nas montagens que vão sendo estreadas pelo Grupo. Certamente, no último desses debates discutiram-se as concepções de Carlos Trincheiras e Milko Sparemblek (actual director artistico da Companhia), postas em prática nas coreografias respectivamente de **Arquipélago III** e **Sinfonia de Salmos.** Como não participámos nesse colóquio, resta-nos procurar reconstituir um itinerário coerente para o trabalho dos coreógrafos a partir dos dados da música e confrontá-los depois com o que foi seguido (aparentemente).

André Boucourechliev, autor da série de peças «Archipel» situa-se na linha de descendência da 2.ª Escola de Viena (e, mais precisamente, de Werber), podendo talvez considerar-se incluído entre os chamados compositores pos-seriais (pelo menos, em relação a boa parte da sua obra). As peças desta série caracterizam-se pela mobilidade da sua estrutura: de interpretação para interpretação muda a organização da forma, da duração e da articulação. A parte de cada músico é escrita numa grande folha rectangular onde se encontram dispostas sem um critério explícito de ordenação e com diferente relevância gráfica todas as estruturas musicais que lhe competem. O que se pretende é que, em cada momento o músico escolha livre e instantâneamente, entre as opções que se lhe deparam ao primeiro relance, aquela que vai tocar. No dizer do autor, cada intérprete determina em cada momento o curso da obra, imprevisível, e é função duma infinidade de situações colectivas incessantemente renovadas, que o escutar recíproco aprecia, provoca, conduz. Uma obra, portanto, onde tudo é aleatório, excepto o conteúdo intrínseco a cada uma das múltiplas secções escritas constitutivas de cada uma das partes.

Compreende-se que a imaginação de um coreógrafo e de um Grupo de Bailado se excite com a ideia de transpor para a dança a riqueza de situações imprevistas criadas por um tal suporte musical. Estamos a ver, portanto, o conjunto das percussões de Estrasburgo no Auditório Gulbenkian, a tocar uma das versões possíveis do **Arquipélago III,** e os componentes do Grupo de Bailado a responderem, dentro das coordenadas definidas pelo coreógrafo (que se pressupõem paralelas das definidas pelo compositor), aos estímulos mais ou menos inesperados que lhes vêm da música. Mas não: onde a unidade estética do espectáculo começou logo a falhar foi no disco transmitido pelos meios de reprodução sonora habituais no Auditório. Uma vez que se optou pelo disco é evidente que se fixou inalteràvelmente uma das versões possíveis, e a obra perdeu — enquanto disco — todo o seu carácter aleatório. Transformou-se numa banda sonora que o coreógrafo trabalhou da mesma forma determinista que usaria **mutatis, mutandis** para qualquer outra. Além disso, também não demos por que Carlos Trincheiras se tivesse preocupado mìnimamente em conhecer **por dentro** a estrutura musical da versão fixada em disco, procurando tirar partido disso para acertar mais estreitamente o passo pela música. Pelo contrário, que a obra de Boucourechliev foi tomada apenas como ilustração sonora, comprova-o, de certo modo,

CARLOS TRINCHEIRAS o coreógrafo de «Arquipélago III»

a ilustração literária inserta no programa, extraída do «Poema do homem só» de António Gedeão: «Sós/ Irremediàvelmente sós,/ Como um astro perdido que arrefece./ Todos passam por nós/ e ninguém nos conhece.// Os que passam e os que ficam./ Todos se desconhecem./ Os astros não se explicam:/ Arrefecem.» Em suma: **Arquipélago III** salda-se em três componentes estèticamente contraditórias, sem que o responsável pelo espectáculo tenha, nem por sombras, conseguido unificá-las numa síntese de ordem superior.

Também a **Sinfonia de Salmos** colocava sérios problemas ao autor da coreografia, dado que, sendo embora uma das raras obras-primas do chamado «período neo-clássico» de Stravinsky, carece do equilíbrio formal que a designação de Sinfonia normalmente inculca. No entanto, aqui, compreende-se melhor que prevalecesse um critério de interpretação do sentido global da obra, de transposição para o palco do seu conteúdo místico-religioso ou da concepção que dele tem o coreógrafo. E não faltaram coreagrafia de Sparemblek elementos de um certo espírito lúdico e de paganismo que alternam na obra de Stravinsky com o misticismo cristão. O final, aliás um dos momentos mais belos da coreografia, é uma mistura de tudo isso.

No conjunto, é difícil falar da qualidade de realização atingida pelos elementos do Grupo Gulbenkian. Por alguma razão ele está muito longe dos «Ballets du Vingtième Siécle» ou do «Alwin Nikolais» (no que toca ao repertório moderno) apesar de pertencer a uma instituição provàvelmente muito mais poderosa financeiramente do que aquelas de que dependem essas outras Companhias. Por alguma razão nunca saímos dum espectáculo de bailado da Gulbenkian com a impressão de ter assitido a um acontecimento marcante no domínio artístico. Por alguma razão os espectáculos são frequentados essencialmente por um certo tipo de público que não exije mais, porque está mais interessado na maneira de consumir, e em consumir, do que em assimilar ou participar numa tomada de consciência colectiva. Por alguma razão... mas qual? Se os encontros-debates fossem antes de mais, ao fundo dos problemas, talvez obtivéssemos resposta .

VISITE O STAND
domil
EXPOLAR 72 Porto
EXPOLAR 72
de 23 de Março a 2 de Abril

domil é
A primeira Empresa (nacional) a lançar no mercado, produtos de higiene, cosmética, limpeza doméstica e industriais comprovadamente biodegradáveis, não poluitivos altamente concentrados.

domil Está presente na EXPOLAR/72 - 1.ª Exposição Internacional do Lar Moderno.

domil PRODUTOS QUÍMICOS DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS, LDA.
PORTO ★ LISBOA ★ LUANDA ★ LOURENÇO MARQUES

PUBLINTER

Centro do pessoal do serviço meteorológico

Foram empossados os corpos gerentes, para o corrente ano, do Centro de Alegria no Trabalho do Pessoal do Serviço Meteorológico Nacional, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — presidente, eng.º Manuel Alves de Carvalho Fernandes; secretário Paulo Dias Agostinho e Joaquim Martins de Almeida.

Direcção — presidente, eng.º José Maria da Rosa; vice-presidente, António Feliciano Pinto Pacheco de Novais Barreto e Castilho; secretários, Maria Georgina Figueiredo Castelo Branco e António Albino Pereira; tesoureiros, Jorge Cruz Chagas e Diamantino Dias Antunes; vogais, do Pelouro Social, João Carlos Ferreira Tristão, Cultural, Luis Manuel Ramos de Vasconcelos; Recreativo, Joaquim de Oliveira Sousa; Desportivo, Elias Ornelas de Andrade Souto; e da Cantina, Fernanda Pereira Carriço Antunes.

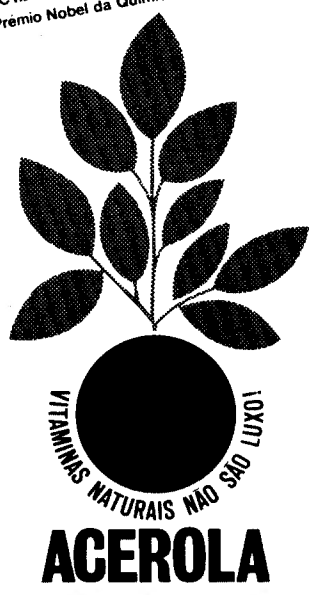
Conselho fiscal — presidente, Luis Ribeiro; vogal, Mário da Silva; relator, Candida Rosa dos Santos Mota Alves.

hifen

CAMPANHA DE PREVENÇÃO E FOMENTO DA SAÚDE

VANTAGENS DA VITAMINA C NATURAL

"A vitamina C natural é a cura e a prevenção contra as constipações vulgares." Prémio Nobel da Química e Prémio Nobel da Paz. Linus Pauling



ACEROLA

A mais rica fonte natural de Vitamina C, defende o organismo contra as infecções, os resfriados, as constipações e as gripes tão vulgares nesta época.
Com ACEROLA a sua capacidade física e intelectual mantém-se intacta.

embalagens de 50 e 200 caps a 80$ e 300$ - se não encontrar na sua mercearia ou supermercado envia-se à cobrança * pedidos a diese Av da República, 46 - Lisboa 1

SONORO FILME

O drama de uma geração através do conflito interior de uma mulher só.

o recado

Eastmancolor

Maria Cabral · Jose Viana

num filme de
José Fonseca e Costa

Uma produção UNIFILME/CENTRO PORTUGUÊS DE CINEMA
subsidiada pela FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

HOJE ESTREIA AS 21,45

VOX

GRUPO C (14 ANOS)

O «Duque da Ribeira» faz 70 anos

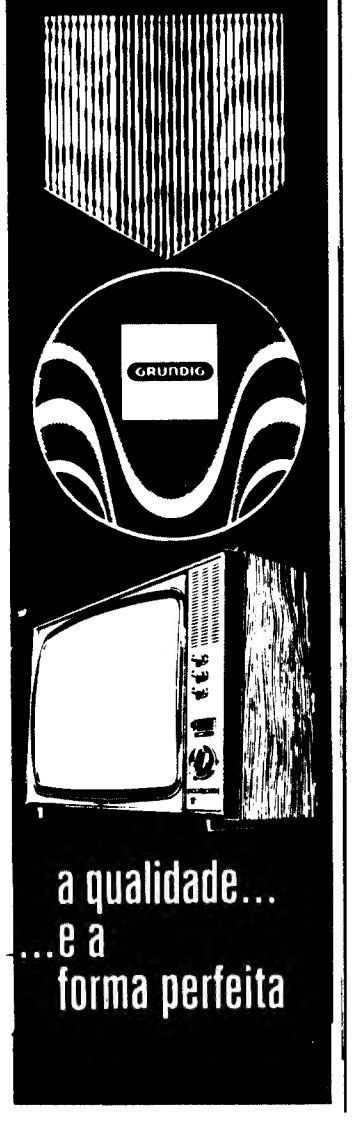
Festeja hoje, no Porto, o seu 70.º aniversário o sr. Deocleciano Monteiro, o popular e muito estimado «Duque da Ribeira», homem generoso, de largo altruismo para com o semelhante, que tem levado a vida a retirar das águas do Douro pessoas a.ogadas: Principalmente, em gestos corajosos e abnegados, tem salvo inúmeros dos que correram risco de morrer nas águas do rio.

Assim, viu-se hoje redeado do carinho, da gratidão e do respeito da população ribeirinha.

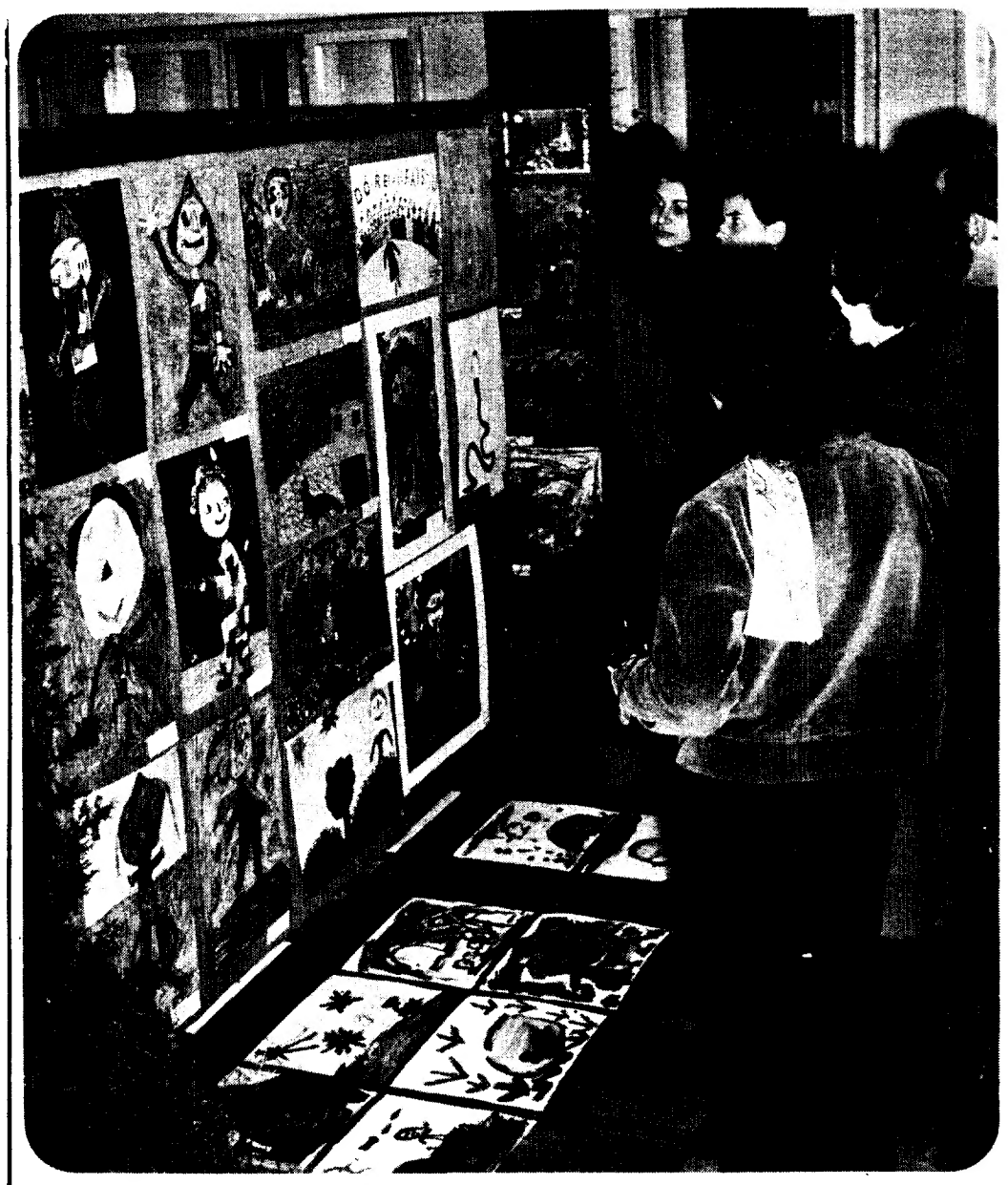
Se à MELHOR qualidade corresponde o MELHOR preço tenha V. tambem o MELHOR!

Tenha um

GRUNDIG



a qualidade... ...e a forma perfeita



Arte Juvenil em exposição na Casa da Imprensa

Cerca de quinhentas pinturas e desenhos encontram-se expostos, desde o princípio da tarde de ontem, na Casa da Imprensa, numa iniciativa da APEA (Associação Portuguesa para a Educação pela Arte). As criações, da autoria de jovens «artistas», de idades compreendidas entre os três e os doze anos, foram inspirados em contos, poemas e narrativas.

Fundada em 1956, a APEA procura diligenciar, por todos os meios ao seu alcance, que à arte seja dado um lugar de maior realce nos programas escolares a nível juvenil, promovendo exposições em bairros e agremiações populares.

LIBERTAÇÃO PELA ARTE

— «A criança tinha quatro anos e não falava. Comecei a incentivar-lhe o gosto pela pintura e, passados alguns meses, a mudez desapareceu, tornando-se a criança alegre e sadia».

Este episódio de libertação pela Arte foi narrado ao repórter por uma sócia da Associação, a dr.ª Maria do Carmo Rodrigues que, durante alguns anos, dirigiu o extinto semanário funchalense «A Canôa».

A criança pinta para comunicar e esta forma de comunicação expressa-se nela com alegria. Despertar na opinião pública a noção de que a criação artística corresponde a uma necessidade comum à humanidade e que a Arte é um dos meios mais nobres de expressão e de comunicação, constitui, pois, outro dos pontos que a APEA pretende atingir.

Para isso torna-se imperioso concentrar os esforços e promover a colaboração de todos aqueles que se consagram à Educação pela Arte, participando sem competir, expondo sem segregar; entre as quinhentas pinturas e desenhos reunidos na Casa da Imprensa, encontram-se criações de crianças originárias de estratos sociais diferenciados, desde o Liceu Charles Lepierre ao Bairro do Casal Ventoso.

A exposição mantém-se aberta, das 15 às 19 horas, até 4 de Abril, festejando-se, ali, no dia 2, o aniversário de Hans-Christian Andersen, Dia Mundial do Livro Infantil.

Terminou esta manhã o rescaldo do incêndio no supermercado de frutas

Terminou às primeiras horas de hoje o trabalho de rescaldo do incêndio que deflagrou ao princípio da tarde de ontem num supermercado de frutas da Avenida António Augusto de Aguiar. O fogo começou na cave do edifício, provocado pela rotura da mangueira de um maçarico de soldadura de exi-acetilénico.

Densa fumarada dificultou a acção dos bombeiros desde o primeiro instante que, por diversas vezes, tentaram penetrar no interior do prédio para montarem um dispositivo de ataque com espuma. Quando, ao fim de grandes esforços, conseguiram entrar no prédio, o emprego da espuma não resultou. Só ao fim de mais de seis horas de trabalho duro, é que os duzentos bombeiros deram por terminado o trabalho.

No combate ao sinistro cinco bombeiros sofreram ferimentos ou intoxicação, pelo que tiveram de receber curativo no carro móvel do B.S.B. e, mais tarde, no Hospital de S. José. Dadas as dimensões do sinistro, que provocou alarme em toda a cidade, o tráfego de veículos foi interrompido naquela artéria, só se restabelecendo por volta das 18 horas.

Os prejuízos, parcialmente cobertos pelo seguro, estão estimados em cerca de mil contos.

Sociedade Portuguesa de Estomatologia

Hoje, pelas 21 horas, realiza-se, na Sociedade Portuguesa de Estomatologia, a sessão inaugural das actividades académicas daquela agremiação científica e o início das funções da sua actual direcção.

Além da apresentação de directrizes pelo actual presidente, dr. Lélio Macias Marques, haverá uma palestra sobre «Cancro oral», proferida pelo dr. Nunes da Silva, seguindo-se um beberete de confraternização.

Espelho da Imprensa

O LEITE QUE NÃO SE BEBE

«Por duas razões se justifica o título que encabeça o nosso artigo de hoje. Nós portugueses, somos dos Povos mais frugais no uso do leite alimentar. Há, portanto, na linha das nossas lacunas dietéticas, um largo vazio a preencher com muitos litros de leite de que não temos sido grandes consumidores. Já não vale a pena insistir nas virtudes do leite porque tanto os aspectos puramente nutricionais como os de natureza económica estão por demais explorados para que se não dê a ninguém a novidade de que o leite reúne condições de alimento de primeiro plano e de baixo preço - se pusermos em relevo a sua riquíssima composição físico-química e o custo absoluto e relativo de cada um dos seus componentes.

Também se não procura insistir na circunstância de que o leite só merece ser considerado como tal quando obedece ás características higiénicas e sanitárias que em todos os países civilizados integram a sua própria definição de alimento de excepcional valia.

A outra razão - não menos forte, não menos oportuna, infelizmente - consiste no facto de que se não bebe leite porque... o não há. Nem em quantidade bastante nem de qualidade capaz! E esse é outro dos muitos problemas que ensombram um líquido de imaculada alvura mas muito atreito a fazer a vida negra ás criaturas a quem o destino ligou a qualquer das fases da produção, comercialização e consumo - isto é, a toda a gente!

Todos os que, connosco, defendem a necessidade de alimentar racionalmente os componentes de um Povo como condição essencial ao desenvolvimento do processo de valorização das pessoas nele integradas, batem-se, em todos os redutos, em todas as oportunidades e em todas as circunstâncias, numa batalha sem tréguas, para que se atinja este objectivo singelo: o de levar a nossa gente a consumir leite de qualidade, em níveis de capitação susceptíveis de satisfazerem a cobertura das necessidades de um Povo inserido num contexto onde não pode subestimar-se o significado de indicadores como o referente ao consumo de produtos animais.

Por isso não afrouxaremos o esforço que a Campanha da distribuição de leite nas Escolas nos está a impor e não abrandará o ímpeto com que temos lutado para que a qualidade do leite posto à venda e pelo qual o público dá o seu dinheiro, seja digna de quem produz e de quem consome.

A débil contextura do nosso aparelho de produção exige, porém, muito dispêndio de dinheiro, de energias malbaratadas, de esforço improdutivo para o manter em funcionamento: «nunca tantos trabalharam tanto para tão pouco»!

Como todos os problemas também este apresenta um dilatado matiz de incógnitas e permite variadíssimas soluções.

Tão complexo ele é, contudo, que até agora ninguém o resolveu e as páginas dos jornais focam-no, constantemente, sobretudo quando, como agora, as pessoas o querem beber e não o encontram. Para lá da translúcida brancura do leite há dores, queixumes, recriminações, guerras abertas ou escaramuças de que apenas se apercebem os que estão mais perto dos eventos.

São os produtores que clamam por um preço mais compensador; é o público a quem falta o leite ou se apercebe da sua má qualidade; são os técnicos que vivem com paixão a problemática de um produto sempre pródigo em facultar ás bactérias um excelente caldo de cultura e ao zelo dos que estão ligados, de qualquer forma, ás fases diferentes do seu circuito, motivos de preocupação, de desespero, de raiva, de alegrias, de triunfos e de derrotas.

O mundo do leite - do que se bebe e do que se não bebe - é bem um mundo vivo, apaixonante e absorvente.

Por isso o povoam, com a alma em efervescência, com a vontade tensa e com a paixão à flor dos lábios tantos de nós que sentimos pelo peite e pelos problemas que o assoberbam algo indefinido, de telúrico, cujas raízes mergulham nesse líquido alvo de neve, primeiro alimento das nossas vidas, grande motivo das nossas preocupações.»

(Ind «Boletim de Vulgarização Veterinária»)

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos na nossa redacção as seguintes publicações:

«Casa do Pessoal da Mobil», relatório e contas de 1971.

«Guérin», boletim N.º 58.

«Associação dos Bombeiros Voluntários da Ajuda», relatório e contas de 1971.

«Câmara de Comércio Luso-Americana», relatório e contas de 1971.

«Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela», relatório, balanço e contas relativos a 1971.

«Companhias Reunidas Gás e Electricidade», relatório de 1971.

«Cooperativa-A Habitação Económica Portuense», relatório, balanço e contas de 1971.

«Grémio Nacional dos Industriais de Construção e Reparação Naval», relatório e contas de 1971.

«Sociedade Portuguesa de Patologia Aviária», II Jornadas Veterinárias de Avicultura.

«Escola Industrial de S. João da Madeira», récita dos finalistas.

«Rodoviária», N.º 199, de Março de 1972.

«A Previdência Portuguesa», relatório e contas de 1971.

«Grupo Cultural e Desportivo dos Empregados do Banco de Fomento Industrial», relatório e contas de 1971.

«Sociedade Portuguesa de Relações Públicas», relatório e contas de 1971.

«Instituto Nacional de Estatística», Boletim Mensal de Estatística, N.º 12.

MORTOS EM COMBATE

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província da Guiné, o soldado n.º 19902570, Diamantino Lopes Dias, natural de Figueiró dos Vinhos, filho de António Dias e de Soledade da Conceição Lopes, e o soldado milícia n.º 79671, Serra Dava; na província de Moçambique, o marinheiro n.º 171/67, António José Parreira Salgueiro, natural de Portalegre, filho de José Francisco Salgueiro e de Maria Jacinta Parreira.

DO MELHOR PANO ...SAI A NÓDOA

NO-DO-MIL é um amigo poderoso, eficiente e económico!
Uma nódoa, não justifica a despesa de limpar um fato inteiro!
Por uma nódoa imprevista, não precisa mudar de vestido.

TENHA SEMPRE NO-DO-MIL AO SEU ALCANCE!
O tira-nódoas poli-solvente, não inflamável e adaptado à limpeza instantânea de qualquer tipo de nódoa em qualquer tipo de tecido.

no-do-mil

UM PRODUTO NOVO, FABRICADO PELA
DOMIL — PRODUTOS QUÍMICOS, DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS, LDA.
PATENTE DA REEF CHEMICAL CORP. (PTY)
PORTO — R. FARIA GUIMARÃES, 718, 4.º-DTO. — TEL. 49 50 25
LISBOA — R. PASCOAL DE MELO, 124, 2.º-ESQ. — TEL. 53 92 52

BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS

S. A. R. L.

CAPITAL 370.000.000$00

O Conselho de Administração anuncia que por portaria do Ministério das Finanças de 7 de Março de 1972, publicada no «Diário do Governo», III.ª Série, n.º 62 de 14 do mesmo mês, foi este Banco autorizado a emitir 80 mil acções para serem oferecidas a subscrição pública, com preferência para os depositantes das Instituições de crédito fusionadas por escritura de 14 de Março de 1972, nas notas do 12.º Cartório Notarial de Lisboa e que são Augustine, Reis & Cia. e Souza, Cruz & Cia, Lda., e nas condições seguintes:

1 — As acções são do valor nominal de 1000$00 e o preço de emissão de 3000$00 cada uma, a liberar integralmente, em numerário, no acto da subscrição;

2 — As acções destinadas aos depositantes das Instituições de crédito fusionadas referem-se a contas que tenham sido abertas até 31 de Dezembro de 1971, aceitando-se apenas um boletim por conta;

3 — A todas as acções subscritas será atribuído o dividendo relativo ao exercício de 1972;

4 — A subscrição será aberta nos balcões sitos nos seguintes locais:
LISBOA — Rua da Conceição, n.ºs 108 a 110
PORTO — Praça da Liberdade, n.ºs 15 a 16
MATOSINHOS — Rua Brito Capelo, n.ºs 184 a 186

5 — O prazo da subscrição é de 27 a 29 de Março de 1972.

6 — Havendo lugar a rateio as importâncias eventualmente em excesso serão devolvidas até ao dia 24 de Abril próximo.

Lisboa, 24 de Março de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Diamantino Viseu condecorado

Ao comemorar 25 anos da tomada da alternativa como matador, Diamantino Viseu, o primeiro «diestro» português, foi ontem agraciado com as insígnias da ordem da Benemerência.

A iniciativa, que ficou a dever-se ao ministro das Corporações e Previdência e ao secretário de Estado da Informação e Turismo, teve o melhor acolhimento do Presidente Américo Thomaz e confere às cerimónias de homenagem a «justa expressão nacional» em razão dos serviços prestados ao País e à «família tauromáquica».

No Sindicato dos Toureiros, realizou-se um «cocktail» e foi descerrado um retrato de Diamantino Viseu.

À noite, no Espelho de Água, o Grupo Tauromáquico «Sector 1» promoveu um banquete de homenagem que reuniu cerca de quatrocentas pessoas. Presidiu o dr. Afonso Marchueta, que entregou a Diamantino Viseu uma placa mandada gravar expressamente pelo «Sector 1» para comemorar o 25.º aniversário da alternativa.

LANIDOR

LOJA N.º 11

MONTIJO

ABRE

AMANHÃ — SÁBADO — DIA 25

na

Rua Almirante Cândido dos Reis, 86-88

MALHAS

PRONTO A VESTIR

FIOS DE TRICOTAR

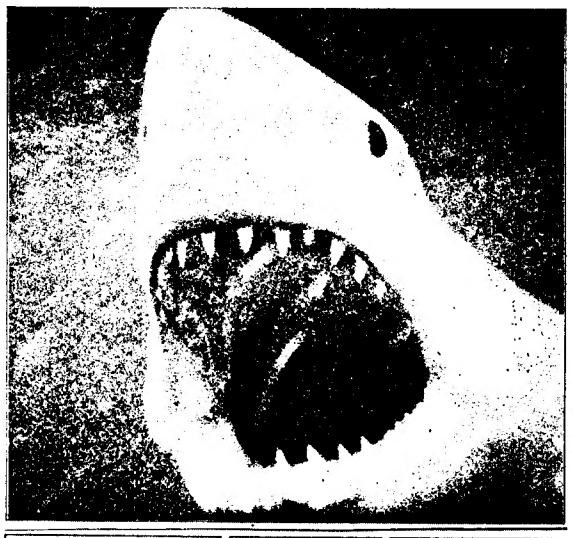
LISBOA — AMADORA — ALMADA

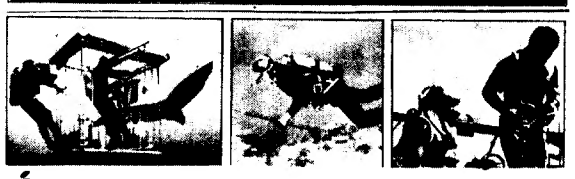
PORTO — SETÚBAL — MONTIJO

A temerária perseguição ao mais perigoso animal do Mundo — o Grande Tubarão Branco — o assassino implacável!

com o patrocínio do

Centro Português de Actividades Subaquáticas





Água Azul, Morte Branca

CINEMA CENTER FILMS APRESENTA "BLUE WATER, WHITE DEATH" TECHNICOLOR

PROD. PETER GIMBEL REAL. PETER GIMBEL e JAMES LIPSCOMB Grupo A (6 anos)

2.a SEMANA NO ALVALADE

Em complemento: o documentário a cores «VIADUTO DE ALCÂNTARA», real. de Faria de Almeida e prod. de Telecine-Moro.

INSTITUTO DE REEDUCAÇÃO DE BENFICA

Uma escola para jovens desamparadas

Oriundas de meios pobres, completamente desprotegidas de famílias numerosas sem recursos financeiros (nem morais, outras vezes), entregues a uma vida fácil, de princípio, a práticas deprimentes e pouco dignificantes, depois (bandono, vadiagem e prostituição são as causas) quarenta e seis raparigas menores habitam hoje num instituto mantido pelo ministério da Justiça, num palácio do Séc. XVIII, situado em Benfica.

Uma certa maneira de resolução casos delicados. Aí recebem as elementares noções de higiene e de educação. Aprendem costura ou culinária e praticam (algumas) ginástica.

São vítimas de determinada estrutura social que as pretende ignorar. São, no entanto, jovens iguais a milhares existentes no País em condições idênticas. Sem apoio nem assistência adequada. Funciona anexo ao Instituto, desde Junho do ano passado, um lar para 19 raparigas (actualmente só oito) apoiado por uma assistente social. Não se trata de estabelecimento de correcção prisional, mas de «escola» sadia de ensinamentos preciosos.

ESCOLA DOMÉSTICA

Além de aulas da instrução primária (muitas internas não a conseguem concluir por várias deficiências psicológicas), predominam os ensinamentos de costura e de culinária. Pouco mais as ocupa, a não ser pequenos trabalhos da lida doméstica. Aí mesmo convivem entre si (algumas recebem a visita de familiares, de vez em quando) e trocam impressões. Outras vão preparando o seu enxoval para o dia da saída definitiva. Um isolamento profundo em ambiente distante do bulício da cidade. Os jardins do palácio não podem servir de recreio. O seu mundo (o mundo de 46 raparigas) é circunscrito a actividade pouco recreativas.

Numa aula da terceira classe, Maria Celeste dos Santos Pereira, de 12 anos, internada no Instituto há um ano. Vivia em Lisboa com os seus 11 irmãos. Agora faz trabalho de bordadora nas oficinas. E um tipo de trabalho que interessa algumas moças.

Na quarta classe Maria Olímpia Teixeira, 17 anos natural de Trás-os-Montes, internada há três anos. Assiste também no período de tarde, a aulas de costura.

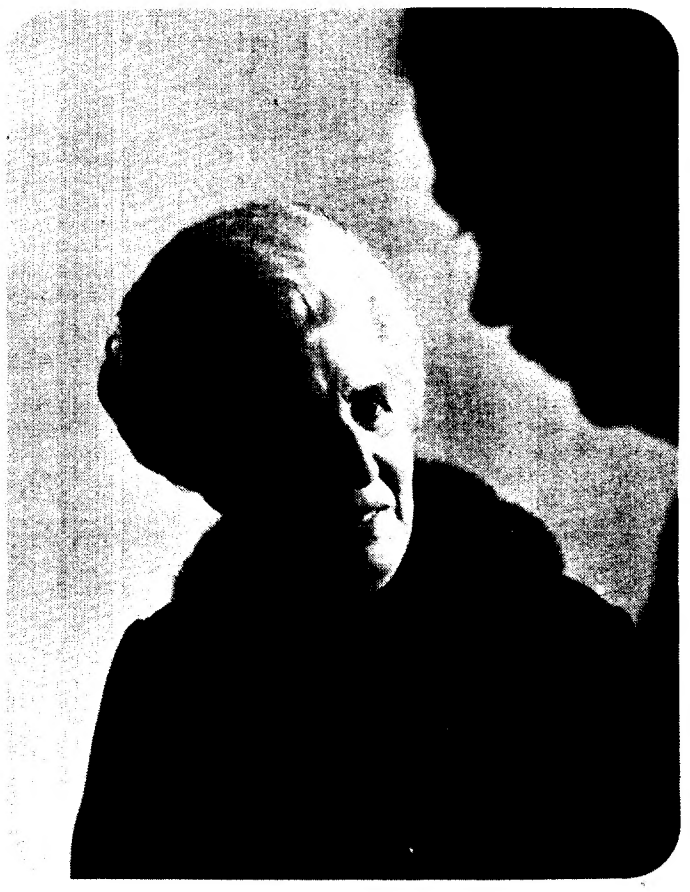
São as próprias raparigas que confeccionam os seus vestidos, satisfazendo ainda encomendas de bordados, malhas e outros trabalhos de costura.

Equipada devidamente, foi criada entretanto uma sala de dactilografia, embora ainda sem professor. Outras tentativas estão sendo programadas, como o ensino de cabeleireiro, profissão a que normalmente as raparigas se adaptam. Número reduzido frequenta o ensino secundário.

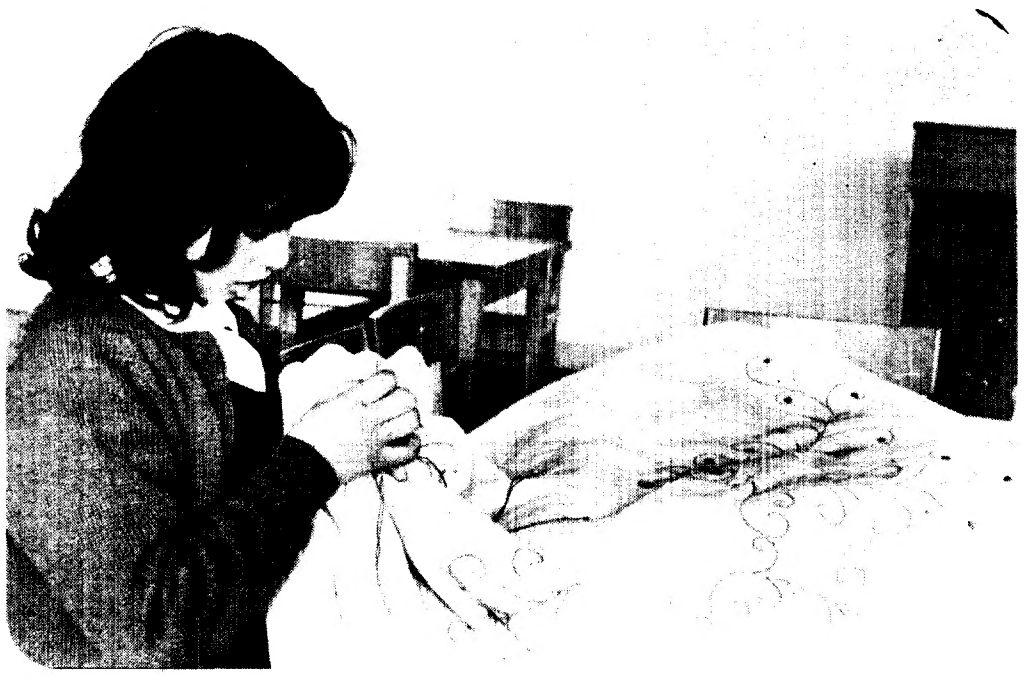
GARANTIAS PARA O FUTURO

A maior parte das internadas quando saem do estabelecimento são colocadas como serviçais e, em menor percentagem, em profissões igualmente de baixo rendimento económico, como bordadoras e costureiras, encaminhadas, muitas vezes, pela assistente social privativa do Instituto. Ocupações mais qualificadas, como enfermeiras e regentes de ensino de posto escolar, são casos isolados e raros.

Mesmo assim, é animadora a experiência obtida no Lar anexo ao Instituto de S. Domingos de Benfica, diz- nos a directora, dra. Maria Adelaide Gonçalves Ferreira. Algumas menores trabalham na cidade em diversas ocupações. O lar é seu «refúgio», ali preparam as refeições e convivem.



38 anos de actividade da dr.ª Maria Adelaide Gonçalves



O gosto de bordar

Uma obra que pretende dignificar a rapariga com o fim de a valorizar, ajudando-a, simultâneamente, a tornar-se uma exemplar dona-de-casa.

OBRAS

Presentemente algumas obras estão em curso. Gabinetes e salas de aula foram remodeladas, dado que as instalações se encontravam em precário estado.

Fundado em 1903, pelo Instituto de Reeducação de S. Domingos de Benfica, por lá passaram já 1048 raparigas de vários pontos do País. Actualmente com uma lotação provisória de 46 internas, poderá no futuro albergar 150.

LABORATÓRIOS VITÓRIA

S. A. R. L.

CAPITAL DE ESC. 50.000.000$00

VENDA NOVA — AMADORA

PAGAMENTO DE DIVIDENDOS

Avisam-se os Senhores Accionistas que, a partir do dia 12 de Abril próximo futuro está a pagamento o complemento do dividendo do Exercício de 1971 nos termos aprovados pela Assembleia Geral.

O referido pagamento efectuar-se-á no Banco Pinto & Sotto Mayor, em Lisboa e Porto, em todos os dias úteis, excepto aos Sábados.

Amadora, 23 de Março de 1972.

UM DIRECTOR

a) **Hamilton A. Salgado**

Patriarca de Lisboa na Fundação Gulbenkian

O patriarca de Lisboa, sr. D. António Ribeiro visitou ontem as instalações da Fundação Calouste Gulbenkian. Acompanhado pelo dr. Azeredo Perdigão e restantes administradores da Fundação, percorreu demoradamente os auditórios, a zona dos congressos, as exposições e galerias do museu Calouste Gulbenkian.

O sr. D. António Ribeiro que visitou pela primeira vez aquela Fundação na qualidade de patriarca de Lisboa, dirigindo-se aos membros da administração, salientou a obra nos vários planos das suas actividades, nomeadamente as da Igreja, tendo acentuado: «Neste mundo ecuménico, sem desrespeito pelos seus estatutos, tem vindo a prestar ajuda valiosa à Igreja Católica, em que se destaca a colaboração à Universidade Católica, ao Colégio Português e outras obras». Ao patriarca foram oferecidos vários livros da colecção de publicações

REGIME DE PLANTIO DA VINHA

A Câmara Corporativa emitiu parecer, publicado agora nas respectivas actas, sobre o projecto de decreto-lei n.º/X (Regime de condicionamento de plantio da vinha) que o Governo vai submeter à discussão na Assembleia Nacional. Trata-se de um projecto de diploma de enorme importância, respondendo a Câmara Corporativa com um longo estudo de quase 200 páginas, acompanhado por vasta documentação e citação de números e exemplos sobre a realidade vinícola nacional e mundial.

A Comissão que emitiu o parecer era constituída pelos Procuradores Joaquim Trigo de Negreiros, José Frederico do Casal Ribeiro Ulrich, Manuel de Almeida de Azevedo e Vasconcelos, Fernando de Melo Costa e Almeida, João de Castro Reis, Francisco Pereira da Fonseca, Hermes Augusto dos Santos e José Fernando Nunes Barata (relator).

As indústrias do petróleo

No Instituto Nacional de Investigação Industrial, realiza-se de 24 a 26 de Maio um seminário sobre «A direcção e os aspectos económicos das indústrias do petróleo», que será orientado pelo dr. P. H. Frankel, director da Petroleum Economies Limited.

O mesmo organismo promove em colaboração com a Direcção Geral dos Combustíveis, de 19 a 23 de Junho, um curso sobre «Aspectos económicos da indústria dos hidrocarburetos», que será regido pelo dr. M. J. Masseron, chefe do serviço de estudos económicos do Instituto Francês do Petróleo.

Qualquer informação pode ser obtida através dos telefones 533624-25-26.

Associação Protectora dos Diabéticos

Em assembleia geral realizada na sua sede, a Associação Protectora dos Diabéticos elegeu os corpos gerentes para o corrente ano, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral: presidente, dr. Manuel Lourenço Vasco; 1.º secretário, prof. eng.º António Herculano Guimarães Chaves de Carvalho; 2.º secretário; dr. Ezequias Isaías Duarte; vogais Manuel Francisco Sousa Viana e Joaquim Vieira. **Comissão de contas:** presidente, eng.º António de Carvalho Xerez; secretário, Alberto Henrique de Sousa; vogal José Pereira; vogais suplentes, dr. António de Matos Teixeira de Campos e eng.º Manuel José Dinis da Fonseca. **Direcção**: presidente, José Pires Cardoso de Oliveira; director delegado, dr. Virgílio Silva da Costa Lima; tesoureiro, dr. Carlos Silva da Costa Lima; director-clínico, dr. Ernesto Roma; secretário, dr. Fernando Augusto Serra Campos Ferreira; vogais, dr. João de Brito Terenas e D. Maria da Conceição Dinis da Fonseca Martins.

Petróleo para curar constipações

Foram internadas no Hospital da Misericórdia de Matosinhos, gravemente queimadas pelo corpo, as pequenas irmãs Noémia Pereira da Conceição e Virgínia da Conceição Pereira Conceição, de 5 e 6 anos, respectivamente, moradoras com os pais na Travessa da Fonte da Muda, em Leça da Palmeira.

As queimaduras foram provocadas por fricções com petróleo, que a mãe lhes aplicou para as curar de uma constipação.

Ginásio Clube faz 97 anos

O velhinho e prestimoso Ginásio Clube Português entra no seu 97.º ano de existência. Considerado (de facto e de direito) como «instituição de utilidade pública» o clube da rua Serpa Pinto prepara grandiosos festejos para assinalar mais esta data da sua longa vida.

Assim, esta noite, num hotel da capital o clube organiza um banquete comemorativo; no dia 26, às 11 horas, promove uma visita guiada às novas instalações (com concentração no local da obra) e, finalmente, a 29 do corrente, realiza um festival gimno-desportivo (no Pavilhão de Campo de Ourique) com a presença de ginastas francesas e ultramarinas, num encontro de ginástica desportiva com as atletas do Ginásio Clube Português.

Em data a marcar pela Federação o clube participará nas comemorações do cinquentenário da Travessia Aérea do Atlântico Sul,, efectuada por Gago Coutinho, um dos primeiros sócios da colectividade.

Convívio Casapiano

No domingo, às 13 horas, realiza-se o tradicional almoço da «velha guarda» casapiana, que decorrerá no refeitório da Casa Pia de Lisboa, em Belém, sendo a entrada pelo 3.º portão, à esquerda, na Rua dos Jerónimos.

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.A.R.L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

LUSTRES
de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

ESPIRAL GM 14/71/72

VAUXHALL
VIVA

Motor: 1256 c.c., 4 cilindros, válvulas à cabeça, 62,5 HP de potência máxima às 5.400 r.p.m. **Transmissão:** 4 velocidades todas sincronizadas. **Suspensão:** independente, com molas helicoidais e amortecedores telescópicos de dupla acção. **Conforto:** piso alcatifado. Aquecimento e ventilação reguláveis. Bancos confortáveis ajustáveis ao corpo. **Segurança:** carroçaria monobloco, toda em aço, amortecedora de choques. Coluna de direcção compressível.
Modelos de 2 e 4 portas e Caravan

VAUXHALL
VIVA1300

UM CARRO VIVO PARA UMA VIDA MELHOR!

VALDOHALL
GM

NO ABC-CINECLUBE:

Pensar e divulgar a banda desenhada

«Os adultos são o principal público da Banda Desenhada»

Reportagem de Francisco Neves e Alvaro Joao

Está em toda a parte. Praga para uns, inimitável manifestação estética para outros, as revistas de histórias aos quadradinhos vendem-se diàriamente aos milhares. Entram pelas nossas casas, lêem-se no emprego, arriscam-se nas aulas, por todo o lado, ocupam-nos as horas.

Começada a ser entendida cientificamente como um «mass-media» espantosamente eficiente, dotada de uma autonomia de expressão, no início dos anos 60 (em 62 surgiu «Giff-Wiff», a primeira revista a estudar o fenómeno), a banda desenhada só agora vê surgir, em Portugal, as primeiras tentativas de análise. E sobre essas tentativas que aqui damos notícia.

ENTUSIASTAS

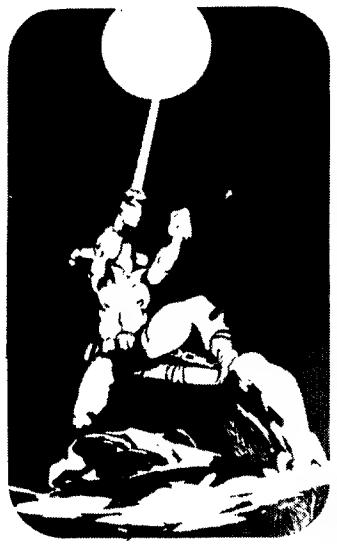
Recentemente formado, existe em Lisboa, um grupo de «fans» da banda desenhada, que se propõe à divulgação da «9.ª arte». Trata-se da Secção de Banda Desenhada do ABC-Cineclube de Lisboa.

«**A nossa constituição como grupo** — disseram-nos — **data de Dezembro do ano passado. Todos eramos entusiastas deste meio expressivo e depois de termos contactado pessoalmente uns com os outros, logo sürgiu a ideia da criação de um grupo de estudo.**

E começámos a trabalhar com vista à elaboração de uma revista sobre a banda desenhada e à constituição de uma biblioteca onde tenhamos elementos de consulta.»

E foi assim que se conseguiu uma coisa inédita no nosso país.

Basta espreitar numa ou noutra livraria para vermos que, para lá de algumas revistas estrangeiras («Phenix», «Loeush», «Charlie», «Ran Tan Plan» e outras), em geral muito caras fornecem informações teóricas sobre este tipo de narração figurativa, não se fez muito mais para o público do que artigos dispersos por jornais e revistas, de um ou outro estudioso do assunto. Havia, pois, uma lacuna a preencher. Isso está finalmente feito.



Os super-heróis ou o mundo fantástico de uma certa expressão gráfica

Assim se apresenta o primeiro «fanzine» português da Banda Desenhada

DOS CLÁSSICOS AOS MODERNOS

«Até agora, só saiu um boletim. O primeiro. Pensamos iniciar com ele a publicação regular para sócios e interessados. O maior problema com que nos debatemos é o da falta de tempo disponível para nos dedicarmos a este trabalho. Apesar de tudo estamos também a pensar noutras realizações».

A edição não é, de modo algum luxuosa, muito pelo contrário: são dezóito páginas policopiadas, pelas quais se estende uma série de artigos sobre trabalhos tanto «clássicos» (já os há, também na banda) como modernos. A abrir, um texto onde se analisa a transposição para a película do «comic» americano «Peanuts», a que se seguem vários apontamentos críticos sobre a última publicação de Astérix e também sobre essa obra «fundamental» (desculpem lá o chavão!) que é «Kris Kool» de Philip Caza. Depois fala-se da «Tira desenhada antecipativa», tudo isto «recheado» de ilustrações. E faz-se antologia. Para o primeiro número foi escolhida a obra de Stuart Carvalhais que, por volta de 1916, deliciava e fazia rir os que viriam a ser os nossos avós. Lá estão as aventuras do Quim e do Manecas. A fechar, um noticiário sobre a banda desenhada.

PROJECTOS

«Estamos a preparar uma sessão de «slides» coloridos, para ilustração de aspectos plásticos das histórias aos quadradinhos e da qualidade que, em alguns autores, ela atinge. Para já, dois mestres: Drouillet e Caza».

Pudémos observar o trabalho do grupo. Luzes apagadas. Na parede, o banal quadradinho agigantava-se e era a descoberta de fabulosas composições. Tres-passados de luz, super-heróis, monstros, corpos, animais, castelos e pesadelos, convulsionando em cores febris, mostravam, inesperadamente, a maioridade artística da expressão cadenciada em quadradinhos.

E isto fez-nos lembrar um lamento há dias ouvido e descobrir a sua razão. Era Moliterni, o director de uma revista especializada no assunto: «**As pessoas estão habituadas a ler a banda desenhada, mas não a vê-la. E vê-la é o mais importante.**»

Mas há mais planos: «**É também possível que consigamos trazer cá uma série muito importante de «slides» contendo a exposição de banda desenhada e figuração narrativa que tem percorrido todo o mundo e que neste momento se encontra na Suécia. Para quando?... Lá mais para o Verão».**

ALGUMAS DIFICULDADES

Entre nós, estas «coisas» ainda não adquiriram estatuto de seriedade, elemento imprescindível à monótona aquiescência do «cidadão-a-valer». Com excepção de uns poucos, a opinião corrente ainda é a de que a banda desenhada constitui historieta de crianças, altamente nefasta para a tão proveitosa «tradicional cultura».

«**Certamente que se faz neste campo muita coisa má. Como no cinema, a maior parte da produção é integrada pela má qualidade e comercialismo: nem tudo são obras-primas! Mas isso é um problema de qualidade que nada tem a ver com um meio de comunicação específico. Tudo depende de quem o pratica e do modo como o faz».**

Se, inicialmente, a banda desenhada viu crescer o seu público com produções destinadas à infância, novas temáticas e outras técnicas gráficas permitiram alargar a sua leitura aos adultos. Barbarella» é disso um exemplo.

Este interesse dos adultos começa a ser também uma realidade entre nós:

«**É adulta a grande maioria das dezenas e dezenas de pessoas que nos contactaram a pedir informação ou colaborando connosco. Os adultos são o principal público da banda desenhada**» — diz-nos um dos componentes do grupo.

O estudo deste tipo de narrativa e das suas obras maiores é ainda difícil e dispendioso, para nós. Exigindo uma cultura livresca baseada em publicações estrangeiras e, como tal, cada vez mais caras, e sendo que a reabilitação das obras mais importantes é feita através de albuns caríssimos, a divulgação da banda desenhada tem dado mais proveito a editores do que ao público interessado. Daí o nosso voto de que a tentativa agora iniciada não perca, de modo nenhum, o balanço com que nasceu. Apesar da fraca produção nacional, a banda desenvolve-se. Deixem a banda passar!

Um documento inesperado

Nova luz no discutido caso da HERANÇA DE HENRIQUE SOMMER

Enquanto decorre o julgamento à revelia de António Champallimaud, aparece inesperadamente nas livrarias um livro escrito pelo próprio A. Champallimaud.

A HERANÇA DE HENRIQUE SOMMER — Aspectos desconhecidos é o seu título.

Não é difícil prever que em curto tempo se tornará no livro do ano.

É um documento jurídico e humano e, em particular, de relevante significado sobre muitas facetas da vida portuguesa contemporânea.

Na verdade, para além das pessoas e dos factos que na obra são postos em causa, situam-se notòriamente certas perspectivas da evolução do País, quer em relação ao passado, quer quanto ao seu previsível futuro, em que se integram avultados interesses socioeconómicos e políticos de projecção nacional.

Resumo do índice:

Henrique Sommer • Palavras prévias • Razões duma revelia • Acordos ou chantagem • A «ruína» dos meus irmãos.

Publicações Europa-América

Os Estaleiros Navais de Viana de Castelo estão aptos a atingir a meta da modernização

- Afirmou o Eng. José Rodrigues dos Santos na Assembleia Geral daquela Sociedade

VIANA DO CASTELO, 23 — «É convicção minha que, sob o impulso da creatividade, estimulada pelas solicitações da clientela, o navio não perderá um átomo do seu prestígio, como agente dinamisador do Progresso Humano» — afirmou ontem, nesta cidade, o Sr. Eng. José Rodrigues dos Santos, durante a Assembleia Geral dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, S. A. R. L., reunida para discutir o relatório, balanço e contas do respectivo Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal relativos ao esercício de 1971, bem como para eleger os Corpos Gerentes da Sociedade para o triénio de 1972-1974.»

A primeira parte da ordem de trabalhos concluiu-se com a aprovação do referido relatório, balanço e contas e do parecer do Conselho Fiscal. Seguiu-se a eleição dos Corpos Gerentes que deu o seguinte resultado: Assembleia Geral — Eng. José Rodrigues dos Santos, Presidente, e Drs. Jorge Manuel de Andrade Mota e Tiago Martins Delgado, Vogais; Conselho Fiscal — Calves, Sociedade de Investimentos e de Gestão de Bens Mobiliários e Imobiliários, S. A. R. L., Presidente, Drs. Alberto Júlio de Assunção e António Miguel Telles da Silva, Vogais, e Drs. Carlos Alberto da Silva Fernandes e Joaquim Lourenço Marques, Suplentes; e Conselho de Administração — Dr. Jaime Pinto Lacerda, Presidente, Dr. Luis Martins Lacerda, Vice-Presidente, Eng. Francisco Eugénio Fernandes Martins, Administrador-Delegado, e Dr. António Seixas da Costa Leal e Eng. Fernando Manuel de Almeida Alves, Administradores.

Nas palavras que pronunciou durante a reunião, além da afirmação de fé no futuro reproduzida no início da notícia, o Sr. Eng. José Rodrigues dos Santos lembrou que «o estaleiro terá de ser, no contexto industrial do País, um polo de cultura em domínios de imaginação criadora e um exemplo da qualidade no apuro da execução».

Recordando o panorama do sector de construção no primeiro quartel deste século, o orador deduziu a necessidade de uma evolução, concluindo que deve passar-se integralmente «para o estaleiro português moderno, que se pretende ousadamente voltado para a inovação».

Focando particularmente o quadro dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, disse que eles dispõem presentemente dos trunfos essenciais para atingirem a meta implícita nas anteriores afirmações: «No campo da iniciativa estará presente a vontade firme e unânime dos accionistas, delegada num conselho de gestão esclarecido e empreendedor. Nessa convicção nos firmamos para levar a bom termo e ràpidamente o projecto de renovo que acentue, no Estaleiro de Viana, o seu relevante interesse nacional».

E, a concluir, o Eng. José Rodrigues dos Santos lembrou que «compete aos gestores apelar, durante o seu mandato, para o concurso dos melhores valores; investir com rigoroso acerto mas sem timidez, na adaptação coerente do complexo actual, às exigências de uma exploração racional de alta rendabilidade orgânica, que permita galgar o hiato que nos separa dos mais evoluídos padrões alheios.»

Fim de tarde

Em S. Ben

A discussão na sobre fomento industri da ordem do dia da A sença de 73 deputad e serena. Não hou apenas três oradores dois na ordem do dia.

Entretanto, o perí uma repercussão ines da Silva, ao intervir, « lamentou que em ce de «radical intolerânc tribuído pela Secreta a questão recentemen Referiu-se ao facto de o Bispo do Porto, c um sinal inquívoco d procurava cumprir as

O mesmo deputa defender um bispo e adiante não poder de do respeito devido ás que se dizem católic que se tornam notóri uma, a da intoleranc

DA COM

1761 milha

A produção de energia eléctrica em Portugal Continental, durante o ano de 1971, atingiu 7 790 GWh, revela o Relatório da Companhia Portuguesa de Electricidade (CPE) agora tornado público e que no próximo dia 28 será submetido à apreciação dos accionistas.

No ano passado foram ainda importados 179 GWh, afirma o mesmo documento que diz ainda ter sido da ordem dos 81,6 por cento a produção de energia pela CPE.

«A maior parte da produção - específica ainda o Relatório da Companhia Portuguesa de Electricidade - verificada em 1971, no conjunto da nossa rede resulta, em grande parte da entrada em exploração da nova Central do Carrapatelo no Douro, que produziu cerca de 440 GWh. Verificou-se por outro lado, uma diminuição da produção dos aproveitamentos de Albufeira, essencialmente devido ao facto de se ter entrado no ano de 1971 com uma reserva bastante reduzida, o que não permitiu realizar um desarmazenamento global semelhante ao conseguido em 1970».

ENERGIA IMPORTADA

Passa depois o Relatório a analisar o regime de trocas internacionais de energia afirmando: «A interligação internacional foi mantida em serviço durante a maior parte do ano embora em geral sem trocas programadas de energia, portanto apenas por motivo de garantia do serviço. Merece, no entanto referênciaequantitativo de energia importada, que concentrada em dois períodos (início e termo do ano, em am

A IGREJA E AS VIRTUDES MILITARES

**na generalidade da proposta de lei
ustrial continuou ontem a fazer parte
la Assembleia Nacional. Com a pre-
tados, a sessão prometia ser breve
ve expediente e estavam inscritos
res: um antes da ordem do dia, e
ia.**

período antes da ordem do dia tomou
nesperada, dado que o deputado José
r, «em defesa da liberdade religiosa»,
certa imprensa continue uma linha
ncia», apesar do esclarecimento dis-
etaria Episcopal de Porto, «perante
nente aberta das virtudes «militares».
de se alimentar «a campanha contra
cujo regresso a Portugal constitui
de que o sr. Presidente do Conselho
as promessas feitas».

**utado esclareceu que não pretendia
e atacar outro. Mas acentuou mais
deixar de lamentar que «à sombra
ás Forças Armadas, certos sectores
licos, insistam numa campanha em
órias duas tendências condenáveis:
ância política, e outra a pretensão
de sobordinarem a Hierarquia. Não creio que haja necessidade de exprimirmos as nossas discordâncias chamando traidores, maus portugueses ou anti-portugueses aos que manifestem ou tenham manifestado opiniões contrárias. Isto equivale a uma declaração de guerra civil a nível dos espíritos».**

Aludindo ainda às palavras do bispo do Porto na sua homília sobre a Paz, acrescentou a certa altura o dr. José da Silva: «A Igreja não pode admitir que a Teologia lhe seja ditada pelo Exército e pelo Parlamento».

O deputado almirante Roboredo e Silva, que levantara há dias o problema, esclareceu que não usara da palavra» para acusar, mas sim para defender as Forças Armadas», que entendera haverem sido «desconsideradas». congratulou-se por ter contribuído para o comunicado do sr. Bispo do Porto, «que aliás não tinha individualizado».

Interpretando as recentes afirmações do Prelado «como uma espécie de **meaculpa**», o almirante Roboredo e Silva acentuou «as subtilezas da oratória do nosso ilustre colega dr. José da Silva, que como distinto advogado que é, delas e da sua inteligência tem colhido notáveis êxitos no foro com os quais de certo todos aqui na Assembleia nos congratulamos...

O sr. Casal-Ribeiro - Todos não.

O orador - ... permite-me chegar aquela interpretação».

Ainda antes da ordem do dia, o deputado David Laima referiu-se a diversos problemas angolanos, nomeadamente o gozo de licença graciosa pelos funcionários. E acentuou a certa altura: «O Governo da Província, por força de imperativos circunstanciais, foi compelido a suspender, temporàriamente, as licenças graciosas dos funcionários. Também os trabalhadores beneficiados por algumas convenções colectivas não têm obtido deferimento para transferirem salários assim ficando colbídos do usufruto de uma regalia.

O prolongamento das estadias na Metrópole constitue pois tratamento que pesa necessàriamente nos direitos daqueles que também pretendem gozar a sua licença. O recurso à Junta de Saúde caiu em hábitos de rotina que hoje se não justificam. Menos ainda a benevolência que, por tradição, se dispensa a esse recurso. Apelamos pois para que no julgamento da Junta se tenha em consideração (...) que na Província, como já se apontou, também existem já os meios clínicos que podem completar, segundo supomos, os tratamentos iniciados na Metrópole - como é de uso na actividade privada.»

Na ordem do dia usaram da palavra os deputados Gaspar de Carvalho e Costa Oliveira. Este último, a concluir as suas considerações, pediu ao Governo «uma maior apróximação dos responsáveis pelas actividades privadas, de modo a melhor e mais frutuosamente se poder contribuir para realizações capazes de estimular o Empresário e este, o investidor, que últimamente, não é deslocado afirmá-lo, anda descrente e desanimado».

Hoje prossegue a mesma ordem do dia.

A HOLANDA E O CAFÉ DE ANGOLA

TILBURGO, HOLANDA, 23 (ANI) — Sidney J. Van Den Bergh, presidente do conselho holandês para a promoção do comércio, crítica severamente a comissão antiportuguesa que promoveu, na Holanda, uma campanha de sabotagem ao café de Angola.

A camapanha baseia-se em informações unilaterias sobre Angola» — afirma Van Den Bergh, na comunicação feita na feira regional de exportação, em Tilburgo.

«Não foram feitas diligências no sentido de se colherem informações junto de peritos neutros sobre a situação real» — acrescenta.

«Estas pessoas não percebem que a nossa prosperidade se baseiam nas exportações para todos os países do Mundo?

«Não sabem — pergunta aquela individualidade — que se começarem a boicotar unilateralmente certos países, isso vai provocar contra-medidas?

«Essas medidas serão tomadas à custa do comércio e da indústria holandesas, que garantem a continuação da nossa prosperidade e que nos dão dinheiro para o nosso bem-estar social?» — declara ainda Van Den Bergh, que acentua: «Além disso, as boicotagens económicas nunca deram qualquer resultado».

RELATÓRIO E CONTAS
MPANHIA ELÉCTRICA PORTUGUESA
ares de contos investidos em 1971

gia
nti-
71,
o
tu-
PE)
ue
ne-
is-

da
a o
in-
1,6
er-

ão
rio
de
em
re-
rte,
da
lo,
rca
or
da
os
nte
ra-
ma
o
um
se-
em

a
in-
fir-
na-
ho,
as
or-
ga-
no
vo
ie,
os
m-

bos os casos em ligação com regimes de severo prolongamento de estiagem), atingiu o significativo valor já indicado. Na realidade, em face do regime de afluências bastante desfavorável ocorrido em princípios do ano, tornou-se conveniente proceder à importação de energia proveniente principalmente de Espanha e, em parte, de França e da Bélgica.

Refere, também o Relatório da CPE aos empreendimentos em curso, salientando-se entre outros o do Carrapatelo que tem já dois grupos geradores em funcionamento. O terceiro e último - diz o documento - deve entrar em funcionamento até ao final do ano em curso. O da Régua está em adiantada fase de construção, estando já a ser montados os geradores. O da Valeira e Vilarinho, este último pràticamente concluído e que deverá entrar em funcionamento em Abril do corrente ano.

Outro empreendimento que merece especial destaque é o da Aguieira cujos trabalhos prelimiares já foram iniciados e que possui fins múltiplos. Assim, além da produção de energia eléctrica, será aproveitado para a rega dos campos do Baixo Mondego (em primeira fase) e de Cantanhede ao Vouga na segunda fase. Destina-se, ainda, à regularização das cheias do rio.

E, finalmente, o do Fratel cujas obras da barragem se encontram pràticamente concluídas. Falta sòmente montar o equipamento para a produção de energia eléctrica o que deverá ser feito ao longo do ano em curso.

NOVOS CENTROS

Dentro de oito anos funcionará a primeira central nuclear portuguesa que será equipada com reactores de 500 a 600 MW. Este é um dos vários planos para ampliação do sistema electroprodutor da CPE, já submetidos às autoridades oficiais, e previstos para os próximos 15 anos.

Um outro de menor importância mas de largo alcance será o de uma nova central térmica, a fuel-óleo, a localizar junto a Setúbal ou Sines.

INVESTIMENTOS

No ano de 1971 foram investidos pela Companhia Portuguesa de Electricidade 1 761 883 de contos. A maior importância foi investida em aproveitamentos hidroeléctricos (1 259 844). Segue em ordem decrescente, em centrais térmicas (351 054) subestações (56 328), linhas (37 704).

No capítulo de financiamentos para o ano em curso são especificados os investimentos que a CPE fará em 1972. Assim, serão gastos 1 583 000 contos em centrais hidraúlicas; 552 000 em centrais térmicas; 358 000 na rede de transportes.

BALANÇO E RESULTADOS

A situação patrimonial da CPE em 1971 está reflectida no balanço cujo montante atinge 18 342 175 contos, assim distribuídos: **Activo** - disponível, 349 530; realizável 839 025; existência, 22 607; imobilizado bruto, 19 095 802; reintegrações, 2 164 789; imobilizado líquido, 16 931 013.

Passivo - exigível a curto prazo, 1 257 663; exigível a médio prazo, 3 006 322; exigível a longo prazo, 5 356 475.

A situação líquida é pois de 8 721 715 contos.

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS
Compramos pelo mais alto preço.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CAMPANHA A FAVOR DA REEDIÇÃO DAS OBRAS INFANTIS de ALVES REDOL

Temos nestas colunas batalhado pela transferência, em Vila Franca do nome de Alves Redol para uma rua digna da sua memória. E eis que esta nossa iniciativa, que tem encontro no Ribatejo e no País inteiro o mais expressivo e veemente apoio, desencadeia agora reacções que, por pertinentes e ricas de significação, muito nos apraz aqui registar. É o caso da carta que nos enviou uma nossa leitora de Lisboa e que passamos a transcrever:

«É com interesse que sigo a campanha desencadeada pelo «nosso» jornal em relação a dar-se o nome de Alves Redol a uma rua condigna, de Vila Franca de Xira. Apoio inteiramente essa, exigência, e gostaria também de lembrar aqui outro problema, que talvez esteja no espírito de todos, mas que ainda não vi tornado público.

Se uma rua pode perpetuar o nome de um homem e se esse homem é também um grande escritor, suponho ser de inegável interesse a divulgação da sua obra.

Ora este escritor, além de ter obras muito importantes, como por exemplo, «O Barranco dos Cegos» e os «Gaibéus», esta numa edição digna e económicamente acessível, foi um extraordinário escritor para crianças, o que, por não ser muito comum, merece ser levado ao conhecimento de todos e sobretudo das próprias crianças.

Dá-se o caso que um desses livros, «A História da Sementinha», está esgotada há já algum tempo, anos segundo me parece, e outras obras suas são, pelos seus preços, inacessíveis.

Não seria justo desencadear também uma campanha para que as obras infantis de Alves Redol fossem reeditadas a preços acessíveis e divulgadas entre os mais pequeninos?»

Rosinda Vieira

Rua Vila de Catió, Lote 396, 2.º, Esq. Lisboa 6

concerto de órgão YAMAHA por Simões da Hora
hoje
LISBOA — CINEMA TIVOLI, 24/3 AS 18.30 H
VALENTIM DE CARVALHO CI BARL

HOJE-ESTREIA AS 21.30 NO EUROPA

"Chile si, Ianques no" - gritou-se em Santiago

SANTIAGO, 24 — Fortes destacamentos dos carabineiros guardavam hoje os pontos estratégicos de Santiago onde se receiam desordens e manifestações anti-governamentais, pois um grupo de mulheres conservadoras pretende realizar a sua anunciada marcha de protesto pelo centro da cidade, apesar de uma proibição do Governo.

Os elementos das Direitas ficaram furiosos com essa decisão das autoridades na medida em que ontem à noite se realizou um grande comício de apoio ao presidente Allende e ao Governo popular, organizado pela central única dos trabalhadores chilenos.

Os trabalhadores dirigiram-se para o local da concentração aos gritos de «Chile si ianques no» e distribuiram panfletos atacando a companhia mineira americana Anaconda, a CIA e a ITT. Esta última foi pùblicamente acusada pelo jornalista americano Jack Anderson de ter tentado organizar um golpe de Estado no Chile para impedir o presidente Allende de tomar posse em 1970.

CONSPIRAÇÃO ABORTADA

Entretanto, o deputado comunista Luis Figueroa declarou no comício ter-se malogrado uma conspiração que visava libertar o general Roberto Viaux, indicado por Anderson como o eventual chefe do golpe militar anti-Allende de inspiração americana.

O general Viaux encontra-se preso sob a acusação de conspirar contra a segurança do Estado e de cumplicidade no assassínio do antigo comandante supremo do Exército, general René Schneider, que foi morto em Outubro de 1970, pouco antes de Allende tomar posse.

O deputado Figueroa não deu pormenores sobre a tentativa de libertação de Viaux, limitando-se a dizer que seria uma operação de comandos e que desde que o general foi preso já houve outras duas conspirações semelhantes.

O dr. Allende não assistiu ontem à noite ao comício mas, num discurso que proferiu na quarta-feira, tinha declarado: «Está em marcha um plano sedicioso inspirado pelo imperialismo».

Nessa ocasião o presidente disse ainda ter proibido a marcha das mulheres devido às consequências imprevisíveis que poderiam resultar se houvesse choques com a Polícia.

Em Dezembro do ano passado uma marcha de protesto organizada por mulheres degenerou em violentos choques entre adversários e partidários do Governo popular, havendo mais de uma centena de feridos, pelo que foi decretado o recolher obrigatório e aplicada a lei marcial em Santiago.

Compre a

J. PIMENTA S. A. R. L.

ANDARES

OU

APARTAMENTOS

MOBILADOS

Preços desde 180 contos

Com 25 contos pode participar na modalidade de **compropriedade** e obter um bom rendimento

Informações:

Queluz — Edifício Sede

Av. António Enes, 25

Telef. 95 20 21

LISBOA

Pr. Marquês de Pombal, 15

Telef. 4 53 43 - 4 78 43

EXTRADIÇÃO DE LIPSKY

O francês Claude Lipsky, negociante de propriedades acusado de fraude na França, chegou a Paris num avião fretado, depois da sua extradição de Israel. Lipsky era acompanhado no avião, fretado por um grupo de turistas franceses de regresso de Israel, por dois inspectores da Polícia francesa. A Polícia informou que Lipsky ficará na prisão à espera de julgamento sobre a sua ligação com La Patrimoine Foncier, organização de investimento, sob investigação por ter burlado, supostamente, clientes. Lipsky, de 41 anos, partiu da França para Israel em Setembro passado, ao ser passada uma ordem de prisão contra ele em Paris, procurando obter asilo como emigrante, enquanto as autoridades francesas tentavam obter a sua extradição. Israel, primeiramente, recusou a sua extradição, com base no facto da França ainda não ter formalizado um tratado bilateral sobre extradição. A França ratificou o tratado em 14 de Novembro, abrindo o caminho para o regresso forçado de Lipsky a Paris.

Nas MERCÊS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Papelaria Ruivinho, Largo da Presa.

HEATH NOS COMUNS:

LONDRES PASSA A ADMINISTRAR DIRECTAMENTE O ULSTER

Continuação da primeira página

a questão do Ulster. Este plano prevê:

1 - Organização de um referendo acerca do problema da fronteira entre as duas Irlandas, a fim de não ser realizada qualquer modificação no estatuto do Ulster sem o consentimento da maioria da sua população.

2 - Redução gradual do internamento.

3 - Transferência da responsabilidade pela manutenção da ordem do Stormont para Westminster.

Heath indicou que os dois primeiros pontos tinham sido aceites mas que Brian Faulkner e os seus colegas haviam rejeitado o terceiro e anunciado a demissão do governo da Irlanda do Norte.

Heath declarou que, na sua opinião, a transferência da responsabilidade pela manutenção da ordem «constitui uma condição indispensável para a procura de uma solução política na Irlanda do Norte».

William Whitelaw, «leader» da Câmara dos Comuns foi nomeado secretário de Estado para a Irlanda do Norte.

Whitelaw nomeará uma comissão para o ajudar na sua missão. Esta comissão será formada por personalidades «representando todas as opiniões» na Irlanda do Norte.

Brian Faulkner, primeiro-ministro da Irlanda do Norte continuará, no entanto, a administrar os problemas correntes até que a lei instituindo a administração directa do Ulster por Westminster seja promulgada pelo governo britânico.

BRIAN FAULKNER, primeiro-ministro demissionário da Irlanda do Norte. (Telefoto UPI - Telimprensa - DL).

Entretanto, o parlamento da Irlanda do Norte fica suspenso mas não é dissolvido.

Esta medida põe fim, pelo menos temporàriamente, ao funcionamento do governo e do Parlamento de Belfast, que foram criados há 51 anos quando a Irlanda foi dividida entre a República independente do Eire e o Ulster ou Irlanda do Norte.

O primeiro-ministro britânico declarou que o seu governo decidiu impor a administração directa depois de se terem malogrado as conversações com o primeiro-ministro da Irlanda do Norte, Brain Faulkner.

GRANDE E RICO ESPÓLIO

DE

ANTIGUIDADES E OBJECTOS DE ARTE

LEILÃO

NOS SALÕES DA:

AVENIDA DA LIBERDADE, NÚMERO 194-1.º

(junto ao cinema Tivoli)

HOJE, 6.ª FEIRA, ÀS 21 HORAS

Terá início esta boa almoeda para ser vendido **pelas maiores ofertas** todo o rico recheio **transitado de Solar** do Baixo Alentejo e por ordem do seu Ex.mo proprietário constando em especial de: **rico Mobiliário antigo nos estilos D. José, D. João V, Boulle, Inglês, Renascença, D. Maria e Oriental, ricos lustres em cristal e de bronze, boas colecções** de marfins, relógios de algibeira e de bronze assinados, **colecções de desenhos «janelas célebres de Portugal» de Alberto de Sousa, quadros a óleo** antigos e contemporâneos de bons e consagrados pintores, **louças C.ª das Índias, Japão** e **China,** destacando-se **um rico par de jarras de Sévres c/ pinturas e ricos bronzes, armas antigas, pratas, ricas mobílias de: sala de jantar** D. João V, **quartos** de casal e pessoa **D. José, D. João V** e outros, **bons roupeiros, piano, ricas carpetes persas** e nacionais, **bom par de cómodas antigas, D. Maria, sala rica francesa no estilo «Boulle» de rara beleza, imagens sacras** em marfim e madeira, **oratórios antigos destacando-se cómoda papeleira c/ oratório peça em pau-santo, boa sala oriental, relógio de caixa alta** antigo, **espelhos grandes de parede, cadeiras D. João V e D. José,** recamiers antigos c/ palhinha e de veludo, **cristais, muitos móveis desirmanados, bibelots** e muito mais patente **dos 1200 lotes** a vender pelas **maiores ofertas** e para os quais se pede a boa atenção da Ex.ma Clientela.

NOTA: Informamos os nossos Ex.mos Clientes que este leilão terá continuação **amanhã sábado e domingo às 15 e às 21 horas** pela grande quantidade de lotes a vender.

FOI ENCARREGADA DESTA ALMOEDA A CONCEITUADA

AGÊNCIA DE LEILÕES "ANTIQUÁRIA"

de ANTÓNIO JOSÉ, LDA.

AV. 5 DE OUTUBRO, 15-1.º TEL. PPC 56 22 68/9 717959 LISBOA

Aumento de preços na "Europa Verde"

BRUXELAS, 24 - Os ministros da Agricultura dos seis países do Mercado Comum chegaram a acordo hoje de manhã em Bruxelas, tanto sobre os preços agrícolas da próxima campanha como ácerca das reformas de estrutura e da modernização da agricultura europeia - soube-se de fonte oficial.

De boa fonte, são os seguintes os preços dos produtos agrícolas, fixados a noite passada pelos ministros da Agricultura do Mercado Comum: trigo, aumento do preço indicativo de 4 por cento, cevada, 4, centeio, 5, milho, 5, vinho, 7, tabaco, 5 (podendo algumas variedades aumentar até 8 por cento).

Produtos lácteos: o preço de base aumenta de 8 por cento, três quartos para o leite em pó e um quarto para a manteiga.

Carne bovina: o preço de orientação aumentado de 4,3 por cento em 1 de Abril e, mais tarde, num montante a determinar em 1 de Agosto.

A IRLANDA E A ENTRADA PARA O MERCADO COMUM

LONDRES, 24 - (R.) - O referendo da República da Irlanda para ingressar ou não no mercado comum realizar-se-á em 10 de Maio, conforme anunciou ontem, no parlamento, o ministro dos estrangeiros, dr. Patrick Hillery.

A declaração do ministro foi feita ao fim de três dias de debates sobre o proposto ingresso na Comunidade Económica Europeia.

Um movimento do partido trabalhista irlandês a apelar para a rejeição dos termos de ingresso foi derrotado por 56 contra 16 votos - por conseguinte, uma maioria governamental de 40 votos. Depois a moção governamental a favor da entrada no Mercado Comum foi aprovada pela maioria de 73 votos (89 contra 16).

Necrologia

D. Maria Bertha da Costa Pinto Casal Fernandes Vaz

Na sua residência, Rua Tomás Ribeiro 51-1.º Dt.º, em Lisboa, faleceu no passado dia 17 esta distinta e virtuosa senhora.

Era casada com o dr. José Homem de Sampaio e Mello Fernandes Vaz, advogado e Chefe da Repartição da Secretaria-Geral da Misericórdia de Lisboa, mãe da dr.ª Maria Amélia de Sampaio e Mello Neves Ferreira, casada com o dr. Evaristo Neves Ferreira, e da dr.ª Maria de Lourdes de Sampaio e Melo Galhardo Coelho, casada com o engenheiro Aurélio Galhardo Coelho, e irmã do engenheiro Ruy de Meirelles Casal.

O funeral realizou-se no dia 18 para o cemitério de Trancoso.

A URSS gasta mais com o espaço

WASHINGTON, 24 (R) A União Soviética está a gastar mais do que os Estados Unidos com as actividades espaciais e poderá assim pôr termo ao avanço tecnológico americano segundo um depoimento feito ontem perante uma comissão do senado.

O dr. John Foster, director dos serviços de engenharia e investigação da defesa nacional, relatou em depoimento perante a comissão senatorial sobre ciências aeronáuticas e espaciais que so gastos globais soviéticos para actividades do espaço excederam, no ano passado, as verbas apresentadas pelos Estados Unidos.

Segundo o dr. Foster: «O esforço militar soviético relativo ao espaço tem vindo a aumentar de ano para ano e se a situação continuar poderá afectar o grande avanço tecnológico militar dos Estados Unidos devido aos enormes recursos empenhados».

O dr. Foster acrescentou que os soviéticos em 1971 lançaram duas vezes e meia mais satélites do que os Estados Unidos e que relatório dos serviços secretos informam que cada vez são mais altos os salários oferecidos pelos soviéticos aos seus técnicos e mais elevados os gastos, embora, por enquanto, os satélites soviéticos sejam mais pesados, as órbitas mais curtas e a aparelhagem electrónica menos avançada.

Não obstante a marcada diferença na média de lançamentos, julga-se que os mecanismos espaciais americanos envolvem também menos gastos e que esse facto seja um factor marcante para a assistência nos progressos técnicos inerentes às necessidades defensivas dos Estados Unidos, uma vez que as verbas satisfaçam os requesitos.

Por seu turno, o secretário da Força Aérea, Robert Seamans, disse à comissão que os esforços espaciais soviéticos incluem um grande programa de defesa e que as melhores informações conseguidas indicam que os soviéticos pretendem gastar muito mais com a tecnologia espacial do que os Estados Unidos.

O secretário da Força Aérea acrescentou que a segurança nacional americana pode ver-se em sérios embaraços se qualquer outro país se adianter em matéria de tecnologia espacial.

Comando unificado para libertar Zimbabwe (Rodésia)

DAR-ES-SALAAN, 24 (R.) — Duas organizações nacionalistas africanas que se encontram banidas na Rodésia anunciaram ontem a formação de um comando unificado para a luta de guerrilhas naquela antiga colónia britânica.

Esta decisão foi anunciada após quatro dias de conversações secretas entre os dirigentes dos dois movimentos na localidade de Mbeya, perto da fronteira entre a Tanzânia e a Zâmbia.

Os dirigentes da União Popular Africana de Zimbabwe (ZAPU) e da União Nacional Africana de Zimbabwe (ZANU) reuniram-se ali por iniciativa da comissão de libertação da Organização da Unidade Africana (OUA).

Num comunicado aqui distribuido, a comissão afirma que esse comando militar conjunto será responsável pelo planeamento e execução de uma guerra revolucionária em todos os seus aspectos.

Tanto o ZAPU como o ZANU — que foram banidos na Rodésia por actividades subversivas há vários anos — afirmaram estar na disposição de obter a libertação do Zimbabwe (Rodésia) através da luta armada.

«Um programa concreto de acção abrangendo todo o povo de Zimbabwe passará agora a ser uma realidade», acrescenta o comunicado.

O secretário da comissão de libertação da OUA, George Magombe, que presidiu às negociações entre os dois partidos africanos, disse que a criação desta frente comum assinala um passo muito importante na luta para a libertação africana.

Segundo disse a frente comum poderá contar com o inteiro apoio de todos os países membros da OUA.

O quintal dos EUA

A América Latina tem sido chamada o quintal dos EUA, devido à dependência económica em que se encontram os países daquela região relativamente ao seu grande e poderoso vizinho do Norte. O presidente John Kennedy tentou a «descolonização» por meio do programa da «Aliança para o Progresso», mas teve de pagar a sua contribuição para a política de intervencionismo ianque nos assuntos internos latino-americanos, autorizando a aventura da Baía dos Porcos, a qual tomou a forma de uma invasão com vista a derrubar o regime de Fidel Castro, o primeiro de carácter abertamente marxista no Novo Continente. Depois da segunda guerra mundial tinha havido já outra operação de «limpeza», essa coroada de êxito, contra o regime de Arbenz, na Guatemala, uma das «Repúblicas das bananas», onde a poderosa companhia norte-americana United Fruit viu os seus interesses ameaçados.

Ao desastre em Cuba seguiu-se o desembarque na República Dominicana e, mais recentemente, o golpe de Estado militar na Bolívia, para evitar à socialização. na mesma altura em que, no Chile, o primeiro presidente marxista eleito democráticamente, Salvador Allende, enveredava pela via das nacionalizações à custa, nomeadamente, de empresas ianques de extração do cobre chileno e de exploração de outros sectores. À reacção dos meios conservadores internos juntou-se a resistência dessas empresas, agravando-se a situação devido ao facto do presidente e do seu suporte político da Frente popular não disporem de maioria no Congresso, dominado, portanto, pela oposição e, em especial, pelos democratas-cristãos do anterior presidente, Eduardo Frei, de quem se disse há pouco tempo que teria instigado o Exército a afastar Allende.

Para as dificuldades do Chefe do Estado chileno têm também concorrido, por um lado, a impaciência da extrema esquerda, que pretende precipitar a revolução, não acreditando nos processos reformistas, e, por outro lado, a falta de quadros devidamente preparados para substituirem os elementos afectos ao antigo regime. Os resultados tomam a forma de constituição de guerrilhas, ocupação de terras, de acção violenta das direitas e de deterioração do panorama económico, ao que não parecem ser estranhas entidades externas, ao ponto do Presidente recear um bloqueio ao Chile.

Entretanto, o jornalista norte-americano Jack Anderson afirmou que a grande companhia ianque ITT, com interesses espalhados pelo mundo, incluindo o Chile, pensou impedir o acesso de Allende ao poder, em 1970, fez pressão sobre o governo de Washington para defender as empresas estado unidenses naquele país latino-americano e pensou ainda no recurso ao golpe de Estado. A empresa desmentiu, evidentemente. (Amesma companhia está presentemente envolvida numa questão relacionada com a companha eleitoral nos Estados Unidos: Jack Anderson acusa o governo de Nixon de ter aliviado processos antimonopolistas contra a ITT em troca de um subsídio para a convenção do Partido Republicano em San Driego).

No Chile, caminha-se, desta maneira, para um confronto, em que se vislumbra o perigo de guerra cívil, prova em que poderia sossobrar a experiência socialista de Salvador Allende, que se transformaria assim em novo Arbenz, no quintal do Tio Sam.

OPOSIÇÃO FRANCESA DIVIDIDA SOBRE O REFERENDO

PARIS, 24 (R) Os principais partidos oposicionistas franceses encontravam-se hoje profundamente divididos quando o Governo continuava com a sua canpanha contra a indiferença pública acerca do referendo, a realizar no próximo mês, sobre o alargamento do Mercado Comum Europeu.

O poderoso Partido Comunista Francês declarou numa comunicação que um «não» era a única resposta clara e eficaz ao referendo sobre a aceitação da GrãlBretanha, Irlanda, Dinamarca e Noruega na Unidade Económica Europeia.

Classificava o planeado referendo como uma «manobra, eleitoral» do presidente George Pompidou para obter apoio para o seu Governo e tornar mais fáceis as coisas para o seu partido gaulista, a UDR, nas eleições gerais do proximo ano.

Contudo, os socialistas franceses, chefiados por François Mitterand, que obrigou o general de Gaulle a um embaraçador segundo escrutínio nas eleiçoes presidenciais de 1965, recusaram-se a seguir a linha comunista.

O desacordo entre os comuninstas e socialistas podia prejudicar sèriamente as possibilidades da oposição se unir para acabar com o domínio gaulista na política francesa desde que o falecido general assumiu o poder em 1958.

D. Maria Bertha da Costa Pinto Casal Fernandes Vaz

FALECEU

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

José Homem de Sampaio e Mello Fernandes Vaz, Maria Amélia Casal de Sampaio e Mello Neves Ferreira, seu marido Evaristo Maria das Neves Ferreira e filho, Maria de Lourdes Casal de Sampaio e Mello Galhardo Coelho, seu marido Aurélio Galhardo Coelho e filhos, Ruy de Meyrelles Casal, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença a sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó e irmã, e que amanhã, dia 25, às 19 horas, na Igreja dos Mártires, em Lisboa, será celebrada Missa pelo eterno descanso de sua alma.

P.N. A.M.

Maria do Carmo Ribeiro Oliveira

MISSA
4.º ANIVERSÁRIO

Sua familia manda rezar amanhã, pelas 13 horas, na Basílica dos Mártires. (Chiado).

PETRÓLEO: Acção colectiva contra as companhias

BAGDAD, 24 (ANI e R) — Onze dos maiores produtores de petróleo do mundo ameaçaram levar a efeito uma acção colectiva contra as companhias petrolíferas que se recusem a cumprir as medidas adoptadas por qualquer país membro da organização dos produtores anunciou esta madrugada a agência noticiosa iraquiana.

A agência disse que a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) tomou a decisão numa conferência extraordinária levada a efeito em Beirute no dia 11 do corrente. O texto completo da resolução deve ser ainda hoje publicado em Viena.

Todavia, a agência iraquiana não resolveu quais poderão ser as medidas colectivas a tomar no caso de rejeitação por parte das companhias.

Contudo, notícias de Beirute, onde a conferência se realizou, falam em «medidas apropriadas, incluindo Sanções».

A OPEP é constituída pela Líbia, Arábia Saudita, Iraque, Pérsia, Kuweit, Abu Dhabi, Qatar, Argélia, Nigéria, Indonésia e Venezuela.

ACORDO HISPANO-LÍBIO

TRIPOLI, 24 (FP) — O principal resultado da visita oficial do ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros Lopez Bravo à Líbia é os dois países virem a assinar ràpidamente um acordo geral de cooperação, dizem fontes oficiais.

O acordo geral de cooperação dirá respeito à industria, ao petróleo, à agricultura, às comunicações e à saúde.

MARIJUANA

WASHINGTON, 24 — A Comissão Nacional Americana para o Estudo do Uso da Marijuana e dos Estupefacientes considerou que não há que processar judicialmente ninguém por tomar marijuana, desde que não o faça em público.

A Comissão foi de opinião que a utilização da marijuana não é problema de tanta gravidade como isso, mas entendeu que os que cultivam a planta e fazem o seu contrabando devem ser demandados judicialmente e ser punidos. Igualmente devem ser punidos os que usam marijuana em público e mais severamente aqueles que guiem automóveis sob a influência da droga.

Enfim, a Comissão, pensa que, ao ritmo dum cigarro por dia a marijuana não envolve para a saúde riscos maiores do que a ingestão de álcool.

Segundo o relatório da Comissão, há cerca de 500000 pessoas que tomam marijuana em fortes doses nos Estados Unidos. Uns 24 milhões terão experimentado a droga ao menos uma vez, e os seus utilizadores ocasionais andam por 8300000 individuos. A marijuana tenderá a desaparecer, diz a Comissão, se se falar menos dela, sem deixar de levar contra a droga uma campanha vigorosa, mas o mais possível sem publicidade.

A FALTA DE CRÓMIO NA ORIGEM DE CERTAS DOENÇAS VASCULARES

NAÇÕES UNIDAS (GENEGRA), 24 (FP) — A falta ou a diminuição de crómio no organismo seria prejudicial à função cardio-vascular, pois, este elemento parece desempenhar um papel favorável no metabolismo das gorduras e evitar a arterioesclerose. Estas verificações foram feitas pelo dr. Roberto Masironi do serviço de doenças cardio-vasculares da Organização Mundial de Saúde (OMS) num artigo publicado por ocasião do Dia Mundial da Saúde (7 de Abril) que será consagrado este ano às doenças cardíacas.

O dr. Masironi verifica que os habitantes dos países ricos, particularmente os da América do Norte que consomem farinha e açúcar refinados, tem uma grande predisposição para a arterioesclerose e para as doenças cardiovasculares. Em contrapartida entre os povos da África e da Asia que consomem farinhas não refinadas, contendo crómio, e açúcar bruto, as doenças coronárias estão menos espalhadas.

Segundo o dr. Masironi a composição da água também tem influência nas doenças cardiacas, assim a mortalidade pelas doenças cardiovasculares é, menos elevada nos países onde a água é calcária. Não se sabe ainda explicar este efeito favorável das águas duras ou desfavoráveis das águas pouco calcárias», disse o dr. Masironi que, avisa os serviços sanitários contra os riscos que comportam os processos de descalcificação da água susceptíveis de destruir os minerais benéficos das águas duras.

Suspensas as conversações de Paris

PARIS, 24 - O chefeda delegação americana à Conferência de Paris sobre o Vietname, William Porter, informou ontem os representantes comunistas de que não tenciona encontrar-se novamente com eles enquanto não se mostrarem dispostos a «negociações a sério».

Falando na Conferência,Porter declarou: «Pela nossa parte não tencionamos concordar com uma reunião na próxima semana ou nas semanas seguintes. Pensamos que será preferível aguardar qualquer sinal da vossa parte de que estejam dispostos a entrar em negociações significativas sobre os vários pontos contidos nas vossas e nas nossas propostas.»

Porter disse ainda no início do seu discurso, depois de ouvir os delegados norte-vietnamitas e vietcong, que estava «muito desapontado» com as suas declarações.

Esperávamos que nesta altura os senhores se mostrassem mais dispostos a discutir as vossas propostas e a explicá-las» e, acusou ainda a parte contrária de estar a fazer chantagem com os prisioneiros de guerra americanos.

...Aos 20 anos, seu filho lhe dirá:

obrigado, papá!

Prepare hoje o futuro do seu filho comprando-lhe um andar em **Miraflores-Lux**! Dentro de 20 anos encontrará as mesmas razões que o levaram agora a fazer essa compra:

- a situação previlegiada de **Miraflores-Lux**, sem paralelo nos arredores de Lisboa,
- o meio ambiente social,
- a alta qualidade dos materiais de construção.
- 3, 4, 5, 6 e 7 assoalhadas
- Confortáveis condições de pagamento

Visite **Miraflores-Lux** e adquira o andar das gerações futuras!
Piscinas, Garagens privativas, Centro comercial, Escolas, Jardins... Equipamento Completo.

MIRAFLORES LUX *merece a sua visita*

ADVOGADOS 8%
AGENTES TÉCNICOS 1%
ALTOS FUNCIONÁRIOS 6%
DIPLOMATAS 4%
COMERCIANTES 6%
DIRes DE EMPRESAS 5%
ECONOMISTAS 4%
ENG. E ARQUITECTOS 10%
INDUSTRIAIS 7%
INVESTIDORES 11%
PROFESSORES 2%
PROPRIETÁRIOS 12%
MEDICOS 15%
-DIVERSOS 9%

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, SARL
Informações e vendas Avenida das Tulipas - Lote 10 — Algés
Telefs 215756-216749-216768

MHP 12/72

BRINDES

Bordados dos Açores e Artigos de Artesanato. Visite a nossa Exposição. Grande Variedade a preços muito acessíveis.

Casa Regional da

ILHA VERDE

Rua Paiva de Andrade, 4
(Ao Largo do Chiado)

FISCALIZAÇÃO SANITÁRIA DOS GÉNEROS ALIMENTÍCIOS

Na sua actividade fiscalizadora, os Serviços Médico-Veterinários da Câmara Municipal inspeccionaram, em Fevereiro último, 380,691 quilos de produtos alimentícios nos postos de São Bento e São Roque de Lameira e 156,580 quilos de peixe no Mercado do Bom Sucesso.

Nesta inspecção foram, reprovados 2.643 quilos de produtos.

Entre mercados talhos, hotéis, restaurantes houve um total de 717 visitas naquele mês.

No mesmo mês, no Matadouro Municipal foram abatidos 627 bois, 2.099 ovinos e caprinos, 1.781 suinos e 105 vitelas. Rejeitados 11 suínos, 2 carneiros e 11 bois.

CURSOS DE FORMAÇÃO EM SEGURANÇA

Na sede do Sindicato Nacional dos Operários Metalúrgicos do Distrito do Porto, organizados pelo Centro de Prevenção e Segurança, estão a decorrer, pela segunda vez, dois cursos simultâneos de formação em segurança, que terminam amanhã, efectuando-se os respectivos trabalhos das 8 e 30 às 18 e 30.

MONUMENTO AO SOLDADO «MILHÕES»

No atelier do escultor Laureano Riba-Tua foi apresentado o busto de Amílcar Augusto Milhais, o famoso Soldado «Milhões», cujos feitos na primeira Grande Guerra, em França, lhe valeram a Torre e Espada. Executado por aquele escultor é oferecido pelo presidente do Município de Murça, sr. Joaquim Ferreira Torres à população local, o busto de «Milhões» será colocado na sua terra natal, naquela freguesia; pois nasceu em Valongo. Estiveram presentes o presidente da Liga dos Combatentes, coronel Mário da Ponte; o comandante de I Região Militar, general Martins Soares e outras entidades.

ORDEM DOS MÉDICOS

Decorreu o acto de posse dos membros directivos do Conselho Regional da Ordem dos Médicos, ao qual presidiu o dr. Paulo Sarmento.

Apenas uma parte (que, no entanto, constitui a maioria) dos nossos dirigentes, compareceu para assumir os respectivos cargos.

LEI DO INQUILINATO

Na sede da Associação dos Inquilinos do Norte de Portugal haverá amanhã, às 21 e 30, um colóquio, orientado pelo dr. Carneiro Fraga e subordinado ao tema: «Alguns aspectos do sistema jurídico vigente em matéria do inquilinato».

PASSAGEM DE MODELOS

Uma passagem de modelos em «tricot», pronto-a-vestir e confecções marcará a estação Primavera-Verão. Organizada pelo Núcleo Auxiliar Feminino da Cruz Vermelha do Porto, será na terça-feira, às 20 e 30, na sede daquele organismo.

VISITA DO PRESIDENTE DA GULBENKIAN

No Ateneu Comercial do Porto houve uma reunião com individualidades ligadas ao sector cultural para elaborar o programa da visita ao Porto do dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Gulbenkian, dia 7 de Abril.

O programa inclui, naquele dia, visita ao governador civil, recepção na Câmara Municipal, almoço no Restaurante Portugal, oferecido pelo Município, visita à Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e à Associação Cultural «Os Amigos do Porto». Será inaugurada a Sala Calouste Gulbenkian, no Ateneu e também uma exposição de pintura, promovida pela Sociedade Portuguesa de Arte Contemporânea. No Salão Árabe do Palácio da Bolsa o dr. Azeredo Perdigão fará uma conferência, intitulada: «Reflexões sobre cultura - Uma política cultural».

«O FLUVIAL»

Realizou-se a assembleia geral do Clube Fluvial Portuense, para eleição dos novos corpos gerentes, que passam a ser presididos na assembleia geral, direcção, conselho técnico e conselho fiscal, respectivamente, pelos dr. Elísio Pimenta, Laureano Barrosa, José Diogo e Alipio Dias.

CURSO LIVRE EM ENGENHARIA

Na Faculdade de Engenharia está aberta a inscrição para um curso livre sobre «Análise Matricial de Estruturas Com Vista à Competição Digital Automática», iniciativa do Gabinete de Estruturas daquela Faculdade e que se inclui nas actividades de pós-graduação ali desenvolvidas.

O curso, aberto a todos os interessados, é gratuito, e terá a duração de oito semanas, a começar nos primeiros dias de Maio.

FILUMENISMO

Um grupo de entusiastas coleccionadores de etiquetas de caixas de fósforos acaba de fundar, aqui a Associação Portuguesa de Filumenismo, com sede na Rua Formosa, 400, 2.º

Aprovada oficialmente, a associação elegerá no sábado, às 21 e 30, os primeiros corpos gerentes para o biénio de 1972/73.

CHUVA DEMASIADA PREJUDICOU AS CULTURAS

Durante o mês de Fevereiro, verificou-se uma precipitação média ligeiramente superior ao normal na época, enquanto a temperatura foi ligeiramente inferior. Nos primeiros dez dias, houve alagamentos e inundações e, por vezes, vento forte, o que provocou, por um lado, destruição de culturas e, por outro, queda de árvores e derrube de citrinos. Foram prejudicados os trabalhos agrícolas e as culturas pendentes. No mesmo período, melhoraram as reservas hídricas do solo.

Nas segunda e terceira décadas, melhorou em geral o estado do tempo, o que, segundo nos informa a folha mensal do Instituto Nacional de Estatística, favoreceu o desenvolvimento das culturas, não tendo sido, contudo, o mais adquado para o desenvolvimento das pastagens e culturas forrageiras. Nas searas, o desenvolvimento era inferior ao normal para a época.

A pragana e a fava ocupam áreas iguais ás do ano agrícola anterior, mas a área ocupada pelo trigo é superior. Por seu turno, os lagares continuam a laborar pelo mês de Março dentro, sendo o azeite de boa qualidade, com uma produção avaliada em 392 milhares de hectolitros, colheita muito fraca que se cifra em 52 por cento, relativamente à média dos últimos dez anos.

Quanto ás pastagens e culturas forrageiras, foram beneficiadas pela precipitação e prejudicadas pelas temperaturas baixas e pela formação de geadas.

Bastante afectados pelos ventos, geadas e tempo frio, os pomares de citrinos deverão produzir cerca de 85 milhares de toneladas, representando um decréscimo de 6 por cento em relação ao ano anterior. No mercado da batata, houve uma ligeira subida de preços, notando-se reduzido movimento em relação ao mercado do vinho.

Em resumo, enquanto na primeira década todos os trabalhos agrícolas foram prejudicados pelo estado do tempo, nas duas últimas os mesmos processaram-se normalmente, constatando-se alguns ligeiros atrasos.

SOCIEDADE FILARMÓNICA PIEDENSE

Com uma jornada de amizade e turismo, a secção de campismo e caravanismo da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense encerra no domingo das suas actividades para a época de Inverno.

Do programa faz parte um passeio pela serra da Arrábida, com paragem na Casa Abrigo do Monte Cabrito, do Clube de Campismo de Setúbal e visita ao castelo de Palmela, seguindo-se um almoço de confraternização, no Barreiro.

ENTREPOSTOS ADUANEIROS EM PORTUGAL E NO BRASIL

Com a presença de representantes dos mais importantes sectores da indústria exportadora nacional, realizaram-se na sede e na delegação do Porto - do Fundo de Fomento de Exportação, reuniões com o objectivo de se instalarem, brevemente, entrepostos aduaneiros no Rio de Janeiro, para produtos portugueses, e em Lisboa, Luanda e Lourenço Marques, para produtos oriundos do Brasil.

CONCELHO DISTRITAL

Para apreciar o relatório e contas da gerência finda da Junta Distrital, o qual foi aprovado por unanimidade, reuniu-se o Conselho Distrital, sob a presidência do prof. Bissaia Barreto, que descreveu as actividades daquele organismo no ano findo.

O dr. Moura Relvas elogiou a acção da Junta Distrital e prestou homenagem ao presidente.

CONTRATO DE TRABALHO

Na sede da União de Grémios de Lojistas de Coimbra, prossegue o estudo da revisão do contrato colectivo de trabalho dos caixeiros, no qual intervêm sete grémios integrados na União e o Sindicato Nacional dos Caixeiros deste distrito.

A próxima reunião decorrerá na quinta-feira, às 21 e 30.

SESSÃO CLÍNICA

Numa sessão clínica na Obra de Assistência Materno-Infantil Dr. Bissaia Barreto, do Centro Hospitalar de Coimbra, foram apreciadas comunicações pelos drs. António Coelho, sobre «Reanimação do recém-nascido» e Jorge Biscaia, que tratou de «Aspectos pediátricos do sofrimento fetal.»

VISITA DE ESTUDO

Em visita de estudo, estiveram aqui os alunos do Ciclo Preparatório da Escola Preparatória Dr. Bento Carqueja, de Oliveira de Azeméis, acompanhados pelo director, dr. Abel Gandara e por professores.

Visitaram a Universidade e outros monumentos.

CURSO DE HOTELARIA

No Curso Itinerante de Hotelaria, que está a decorrer com muito interesse, e a frequência prevista funciona num hotel da cidade, sob a direcção do sr. Cândido Fidalgo houve uma aula prática com assistência, dos representantes dos órgãos de informação. Objectivo: darem conta do seu aproveitamento nos diversos campos da hotelaria.

REUNIÃO CONJUNTA DE SINDICATOS

Para uma reunião conjunta com os sindicatos federados de Beja, Évora, Faro e Portalegre, desloca-se amanhã a Évora a direcção da federação regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes, a que preside o sr. João António Pacheco Pereira Coutinho.

Também amanhã será inaugurada, naquela cidade, a exposição «Fotografia em férias», promovida pela revista «Escritório», editada pela referida federação.

INCREMENTO DA EXPORTAÇÃO

Como resultado dos contactos estabelecidos no Paquistão pelo dr. Amaro de Matos, presidente do Fundo de Fomento de Exportação, durante a sua viagem pelo Oriente, na prospecção de novos mercados, foi nomeado um correspondente permanente que actuará junto do Consulado de Portugal em Karachi e estará imediatamente apto a prestar todos os esclarecimentos ao comércio exportador nacional.

CONSELHEIRO DA EMBAIXADA DO JAPÃO

Encontra-se de novo em Portugal, como conselheiro da Embaixada do Japão, o dr. Tamotsu Nakaya, grande amigo do nosso país.

O conselheiro cessante, dr. Takeo Ueno, que foi nomeado consul no Recife, e sua esposa ofereceram uma recepção em honra do dr. Tamotsu Nakaya, que teve a presença de numerosas individualidades do Grupo Diplomático e entidades oficiais e particulares.

Dr. Eugénio Alberto Basto Machado

MISSA DO 7.º DIA

Sua muher, sogra, irmão, cunhadas e mais família mandam rezar missa no dia 25, pelas 18 horas, na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora.

(Largo dos Prazeres)

Necrologia

D. Catarina da Conceição Oliveira

MARVÃO — Para o cemitério local, realizou-se o funeral da sra. D. Catarina da Conceição Oliveira, viúva, de 98 anos, natural desta vila, onde residia. Era mãe dos srs. Jerónimo de Oliveira e das sras. D. Rita de Oliveira Bengala e D. Dionísia de Oliveira Mouro.

D. Sofia Amélia Fialho Rainha

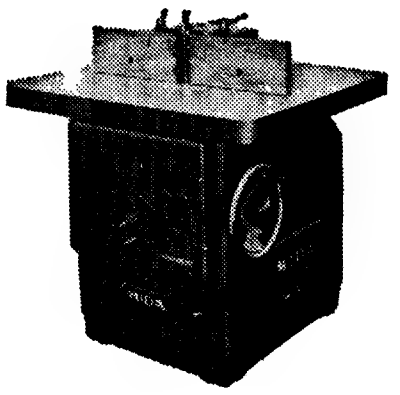
CARRAZEDA DE ANSIÃES — Faleceu sùbitamente a sr.ª D. Sofia Amélia Fialho Rainha. Pessoa muito estimada, era casada com o sr. Alexandrino Correia Rainha, farmacêutico e mãe das sras. dr.ª Ângela Joaquina, licenciada em Farmácia e Maria Alexandrina, professora primária e dos srs. Manuel Cláudino e Alexandre Luís Fialho Rainha, alferes miliciano, em serviço no Ultramar.

Bernardino Vitorino Balanca

MONTARGIL — Realizou-se para o cemitério local o funeral, que teve grande acompanhamento, do sr. Bernardino Vitorino Balanca, falecido no hospital.

Contava 58 anos, era casado, agricultor, natural de Pavia, mas aqui residente há muitos anos.

«MIDA»



UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

TUPIA VERTICAL
Modelo TV-6

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

Impõe-se a construção de grande rodovia entre Coimbra e Figueira da Foz

Tem sido agitado, nos últimos tempos, o problema da construção de uma grande rodovia que ligue directa e ràpidamente os importantes centros comerciais, industriais e turísticos que, inegàvelmente, são as cidades de Coimbra e da Figueira da Foz. Como toda a gente sabe, as ligações rodoviárias e ferroviárias entre os dois centros são menos do que precárias. E constituem, hoje como sempre, um meio imprescindível de progresso económico e social, tanto mais que, no caso presente, se trata do troço inicial da importante linha de escoamento do porto da Figueira da Foz para a faixa central do país e de acesso à Europa. Poderá a região apresentar a estranhos, habituados a grandes meios, um cartaz turístico sem amplas e modernas estradas e sem comboios rápidos, cómodos e higiénicos?

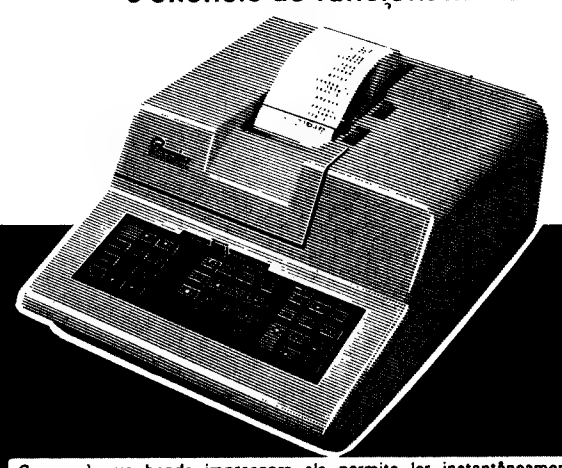
A situação da linha férrea é lamentável. Mas falemos agora, tão sòmente, da imperiosidade da construção de uma grande e eficiente rodovi-por que não uma auto-estrada? - que aproxime Coimbra da Figueira e dê continuação condigna à parte final - para o litoral - da Estrada da Beira.

A distância entre as duas cidades é de pouco mais de 40 quilómetros, que se podem encurtar em tempo e espaço de modo a apoiar o desenvolvimento desejado da economia e das gentes da região do Mondego.

Precisa CALCULADORA electrónica

MODELO 370

alta velocidade de impressão e silêncio de funcionamento



Graças à sua banda impressora ela permite ler instantâneamente os factores e os resultados dos cálculos mais complexos.
As suas 5 memórias fazem dela um instrumento de trabalho com múltiplas possibilidades.
Para as exigências menos ambiciosas, o modelo 374, dotado de 3 memórias, serve perfeitamente.

Por outro lado, Precisa apresenta igualmente uma gama completa de somadoras manuais e eléctricas e calculadoras eléctricas-impressoras completamente automáticas para as 4 operações, a preços módicos.
As calculadoras Precisa são fabricadas na Suíça com a mesma precisão e meticulosidade com que se fabricam os cronómetros e são vendidas em Portugal com a garantia e a assistência técnica dos seus representantes exclusivos:

ESTABEL. M. SIMÕES JR. S.A.R.L.
Lisboa-Porto-Aveiro-Braga-Beja

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

R. Ouro, 292-1.º—LISBOA—Tels. 369384/5/6

CARROS USADOS

EXPOSIÇÃO PERMANENTE ATÉ ÀS 24 HORAS
de 20 de Março a 15 de Abril
NA
AUTO MONUMENTAL DO AREEIRO, S.A.R.L.

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8, 8-C e 8-D (ao Areeiro)
Tels. 718607 - 727654 - 713057

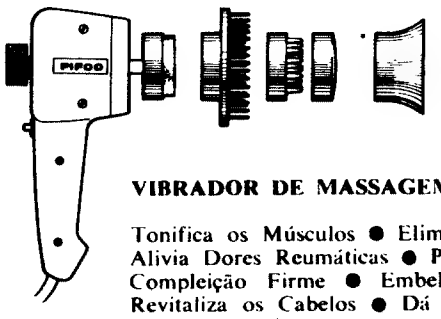
Agente oficial VOLKSWAGEN

CONDIÇÕES ESPECIAIS
DURANTE ESTE PERÍODO
FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA

UMA ORGANIZAÇÃO PRESENTE NO MERCADO NACIONAL HÁ QUASE 1/2 SÉCULO

MÁQUINAS DE COSTURA
TELEVISORES
FOGÕES A GÁS
MÁQUINAS DE ESCREVER (PORTÁTEIS)
AQUECEDORES CATALÍTICOS
ESQUENTADORES A GÁS
FRITADEIRAS MERGULHANTES (SEMI-INDUSTRIAIS)

PREFIRA QUALIDADE
ESCOLHA
OLIVA



VIBRADOR DE MASSAGEM PIFCO

Tonifica os Músculos ● Elimina a Fadiga ● Alivia Dores Reumáticas ● Proporciona uma Compleição Firme ● Embeleza a Face ● Revitaliza os Cabelos ● Dá Boa Disposição

Primax, Ida.

Representante Exclusivo
R. dos Fanqueiros, 114, Lisboa 2
Tel. 32 27 72 / 32 33 12 / 32 27 62

PROVÍNCIA

SANTARÉM

O clínico geral e as arritmias

Na Misericórdia, realiza-se amanhã, às 21 e 30, a terceira sessão clínica do hospital distrital de Santarém, durante a qual será debatido o tema «Conduta do clínico geral perante as arritmias», sob a orientação do prof. Fernando de Pádua e com a colaboração dos drs. João Araújo, Virgínia Monteiro Lopes e Brás Bruto da Costa.

CALDAS DA RAINHA

Noventa casas Económicas

O «Diário do Governo» publicou o anúncio do concurso público para arrematação das empreitadas de construção de 90 fogos do agrupamento de casas económicas das Caldas da Rainha.

Há duas hipóteses, em três empreitadas, para construção, respectivamente, de 68, 22 ou totalidade dos fogos, com prazos de execução de 270, 210 e 360 dias e bases de licitação, respectivamente, de 8 525 234$00, 5 061 860$00 e 13 787 094$00.

Trata do caso o Fundo de Fomento de Habitação, em Lisboa.

MONTIJO

Exposição Da «Seara Nova»

A exposição comemorativa do cinquentenário da «Seara Nova», que tem a finalidade de dar uma panorâmica da actividade da revista e da sua edição de livros, ao longo deste período, estará patente ao público, de 25 a 30, no Ateneu Popular do Montijo, Rua Almirante Reis, 120, a partir das 19 horas.

No domingo, às 21 e 30, haverá um colóquio na Banda Democrática 2 de Janeiro, Avenida Almirante Cândido dos Reis, 44, naquela vila, para análise e debate da intervenção da «Seara Nova» na vida nacional. Participam os redactores da revista, Sottomayor Cardia, António Reis e Mário Ventura.

BRAGA

Conferência

O dr. Carlos Valiente Noailles, professor de Direito Constitucional das Faculdades de Direito das universidades Geral e Católica de Buenos Aires visita no dia 4 de Abril a Associação Jurídica de Braga, onde, às 17 e 30, fará uma conferência intitulada: «La Corte Suprema de Justicia de la Nación Argentina Defensora de los Derechos Umanos y Factor de Estabilidad Institucional.»

Foram convidados a assistir à conferência o embaixador da Argentina no nosso País e os professores de Direito Constitucional das Faculdades de Direito de Coimbra e de Lisboa.

BARREIRO

Salão De arte Fotográfica

No domingo, pelas 15 horas, reúne-se o júri nomeado para a selecção dos trabalhos dos 35 concorrentes ao I Salão de Arte Fotográfica «Cineandra», organizado por um grupo de jovens desta vila.

A exposição, constituída por 100 fotografias, estará patente ao público na sede da Associação Académica do Barreiro, de 3 a 10 de Abril, das 21 às 23 horas.

CALDAS DA RAINHA

Exposição De Fotografia

Subordinada ao tema «Como vive o homem», o Conjunto Cénico Caldense vai levar a efeito brevemente, no salão de turismo local, uma exposição de fotografia, que incluirá trabalhos de todas as pessoas interessadas em participar no certame.

Os trabalhos, com um formato mínimo de 18 vezes 24 cm, deverão ser enviados para aquele agrupamento cénico até 15 de Abril, sendo devolvidos aos autores, após o encerramento da exposição.

Visto a mostra não ter carácter competitivo, todas as fotografias enviadas serão expostas.

MORTÁGUA

Morreu carbonizado

Um incêndio na casa do sr. José Ferreira Mendes, no centro da vila, de Mortágua, causou a mórte do seu proprietário, que se encontrava sòzinho e preso ao leito, por doença.

Quando foi notada a saída de fumo e labaredas pela janela do 2.º andar da residência, acorreram muitos populares e os bombeiros, que ràpidamente dominaram o sinistro. Mas já o sr. José Ferreira Mendes, pessoa muito conceituada, tinha perecido no meio das chamas. O incêndio deflagrou no próprio quarto e deve ter sido provocado por um aquecedor que pegou fogo às roupas da cama. A esposa, sr.ª D. Pureza Frias Mendes, tinha-se ausentado por momentos e, quando regressou, a tragédia estava consumada.

A vítima tinha 63 anos e fora vice-presidente da Câmara Municipal de Mortágua. Era proprietário de uma firma local.

Deixa órfãos a sr.ª D. Hortense Frias Mendes e o sr. José Manuel Frias Mendes. Era irmão do sr. Manuel Maria Mendes e tio do actual presidente da Câmara, professor António Monteiro Freire Beirão.

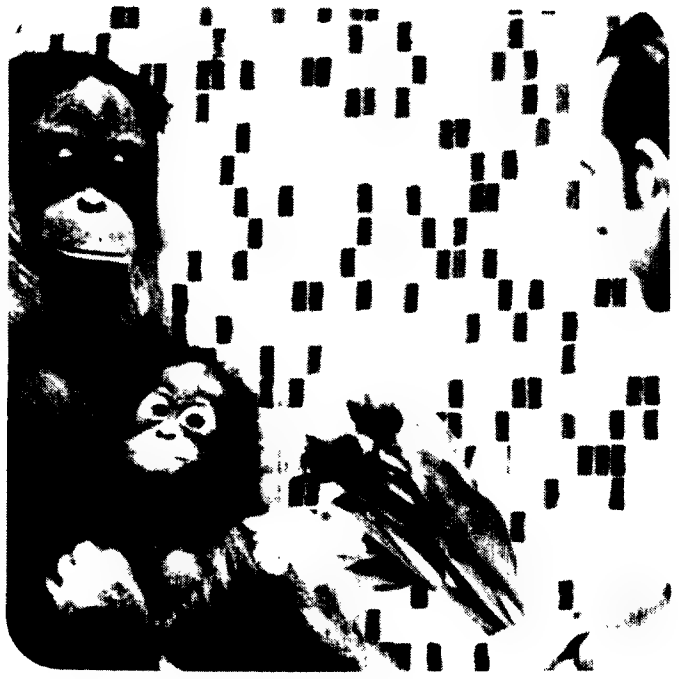
Tertúlia Festa Brava

No dia 7 de Abril, reunir-se-á extraordinàriamente, pelas 21 horas, a assembleia geral da Tertúlia Festa Brava, com a seguinte ordem de trabalhos: aprovar uma proposta da Direcção para nomear o chefe do Estado presidente honorário da Tertúlia; aprovar uma proposta da direcção para nomear sócios honorários o dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. Emílio Calderón-Puig, embaixador do México em Lisboa, e eng. Santos e Castro, presidente do Município da capital.

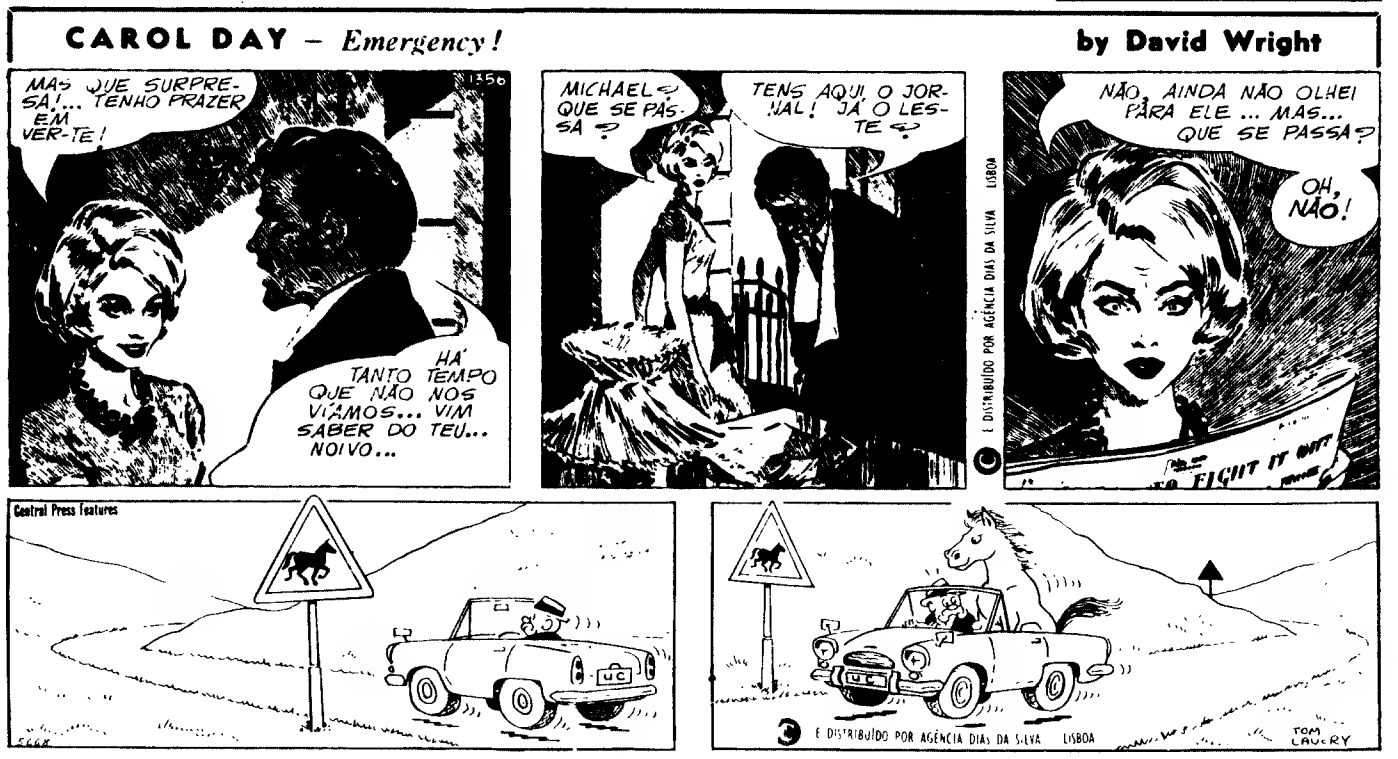
O REGULAMENTO TAUROMÁQUICO EM COLÓQUIO

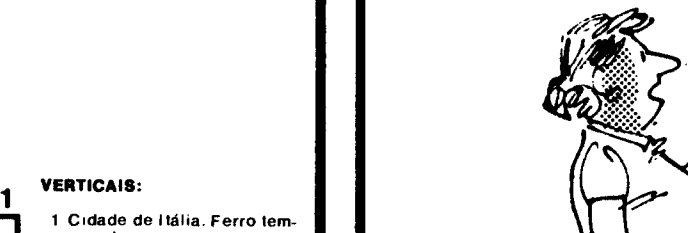
A Tertúlia Festa Brava promove um colóquio para discussão e análise do regulamento do Espectáculo Tauromáquico por sugestão do secretário de Estado da Informação e Turismo. No dia 4 de Abril haverá uma recepção aos orgãos da Informação, artistas, críticos, ganadeiros, empresários e outras pessoas interessadas no problema, para explicação da finalidade do colóquio. No dia 11, pelas 21 e 30, realizar-se-á a primeira sessão, repetindo-se as reuniões, a partir daí, todas as terças-feiras, até que o tema esteja esgotado.

Parabéns para você



«Topsy» é, no momento, o mais popular orangotango de Hamburgo. Acaba de completar o primeiro aniversário e o regozijo foi geral entre os funcionários e os frequentadores do Zoo local. A foto mostra o momento em que o guarda especial de «Topsy» lhe tentava entregar um ramo de flores, ao som do «Parabéns para você». A mãe de «Topsy», porém, não parece muito contente com estas manifestações de entusiasmo (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»).





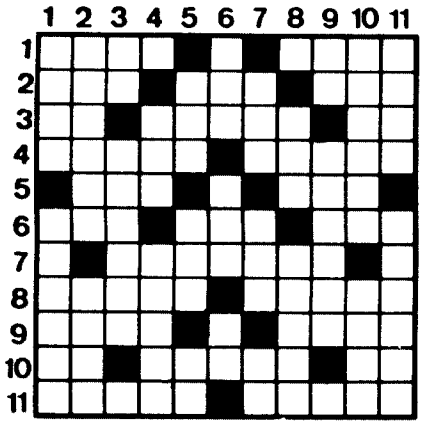
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 043

HORIZONTAIS

1 Grito de aplauso. Pronome relativo.
2 Aia. Suspiros. Pega.
3 Medida japonesa igual a dois decilitros. Assistir. Pronome pessoal.
4 Inunda. Naipe das cartas de jogar.
5 Pedra de altar. Doçura.
6 Caminhei para cá. Corda de reboque. Utensílios domésticos.
7 Ligai.
8 Parte do templo destinada aos fiéis (pl). Queimam.
9 Amanhã (ant). Ilha do Pequeno Belt.
10 Preposição. Murchar. Erbio (s.q.).
11 Enfiada. Mamífero afim da foca.



VERTICAIS

1 Popularidade (fig.). Ganhar.
2 Sacrificai. Classe de tropa.
3 Fútil. Equipava.
4 Povoação do concelho de Condeixa. Tiragem da cortiça.
5 Pegadeira. Bigorna de ourives sem hastes. Artigo definido (ant).
6 Mitologia. Mágoa. Antes de Cristo.
7 Sadio. Pedra de altar. Amónio (s.q.).
8 Víscera dupla. Planta vivaz e medicinal.
9 O mesmo que uma (ant. pop). Calca aos pés.
10 Paramento em forma de tira larga que o padre traz em volta do pescoço. Pernadas do sobreiro.
11 Em mais alto grau. Cidade do México.

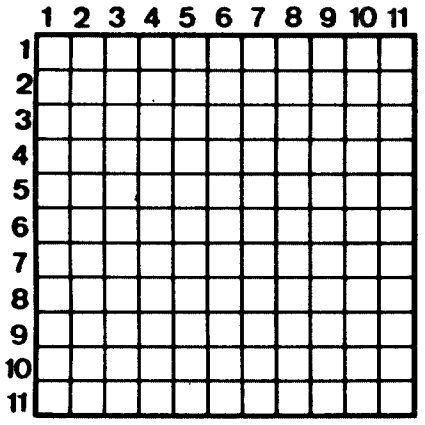
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6201

HORIZONTAIS:

1 Pássaro cinzento, cujo canto imita o seu nome. Um dos estados da Federação da Malásia. Cidade da Ucrânia.
2 Ouro (s. q). República da América meridional à beira do Oceano Pacífico.
3 Sapo do Amazonas. Cobalto (s.q). Troça.
4 Pronome demonstrativo. Capacidade.
5 Glutinosos.
6 Dois mil em romano. Genro de Maomé. Acreditar.
7 O mesmo que três. Fundador do Islamismo.
8 Erbio (s.q)). Cidade da Rússia. Antigo Testamento.
9 Gestos. Sala onde se lecciona.
10 Condado da Irlanda. Cidade e porto da Guiné setentrional, na Costa do Ouro.
11 Cidade da Argélia. Levara à toa, a reboque.



VERTICAIS:

1 Cidade de Itália. Ferro temperado.
2 Ouro (s.q). Preposição. Dar aviso de alguma coisa em voz alta
3 Ave da família dos láridas. Escuridão.
4 Incinerar. Recusa.
5 Cidade de França. Ilha francesa do Oceano Atlântico, na foz do rio Carântono.
6 Nesse lugar. Letra grega. Nota musical (InVº).
7 Filtro. Pronome pessoal. Átomo.
8 Colocar. Resposta.
9 Berilo (s q). Cacete (prov). Larva das feridas dos animais.
10 Apre! Meter em mala.
11 Nome do homem. Ilha também chamada Candia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 042

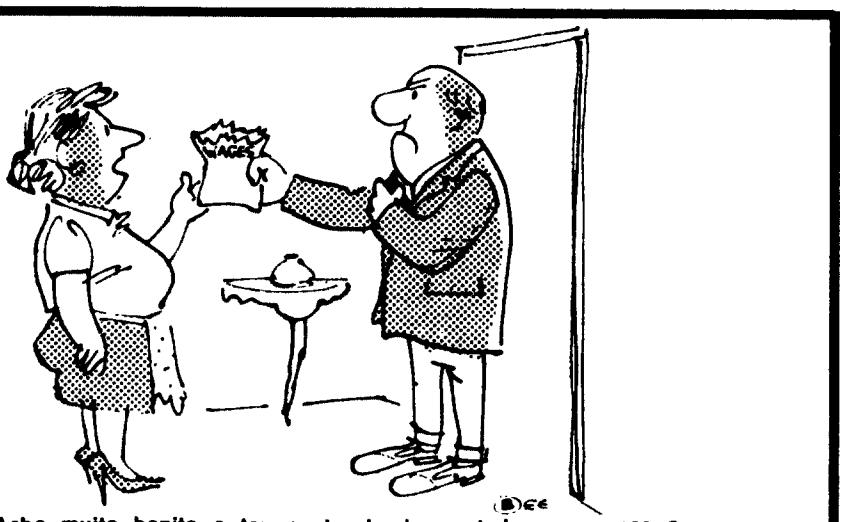
HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Tatá. NINHO	1 Adão. Lorca.
2 Coleira.	2 Emanara.
3 DE. Marca. Vá.	3 Ac. Asada. Gr.
4 Ama. Sra. MIV	4 Tom Ita. Aué
ª Oásico. Caro.	5 Alasca. Ibis.
6 Nata. Tola.	6 Erro. Aran.
7 Lada. Armada.	7 Nica. Traça.
8 Ora. Ira. Sal.	8 Irá. Com. Chã.
9 Rã. Abana. Se.	9 Na. Malas. Oó.
10 GUINCHO.	10 Viradas.
11 Abres. Açor.	11 Olavo. Além.

PROVÉRBIO NINHO DE GUINCHO

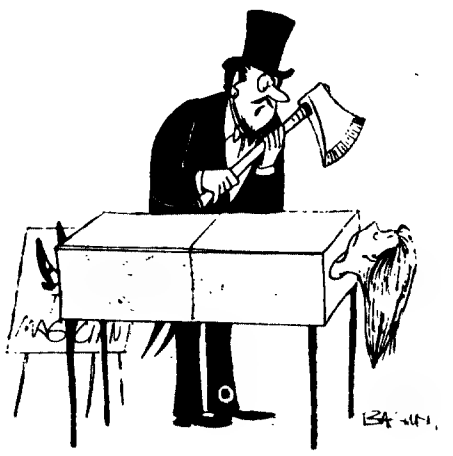
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6200

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Cã. Mil. Fama.	1 Cativa. Piar.
2 Ada. Dominam.	2 Adoro. Canto.
3 Toca. Au. Aca.	3 Acatar. Aue.
4 Irada. Ir. As.	4 Adatis. Ri.
5 Votara. Ecos.	5 Id. Ari. Ela.
6 Atirava.	6 Loa. Arc. Arm.
7 Cri. Coifa.	7 Mui Aos. Ai.
8 Pá. Se. Saúdo	8 Fi. Revias.
9 Ina. La. Sais.	9 Ana. Cafua.
10 Aturara. To.	10 Mação. Adita.
11 Roei. Mim. Ás.	11 Amassa. Osos.

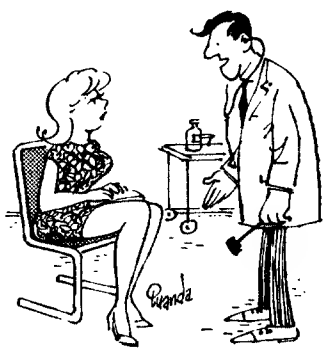
— Os registos mostram que em 30 anos você nunca pediu um aumento... por isso está despedido



— Acho muito bonito o teu gesto, dando-me todos os meses o envelope do ordenado. Mas não te importavas de deixar qualquer coisa nele?



— Tem paciência. Perdi a serra!



— Queira cruzar os joelhos, menina Mariana. Quero testar os meus próprios reflexos

Cumprindo uma velha tradição, o Sporting treinou esta manhã fazendo equipar a «turma de reservas» à F.C. do Porto. Mesmo não sonhando com o título, Mário Lino faz rodear este encontro dos maiores cuidados

FUTEBOL DE GRANDES EM ALVALADE

PORTO EM LISBOA ATRACÇÃO PARA DOMINGO

Para além das carreiras que os clubes têm vindo a fazer no presente campeonato, independentemente da forma como se têm apresentado, a visita do F. C. do Porto a Alvalade provoca sempre uma curiosidade invulgar: porque, tal como o Sporting consegue sempre bons resultados nas Antas, também o F.C. do Porto costuma vir a Lisboa arrancar, senão bons resultados, pelo menos boas exibições. Daí considerar-se este Sporting-Porto, como o jogo mais importante da ronda número 24 do torneio maior do nosso futebol.

Sabe-se como as duas turmas estão afastadas da hipótese do primeiro lugar. Sabe-se como têm sido as carreiras de ambos na presente temporada: como todos sabem que o sonho leonino é subir à segunda posição (destronando o Vitória de Setúbal) e o do Porto guindar-se ao quarto lugar (por direito próprio, até esta altura, do Desportivo da CUF).

Daí pensar-se que, tanto o Sporting, como o Porto, absolutamente descontraídos por nada terem a perder, se irão bater no domingo, em Alvalade, pela vitória, perspectiva que faz antever um encontro muito bem disputado, susceptível de proporcionar um belo espectáculo desportivo.

O «novo» Sporting de Mário Lino (ainda invencível, assinale-se), está na curva ascendente de forma, na fase de recuperação: não só de alguns jogadores, mas também (e principalmente) de um estilo de jogo atacante que desde há muito perdera. Por sua vez, o F.C. do Porto tem vindo a conseguir alguns bons resultados fora do seu ambiente: já que é precisamente nas Antas que regista o mais baixo índice de rendimento, com alguns resultados verdadeiramente escandalosos. Ainda no passado domingo ali perdeu com o Vitória de Guimarães, dando ensejo a uma «vingança» de Mário Wilson...

Mário Lino, preocupado com a lesão de Nando, resolveu chamar ao estágio Lourenço, completamente recuperado de um «toque» antigo e com alguns quilos a menos. Para o jogo de Alvalade, o actual treinador leonino convocou os seguintes atletas: Damas, Pedro Gomes, Caló, José Carlos, Hilário, Manaca, Peres, Chico, Nelson, Yazalde, Diniz, Botelho, Laranjeira, Gonçalves, Lourenço e Marinho.

Por seu lado, o F.C. do Porto fez os seus atletas cumprirem o tradicional sistema de treinos de manhã e à tarde. Isso faz prever que a turma nortenha se apresente em Alvalade com os seus melhores jogadores, já que do departamento médico nenhuma notícia de lesão transpirou.

Anote-se, para terminar esta breve análise, a verdade ditada pelos números no que diz respeito à actividade dos dois clubes no presente campeonato: o Sporting, em Alvalade, marcou já 22 golos tendo sofrido apenas 8, enquanto o Porto, nos jogos fora, conseguiu marcar 17 embora sofrendo 12.

Afinal, boas razões para Alvalade esperar um belo desafio de campeonato.

MOURINHO e a selecção:

"Um minuto apenas e partirei feliz"

Mourinho

Vimo-lo participar na segunda metade do treino da selecção, com o entusiasmo de um principiante. E, no entanto, Mourinho tem 34 anos, joga futebol há 14, até já foi treinador e seus ombros pesou e pesa a responsabilidade de defender em pugnas importantíssimas as balizas de Vitória de Setúbal e do Belenenses.

Vimo-lo sorrir de contentamento mesmo na fase em que deu voltas e mais voltas ao recinto do Jamor, enquanto os demais já jogavam a primeira parte do treino com o União de Tomar.

Vimo-lo, depois, na cabine: incitado e comprimentado por todos, ouvir com um sorriso de esperança nos lábios os votos de felicidade e de continuidade.

Mourinho na selecção. Aos trinta e quatro anos. Certo que a chamada lhe foi possível porque o Benfica não podia dispensar os seus jogadores; certo que não haverá muitas outras oportunidades pois há a tendência natural de os seleccionadores preferirem nomes que dêm garantias de muito mais anos de actividade. Mas Mourinho foi chamado. Treinou a agradou. Esforçou-se. Como um pricipiante. como se tivesse à sua frente toda uma vida para viver no futebol.

Que faz correr José Manuel Mourinho Félix? Que vantagens lhe pode trazer uma participação em treino de selecção ou mesmo em qualquer encontro internacional? De ordem material, certamente nenhumas. O que faz correr Mourinho (quando os da sua idade se retiram envergonhados) é a esperança secreta de vir ainda a sentir sobre o corpo o rubro das camisolas das quinas, o de anotar no seu longo album de recordações a frase mágica: hoje fui internacional. E a convicção plena de que lhe fizeram justiça.

No momento em que escrevemos não sabemos ainda se José Augusto o convidou para o estágio preparatório do jogo com o Chipre. Isso pouco importa, para o que hoje se impõe acentuar. Convocado ou não, Mourinho mostrou no Jamor como vem mostrando de há muitos anos para cá que é merecedor, que justifica plenamente a internacionalização. Mais: que se tem batido por ela com toda a alma com todas as potencialidades, que são enormes para o nosso meio. Simplesmente nunca jogou no Sporting ou no Benfica, nunca foi seu hábito armar em vedeta.

Numa altura em que faltam ainda três ou quatro meses para a «Taça Independência» (no Brasil) onde Portugal deve disputar um razoável número de jogos, com a inevitável deslocação de três guarda-redes, o convite a Mourinho não pode ser esquecido. E que ele merece-o. E que, no futebol português de hoje, ele é um dos que mais dignificam a sua profissão, um dos que mais tem dado pelo espectáculo da bola! Certo que também tem recebido, que se elevou na escala social através dos seus contactos nos meios futebolísticos. Mas certo também que jamais desmereceu da confiança que lhe foi dada, jamais deixou de honrar os que por qualquer forma o ajudaram.

Agora que o fim da sua carreira não se pode considerar muito distante e como ele está ainda em forma, senhores é a altura para fazer justiça, ainda que tardia, tantos anos quantos durou a assinatura de Carlos Gomes, Costa Pereira, José Pereira e Damas. E a altura para lhe proporcionar algo mais que as cinco internacionalizações na selecção militar. É a altura para lhe oferecer a baliza da selecção, pelo menos durante parte de um desafio. E, no Brasil, no próximo mês de Julho, não há dúvida que haverá várias oportunidades para que o velho sonho do excelente guarda-redes se concretize. Será uma forma simples de o futebol retribuir uma vida de dedicação.

Até lá, fiquem as palavras do guarda-redes do Belenenses, ditas com uma certa emoção enquanto descalçava paulatinamente as botas com que pisou a relva simbólica do Jamor, durante o treino desta semana, no que poderá ser o primeiro passo no caminho da consagração máxima como futebolista. Até lá fiquem as palavras de Mourinho:

Um minuto só na selecção e poderei retirar-me tranquilo. Para quem lutou tantos anos por essa honra, ter chegado aqui, ao primeiro treino, é o princípio de felicidade, o sinal para trabalhar ainda mais, com toda a alma, para merecer a honra de vestir a camisola da meu país. Não peço muito. Um minuto apenas para me retirar feliz, com a certeza de que cumpri o meu dever. Quem esperou durante tantos anos também espera mais alguns meses. Na certeza de que não se esquecerão de mim. Não peço muito. Um minuto apenas para me sentir feliz e retirar-me tranquilo.

BARREIRENSE-BENFICA

Carlos Silva quer ser herói

Enquanto o Benfica sofre o «rescaldo» da batalha com o Feyenoord e fica a braços com mais alguns problemas no que respeita à urilização de certos jogadores (Malta da Silva, Rui Rodrigues e Simões não são hipótese), Jordão é agora a grande dúvida benfiquista para o encontro de domingo, no Barreiro. Só à hora do jogo, muito possívelmente, se saberá se a nova «estrêla» poderá alinhar ou não, se bem que a recuperação esteja a processar-se rápidamente.

Hagan convocou os jogadores para uma sessão de banhos e massagens ontem mesmo, continuando a seguir a sua política: «com trabalho é que se alcançam bons resultados». A equipa, que treinou esta manhã na Luz, está concentrada na Estalagem «Rota do Sol» (Carcavelos) donde sairá na manhã do próprio jogo em direcção ao Barreiro. Se o preparador inglês puder contar com Jordão, o Benfica iniciará o encontro com a mesma formação que derrotou os holandeses.

Entretanto, no Barreiro, Carlos Silva tenta recuperar João Carlos, fortemente lesionado frente ao Tirsense e que já ontem retirou o gesso da perna doente. Valter, que não se deslocou a Santo Tirso (por lesão) já recomeçou a sua preparação normal e também está em condições de alinhar contra os campeões nacionais.

O ambiente é de confiança e todos estão esperançados em que o Barreirense poderá não sair derrotado deste confronto. Por outro lado, o técnico Carlos Silva manifesta-se muito optimista e não prevê outro resultado para domingo que não seja a vitória do Barreirense. Talvez para apro**veitar o cansaço da 4.ª feira europeia...**

Como curiosidade, registe-se que o Barreirense, em sua casa, já conquistou 13 pontos (cinco vitórias, três empates e quatro derrotas) com um «goal-average» de 20-17. No terreno do adversário, os barreirenses somaram até ao momento oito pontos: de três vitórias, dois empates e seis derrotas, com uma marcação de 8-21. O benfica, fora do Estádio da Luz, soma dez vitórias e um empate (29 golos marcados e seis sofridos). Por outro lado, no seu terreno, os campeões nacionais somam dez vitórias e dois empates, tendo marcado 33 golos e sofrido apenas três. Pelas estatisticas a vantagem é evidente; mas, nunca fiando...

DL EM TODAS

TÍTULO: são 14 os ciclistas profissionais do Sul que podem concorrer ao campeonato nacional de fundo. Nomes: Joaquim Agostinho, António Simão, Firmino Bernardino, Leonel Miranda, Emiliano Dionísio, Vítor Rocha, João Curto e António Teixeira (Sporting); Fernando Vieira, João Pinhal, António Martins, Fernando Mendes, Manuel Correia e Orlando Alexandre (Benfica).

BASQUETEBOL: o Ignis de Varese obteve a «Taça dos Clubes Campeões Europeus» ao derrotar (por 70-69) em Telavive, os jugoeslavos do Jugoplastika.

ESGOTADO: ocupados os três mil lugares do Pavilhão do Lima para o F. C. Porto-Sporting, em basquetebol, que se disputa no domingo na «cidade invicta». Havia pedidos para quinze mil bilhetes.

ATLETISMO: num percurso de 10.800 metros realiza-se na manhã do próximo domingo em Aveiro, o primeiro circuito em estafetas destinado a atletas filiados.

HÓQUEI EM PATINS: com as inscrições do Sangalhos, Ovarense, Hóquei da Anadia e Iliabum, eleva-se para doze o número de clubes filiados na Associação de Patinagem de Aveiro.

PUGILISMO: disputa-se hoje á noite, em Barcelona, o combate a contar para o título europeu dos «Meio Médios-Super», entre o espanhol José Hernandez (actual campeão) e o francês Jacques Kechician.

Peres Bandeira dirigindo o último treino «azul» antes da deslocação a Faro

A entrevista com José Augusto

De José Augusto, seleccionador-treinador da equipa nacional de futebol e em relação à entrevista recentemente concedida ao nosso jornal, recebemos a seguinte carta:

«Tendo lido a entrevista que concedi ao vosso prestigiado jornal, e que foi publicada no dia 5 do mês corrente, no suplemento desportivo, verifiquei que não fui bem interpretado nalgumas das minhas declarações; por esse motivo e para perfeito esclarecimento do público, entendi conveniente solicitar a V. a fineza de mandar publicar algumas rectificações à aludida entrevista, nos capítulos e termos que a seguir indico:

HAGAN

A partir de onde se diz: «Por isso é que chego a treinar... », até final, deve ler-se:

«Além disso, sempre que necessário, dou a minha colaboração à preparação dos Juniores e Juvenis, embora directamente, desta colaboração, não receba qualquer remuneração, visto que o técnico dos Juniores e Juvenis é o Ângelo, sendo este responsável por estas categorias.

Sobre os métodos de Hagan não devo pronunciar-me, pois este tem os seus métodos, como eu terei os meus, e qualquer comentário que aqui fizesse poderia ser interpretado, pelo público, como discordância ou crítica, com os inevitáveis inconvenientes, para mim e para o «Benfica». O meu contrato com o clube acaba a 30 de Julho e só nessa altura saberei se vou ou não renová-lo.

Neste momento, além de treinador-adjunto do «Benfica», sou treinador-seleccionador da equipa nacional, com plenos poderes da Federação para escolher e decidir. Se é certo que foi a Direcção da F. P. F. que me escolheu, não posso também esquecer que tudo o que sou, no futebol, em grande parte o devo ao «Benfica». Por isso, terei que reflectir, se no futuro, a minha posição de treinador-seleccionador, no caso de ter continuidade, é aceitável e compatível com a minha posição de treinador do «Benfica».

DAMAS

Não fiz qualquer referência ao facto de o Damas não estar habituado a treinar puxados; apenas disse que o Damas não estava na melhor forma física, como o público, possìvelmente, se apercebe.

FUTURO

A partir de onde se lê: «Parece que o Benfica vai revalidar o contrato com Hagan... », até final, deve ler-se:

«Se eu não vier a continuar no clube e a minha posição de seleccionador-treinador tiver continuidade, procurarei não desprezar o ensejo de fazer uma grande equipa para a Alemanha. Tenho também convites de clubes, sobre os quais ainda nem sequer me debrucei, e por isso o meu futuro será continuar no «Benfica», aceitar um destes convites ou continuar na posição de seleccionador-treinador, se a Federação o entender».

SINDICATO

A partir de onde se lê: «Bem maior e mais expressiva que a representada pelo Sindicato dos Treinadores... », até final, deve ler-se:

«...Bem maior e mais expressiva que a representada pelo Sindicato dos Treinadores. Deve ser dada oportunidade a treinadores como Juca, Mário Wilson, Pedroto ou ainda outros que, embora com uma inscrição mais recente no Sindicato, conhecem bem os problemas da classe e, por isso, poderiam fazer obra meritória. Esperemos que, em futuras eleições, ressuscite esta ideia».

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. os meus melhores cumprimentos. (a) **José Augusto Pinto de Almeida»**

Futebol brasileiro em efervescência

Tostão contra Yustrique provoca crise no Cruzeiro

BELO HORIZONTE (BRASIL) 24 - O ambiente desportivo em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais» está fervendo», no dizer unânime dos jornais cariocas. A crise desenrola-se em torno do Cruzeiro, cuja equipa de futebol acaba de chegar de uma vitoriosa excursão, à Ásia e que foi campeão do Brasil, além de ter, por diversas vezes seguidas, conquistado o título de campeão mineiro.

O Cruzeiro tornou-se de há cinco anos para cá, um dos melhores «teams» do Brasil, sendo equiparado ao Santos dos tempos áureos de Pelé. Na sua equipa figuram Tostão (indicado pela crítica como o real sucessor de Pelé) Piazza, Dirceu Lopes, Zé Carlos e Perfumo (defesa argentino)

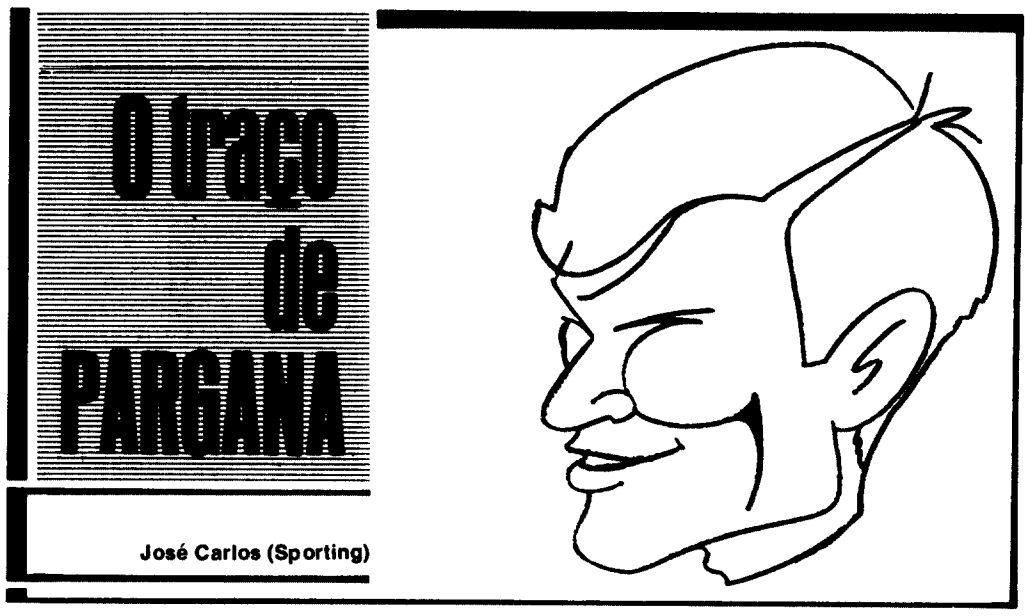
Sucede que, apesar da vitoriosa campanha, a direcção do Cruzeiro contratou o técnico Iustrique, dispensado há poucos meses pelo Flamengo (do Rio) e que é conhecido pelas suas atitudes duras.

Mais um disciplinador do que propriamente um treinador. Iustri que levou a intranquilidade aos jogadores do Cruzeiro e ao treinador actual Fantoni, despedido sem cerimónias.

Inconformado com a entrada de Iustrique, de quem pessoalmente não gosta, Tostão declarou (antes de chegar ao Brasil, de volta da excursão) que sob as suas ordens não jogaria.

O «capitão» da equipa Wilson Piazza, também fez declarações contrárias ao novo treinador e parece que todos os outros jogadores as aprovam.

O Cruzeiro está numa difícil situação, que poderá gerar uma das maiores crises do futebol brasileiro dos últimos tempos.



OS MELHORES DA EUROPA

Fase do jogo de basquetebol em que o Simenthal arrebatou a «Taça das Taças». Kenney vai marcar mais dois pontos para os italianos. Resultado final: 74-70

Tomar vê hóquistas regionais

Durante este fim de semana, Tomar vai assistir ao II Torneio Inter-Associações de Hóquei em Patins, que visa, principalmente, a observação dos melhores jogadores metropolitanos para as selecções de juniores e seniores. A ordem dos jogos é a seguinte: indica para amanhã à noite: Santarém-Aveiro e Porto-Lisboa (em juniores); Lisboa-Santarém e Porto-Aveiro (em seniores). Domingo à tarde: Santarém-Lisboa e Porto-Aveiro (juniores) e Lisboa-Aveiro e Porto Santarém (seniores). Domingo à noite: Lisboa-Aveiro e Santarém-Porto (juniores) e Santarém-Aveiro e Lisboa-Porto (seniores). Nos intervalos dos jogos, exibir-se-ão patinadoras do Benfica, Clube Português de Patinagem Artística, Sporting de Tomar e Escola de Torres Novas.

Entretanto, o seleccionador Artur Lobo, indicou já os hóquistas que vão representar a Associação de Patinagem de Aveiro. São os guarda-redes Marques (Oliveirense)e Sérgio (Sanjoanense); os defesas e médios Machado (Sanjoanense), Agostinho (Oliveirense) e Tavares (Beira-Mar) e, ainda, os avançados Carlos, Eça e Azevedo (Sanjoanense), Marcelino (Oliveirense) e Isac (Beira-Mar).

Juvenis e Júniores em fase final

Começam a disputar-se hoje, em Viseu, os campeonatos nacionais de juvenis e juniores em basquetebol (fase final). Na prova de juvenis estão presentes as equipas do Seixal, Vasco'da Gama, Porto e Algés, enquanto em juniores se fazem representar os «cinco» da Académica, Barreirense, Porto e Sporting.

A fase final desenrola-se com jogos neste fim-de-semana, defrontando-se da parte da tarde os juvenis e à noite os juniores. Vejamos quem joga hoje; em juvenis — Seixal contra Vasco da Gama (16 horas) e Porto-Algés. Em juniores — Académica-Barreirense e Porto-Sporting.

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telfs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

tv pronto
Montagem e reparações de AUTORADIOS E LEITORES DE CASSETES de todas as marcas
Montagem de aparelhos PRONTALARME contra roubo de automoveis
Rua da Quintinha, 72-A
Telefs 690102 3 Lisboa

SCHAUB-LORENZ
TELEVISORES COM GARANTIA
GARANTIA OCL

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

FUNDOS DE ESTADO

	Efec	Compra	Venda
Cons 2 3/4	435$	435$	–
Cons 3 %	–	–	–
Cons 3 1/2	–	–	557$
Centenarios	1.284$	–	1.284$
Tes 5 % 57	1.000$	1.000$	1.002$
Tes 5 % 59	1.000$	–	–
Exter 1ª s	–	–	–
Extern 1ª c	590$	–	–
Extern 3ª s	–	780$	800$
Extern 3ª c	820$	810$	–
Caut 3ª s	–	155$	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	–	940$	–
C M L 5 3/4	–	999$	–
C P 5,5 % 67	–	970$	–
C P 5,5 % 68	–	–	880$
C P 5,5 % 69	–	950$	960$
Corr 5 3/4 %	–	950$	980$
Metr 5 3/4 %	–	–	995$
Tur 5 3/4 %	–	1.000$	–

ELÉCTRICAS

G 5 % 58	–	–	850$
G 5 % 59	–	–	850$
G 5 % 62	–	975$	–
G 5 % 63	–	–	–
G 5 % 64	–	–	–
G 5 % 65	–	940$	–
G 6 % 67	–	–	995$
G 6 % 69	–	–	995$
H E A A 5 %	–	970$	–
H E C 5 %	–	790$	825$
H E C 6 %	975$	970$	–
H E D 5 %	–	790$	825$
H E D 6 %	975$	970$	–
H E N P 5 %	–	–	–
H E S E 5 %	–	955$	–
H E S E 6 %	950$	950$	955$
H E Z 5 % 57	–	–	–
H E Zêz 6 %	–	–	–
N Elec 5 %	–	–	800$
N Elec 6 %	–	930$	–
Termoel 5 %	–	–	820$
U E P 5 % 60	–	–	750$
U E P 5 % 63	–	–	–
U E P 6 %	–	–	970$

DIVERSAS

A P T 5 % 56	–	–	900$
A P T 5 % 58	895$	890$	895$
Lisnave 6 %	–	960$	965$
Nitratos 60	–	805$	–
Pet 2ª e 3ª	–	870$	–
P Celul 5 %	–	–	–
Sacor 5 % 54	–	–	975$
Sacor 5 % 60	–	840$	–
Sid 5 % 2ª	–	800$	–
Sid 5 % 3ª	–	795$	800$
Sid 5 % 4ª	–	–	805$
Socel 5 %	–	920$	–
U Fabril 67	950$	940$	–
U Fabri 68	940$	940$	955$

ULTRAMARINAS

Carbonif 5 %	–	600$	–
Rev 5 % 57	–	700$	–
Rev 5 - 59/60	–	700$	–
Moçamb 5 %	450$	450$	–
Sonefe 5 %	812$	810$	815$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	2.825$	2.820$	2.825$
Alentejo	1.300$	1.300$	1.305$
Angola	3.500$	3.500$	–
Cred Predial	6.100$	6.100$	6.150$
Esp Santo	8.780$	8.780$	8.800$
Fomento	4.400$	4.400$	4.420$
F & Burnay	37.000$	–	37.500$
N Ultr m	5.350$	5.350$	–
N Ultr c	5.850$	5.850$	5.870$
Portugal n	4.950$	4.900$	4.950$
Portugal p	–	–	6.200$
P Atlântico	9.200$	9.150$	9.250$
Totta & Açores	5.885$	5.885$	5.890$
Borges & Irmão	–	7.850$	8.000$
Algarve	–	–	–

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	17-3-72	23-3-72	24-3-72
GERAL	183,7	183,3	**183,6**
METROPOL	184,4	184,3	**184,7**
ULTRAM	178,9	176,4	**175,8**

De Seguros

Alente o	144$	144$	145$
Bonança	–	–	–
Mundial	1.175$	1.175$	1.180$
Soberana	1.750$	–	1.800$
Tranquilidade	–	80.000$	95.000$

Eléctricas

C P E p	1.122$	1.121$	1.123$
C P E n	1.117$	1.117$	1.118$
E Beras	–	1 750$	
G Eec c	364$	364$	365$
H E A A	190$	189$5	190$
H E N P	235$	232$	235$
H E S E			
U E P	198$	198$	199$

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.225$	1.225$	1 230$
Ag Incomati	–	–	2.750$
Ag S T e P	–	175$	–
Aç Angola	–	950$	1.000$
Alg Angola	–	220$	225$
Ang Agric	–	700$	760$
Boror	–	120$	135$
Boror Com	–	–	77$
Buzi	82$	82$	83$
Cabinda	–	145$	150$
Com Lob to	–	850$	860$
D A T 100	–	1.950$	2.000$
H E Revue	–	–	–
I do Princ	–	–	–
Moçambique	–	160$	170$
Sonefe n	–	385$	–
Sonefe p	298$	395$	400$
Zambézia	64$	64$	65$

Diversas

Ag Lx ant	–	390$	–
Ag Lx 34	–	430$	450$
Ag Lx 36	–	390$	–
Cel Guadiana	–	5.250$	5.500$
C Leria p	–	5.100$	5.450$
C Tejo p	13.800$	13.500$	14.000$
F Ramada	–	1.400$	–
Fornos Elect	140$	139$5	140$
P Celulose	–	4.000$	4.200$
Siderurg a p	–	4.600$	4.700$
Siderurgia n	3.020$	3.020$	3.040$
Socel	3.760$	3.760$	3.770$
Cid a	6.910$	6 900$	6.930$
C U F		3 295$	3.300$
Intar	550$	545$	551$
Nitratos	–	1.100$	1 160$
Petroquimica	–	–	1.140$
Sacor	–	2.950$	2.995$
Tab Portugal	–	–	1.900$
Tabaqueira	–	7.300$	7.500$
U F Azoto	915$	910$	915$
Empor	–	–	300$
Ind Aliança	–	–	–
I P Colón	–	–	–
Nac Naveg	5.400$	5.350$	5.450$
Naveg (Col)	–	2.400$	2.500$
P Pesca	–	1.000$	1.050$
R Marconi	1.650$	1.650$	1.700$
T A P	–	1.260$	1.280$
Atlântico	–	226$20	233$00

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

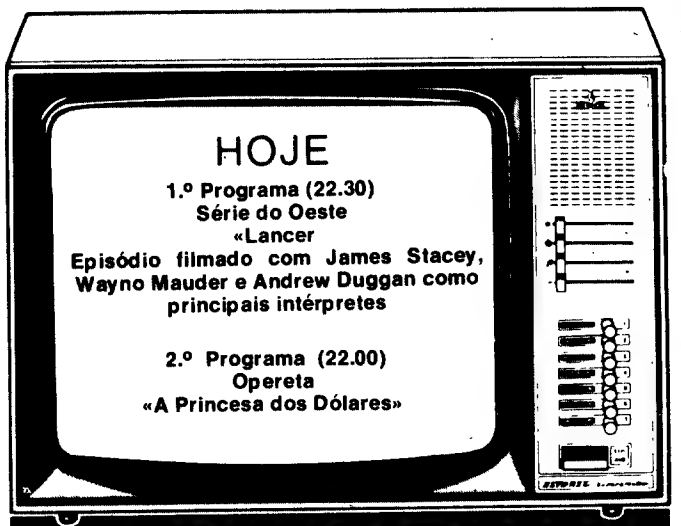
Atlântico
F I D E S

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul Rands	29$50	33$00
Alemanha Marco	8$35	8$65
America		
Dollars de 1 a 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina Peso Novo		
Austria Schilling	1$16	1$21
Belgica Franco	$60	$63
Brasil Cruzeiro	4$70	4$70
Canada Dollar	26$50	27$30
Dinamarca Coroa	4$70	4$00
Espanha Peseta	$40	$42
França Franco	5$30	5$60
Holanda Florim	8$40	8$70
Inglaterra Libra	70$00	72$00
Italia Lira	$04	$01
Marrocos Dirham	5$00	5$50
Noruega Coroa	5$	4$70
Suecia Coroa	5$45	5$75
Suissa Franco	6$93	7$18
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	350$00	370$00
Inglaterra 1/2 Libra	30?$00	325$00
Ouro fino Barra	42$50	44$50

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52 - 54 - LISBOA - Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO Telex 470 ALAPIP

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular Programa Feminino
13.15 Série filmada «Nanny e o Professor».
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.25 Logo à noite

2.º Período

19.00 Abertura e TV educativa
19.25 Filme infantil «Os Poucetofes»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Fados
20.00 50 anos de História
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Programa musical
22.30 Série do Oeste «Lancer»
23.30 Telejornal - últimas notícias
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vária
21.00 Série filmada «Nanny e o Professor»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Opereta - «A Princesa dos Dólares»
23.30 Fecho.

AMANHA

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Dó Lá Si
14.25 Hoje pode ver.
14.40 Nos bastidores da aventura
14.55 Eurovisão - Ráguebi. Gales-França
16.35 Daniel Boone
17.25 As flores e o seu mundo
17.50 Teledesporto
18.20 Programa feminino
18.45 E a vida continua
19.00 Skippy
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.40 Dimensão
20.30 Se bem me lembro
21.00 Telejornal - 3.ª edição
21.30 Eurovisão Concurso Eurovisão da Canção-1972
23.10 A mulher vestida de branco
23.40 Telejornal - últimas notícias e fecho

2.º Programa

20.30 Desenhos animados
20.45 O caso da semana
21.30 Viver no campo
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Sabe...
22.45 Série do Oeste
23.40 Fecho.

baterias TUDOR pilhas

urgência

Emergencia	115	Judiciaria	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o vento era fraco e havia nevoeiro em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13.º
PENHAS DOUR.	5.º
COIMBRA	12.º
PORTALEGRE	8.º
LISBOA	12.º
FARO	13.º
FUNCHAL	14.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima **19,5.º**

PENHAS DA SAÚDE
Mínima **3.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,2.º
Atmosfera 11.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
		5.59	**1,5 m**
12.29	**3,1 m**	18.17	**1,7 m**
Dia 25			
0.52	**3,4 m**	7.05	**1,3 m**
13.31	**3,3 m**	19.17	**1,5 m**
Dia 26			
1,49	**3,6 m**	7.53	**1,2 m**
14.20	**3,5 m**	20.02	**1,3 m**

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado vento fraco possibilidade de aguaceiros e condições favoráveis á formação de nevoeiro.

AMANHÃ
Nascer às 7.33
Ocaso às 19.53

Dia 29 Dia 6 Dia 13 Dia 20

radio

EMISSORA

1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 «Convívio» - programa da juventude
17.30 Melodias do cinema
18.05 Ao encontro da melodia
18.30 Forças Armadas, programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional
19.10 Passatempo musical
19.30 Recordar é viver, por Maria Nátália Bispo
20.00 Diário sonoro
20.20 Um instrumentista
20.30 13º episódio do folhetim «A Vida de S. Paulo»
20.50 Solos de orgão
21.00 Junção com o MF 1, que passou a transmitir em estéreo
21.15 Transmissão do Teatro Nacional de S Carlos da ópera em 3 actos «Madame Butterfly»
No 1.º intervalo: Os Preludios (Liszt)
No 2.º intervalo: Andante com variações em fá menor (Haydn)/Capricho em lá menor, op. 33 n.º 1 (Mendelssshon)
No final: Desdobramento (separação da Média 1 do Programa Estereofónico) e junção com o programa em MF 2)
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

Estereofónico - MF 1

21.00 Três estudos (Debussy) piano: Claude Helffer
21.15 Transmissão do Teatro Nacional de S. Coarlos da opera em 3 actos «Madade Butterfly» de Puccini
No 1.º intervalo: Os Prelúdios de Liszt
No 2.º intervalo: Obras de Haynd e Mendesshon
No final da ópera: Desdobramento (saída de Lisboa e Regionais)
Fecho.

2.º Programa

16.00 Ciclo do Barroco italiano
16.45 Música de vanguarda
17.00 Música de tecla
17.30 O compositor do mês: Debussy
19.00 Música e músicos portugueses, por Nuno Barreiros.
20.00 Diário sonoro
20.20 Música de arco
20.30 Arias de Haendel, para canto e orquestra
21.00 De tudo um pouco
21.30 Lingua portuguesa, pelo dr António Ribeiro
21.40 Ao sabor da fantasia
22.00 Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa
22.20 Fados, por Maria Margarida e Luis Galhardo
22.40 Música e cadência
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

MF - 2

22.58 Desdobramento - separador
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.00 De um dia para o outro (cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

16.00 C.D.C.
18.00/21.00 Programa «Movimento»
21.03 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Grande roda
00.02 P.B.X.
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

MF

16.04 C.D.C.
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Porgrama à Gô-Gó
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Radiorama
18.00 Canções portuguesas
18.30 Terço, benção e missa vespertina da Basílica dos Mártires, em comemoração do dia de S., Gabriel, padroeiro das Telecomunicações
19.50 Página Um
20.58 Meditando
21.02 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Só música
23.00 23ª hora

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Tel. 630944)

ALCÂNTARA
Bairrão, R. Prior do Crato, 25 (Tel. 661321); **Biotifar**, R. D. João de Castro, 27-B (Tel. 638824)

ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (Tel. 711780); **S. João de Deus**, Rua Pedro Ivo, 1-A (Tel. 725140); **Roma**, Av. de Roma, 85-B (Tel. 772466).

ANJOS
Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A (Tel. 821653)

AREEIRO
Garantia, R. Padre Manuel da Nobrega, 5-A (Tel. 727300); **Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Tel. 726860)

AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, R. de S José, 187 (Tel. 326476)

AVENIDAS NOVAS
Alcântara, Av. da República, 74-A (Tel. 771379); **Vale**, Av. Marquês de Tomar 47 (Tel 773043); **Daiva**, Av. Duque de Ávila, 125 (Tel 45225)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216)

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R B, 75-A (Tel. 683694)

BAIXA
Azevedo, Rossio, 31 (Tel. 327478)

BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à R. da Casquinha), 28-A (Tel 708242), **União**, Estrada de Benfica, 592 (Tel. 700092) **Alegria**, Estrada de Benfica, 180-A (Tel 780511)

CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90 (Tel 847019)

CAMPOLIDE
Pinto, R de Campolide, 11 (Tel. 682610)

CAMPO DE OURIQUE
Nobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (Tel 688807), **União**, R Saraiva de Carvalho, 145 -F (Tel. 663643)

CASTELO
Ziler, R. S. Tomé, 54 (Tel 862835)

CHELAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Tel. 382241

ENTRECAMPOS
Alcântara, Av. da Republica, 74-A (Tel 771379)

ESTEFÂNIA
Mundial, Largo de D Estefânia, 10 (Tel. 45578)

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av Infante Santo, 66-B (Tel. 666371)

LAPA
César, R. das Trinas, 102 (Tel. 662631)

LUMIAR
Central, R. do Lumiar, 75 (Tel 790480) **Douro**, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 971131)

OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Tel 311237)

PENHA DE FRANÇA
Vitális, R. Morais Soares, 66-A (Tel 848011)

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (Tels. 728395 -720703).

POÇO DO BO BISPO
Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 11-13 (Tel. 381136)

REGO
Baptista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Tel. 771873)

SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões, 42-B (Tel. 638625)

S. BENTO
Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros, 115 (Telefone 679961)

S. MAMEDE
Albano, Rua da Escola Politécnica, 59 (Tel. 326750)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, L. de S. Sebastião da Pedreira, 1 (Tel. 48642); **Sousa Martins**, R. Sousa Martins, 25 (Tel. 553468)

XABREGAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Tel. 382241)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 212048)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)

PAREDE
Macau, R. José Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, 261186)

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J A. 15 (Telef. 260116)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078)
A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019)
Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485)
Confiança, Av D. Nuno Álvares Pereira, 15 A (Tel. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)

VENDA NOVA
Flama, R. Elias Garcia, 788 (Tel. 932485)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117)
Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)

SINTRA
Marrazes, L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)

ALHOS VEDROA
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)

ALMADA
Central, R. de Olivença, 11 (Telef. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Tel. 2273023)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 230156)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67b (Tel. 229028)

SETÚBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783)
Bonfim, Av. Rodrigues Manitto, 12 (Tel. 24558)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

SUB-TURNO A

Boavista (da), Rua da Boavista, 601; **Cosme**, Rua Costa Cabral, 584; **Guarani**, Rua Pedro Hispano, 367; **S. Diniz**, Rua S. Diniz, 428; **Soeiro**, Rua Santos Pousada, 71; **Vitália**, Praça da Liberdade, 34-37.

SUB-TURNO B

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; **Antero de Quental**, Rua Antero de Quental, 520; **Antunes**, Rua do Bonjardim, 485; **Cardona dos Santos**, Rua D. Manuel II, 90; **Herculano**, Rua Alex. Herculano, 384

COIMBRA

Solum Rua Carolina Michaelis, 20 (tel 33120). **Nazaré**, Rua Ferreira Borges, 135 - 139 (tel. 22605); **S. Isabel**, Av. Sá da Bandeira, 28 (tel 24916)

cinemas

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D 18 anos)
5.ª Semana de consagração com Renato Rascel, G. Granata e C. Giuffré «A TRANSPLANTAÇÃO». Hoje às 0,30 (Adultos) «CORTINA RASGADA» com Paul Newman e Julie Andrews.

LYZ (Tel. 48560)
14.45 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«O IMORAL» com Ugo Tognazzi e Stefania Sandrelli.

EUROPA (Tel. 661016)
Hoje às 21.30 (Estreia)
(Grupo A-6 anos)
«A PATA DOS OVOS DE OURO» uma obra de Walt Disney em technicolor. Às 15.15 últimas (14 anos) «A PARTE DE LEÃO

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15-21.45
(Grupo A-6 anos). 2.ª Semana AGUA AZUL, MORTE BRANCA em Tecnicolor. Um documentário vivo e autêntico! A caça ao terrível tubarão branco.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.00-18.15 (a pr. red.) 21.30
(Grupo D-18 anos)
«CORAÇÕES IMPACIENTES» com Jason Robards e Katharine Ross.

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
5.ª Semana de êxito.
Grupo C (M 14 anos)
Faye Dunaway, Maurice Ronet e Barbara Parkins na aventura UMA CASA À SOMBRA DAS ARVORES Um filme colorido de Rene Cllement

VOX (Tel. 720808)
21.45 (Estreia)
(Grupo C - 14 anos)
«O RECADO» com Maria Cabral e José Viana. Às 15.15-18 30 (18 anos) «O MENSAgeiro».

CASINO ESTORIL
17.00 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«CAIU UMA GAROTA NA MINHA SOPA»

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
«VIDA NOVA» com Walter Matham e Elaine May em 2.ª Semana de êxito.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30-18.30 e 21.45 h.
Grupo D (18 anos) (Tecnicolor)
7.ª Semana. «VEJO TUDO NU» com Nino Manfredi e Sylvia Koscina. Amanhã às 0,30 (Adultos) «COM JEITO VAI GRITANDO»

APOLO 70 (T. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.30
6.ª semana
Grupo D (18 anos)
O PASSADO E O PRESENTE uma comédia de Manuel de Oliveira. Hoje às 0,30 (Adultos) «LADRÃO QUE ROUBA A LADRÃO» com James Coburn

LONDRES (Tel. 730579)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
8.ª Semana. Um filme de Andres Cayatte «MORRER DE AMAR» c/ Annie Girardot, Grande prémio do Cinema Francês Cinema - Snack-bar - Pub THE FLAG. Faça 3 coisas num sitio só.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-21.30
(Grupo D-M. 18 anos)
«O GOLPE» com Jean Paul Belmondo e Omar Sharif. QUINZENAS DO BOM CINEMA Hoje às 18.30 (Adultos) «O SÉTIMO SELO» com Joseph Cosey.

CONDES (Tel. 322523)
ás 14.15-16.30-18.45 e 21.45 h.
Grupo D-(M. 18 anos)
A VIRGEM E O CIGANO Joanna Skninkus - Fianco Nero em 3.ª semana (colorido)

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D - 18 anos)
«O CAIXÃO» com Vincent Price e Christopher Lee.

LIDO (Tel. 937593-935834)
21 30
(Grupo B-10 anos)
«TRINITA» - (COWBOY INSOLENTE) com Terence Hill e Bud Spencer.

S. JORGE (Tel. 54153)
15.15-18.15 e 21.30
M. 18 anos) DUAS MULHERES... UM DESTINO um espectáculo invulgar, com Debbie Reynolds e Shelley Winters. Em 2.ª Semana. Domingo às 11 horas (Adultos) «ISADORA»

SATÉLITE (Tel. 562632)
ás 15.30-18.30 e 21.45 h
(Grupo B - 10 anos) 9.ª Semana
TEMPOS MODERNOS
O mais moderno filme de todos os tempos. Escrito, produzido e realizado por Charlie Chaplin.

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos). 3.ª Semana.
TRINITA - COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer em Color-Scope.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos). 3.ª Semana
A FONTE DA VIRGEM. O filme que ganhou o Oscar da Academia Americana e o Globo de ouro de Hollywood

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
6.ª semana
NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5 º

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 - 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«O CAMINHO DA AVENTURA» e «JUDITH». Amanhã com Sidney Poitier «O ESTRANHO JOHN KANE»

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00-21.00
(Grupo B-10 anos)
«OS GRANDES GOLPISTAS» e «UM HOMEM CHAMADO GRINGO»
Domingo às 18.30 espectáculo infantil.

IMPÉRIO (Tel 555134/5
15.15-21.30
(Grupo D - 18 anos)
3.ª semana
«KLUTE» com Jane Fonda e Donald Sutheriand em Eastmancolor.
Hoje às 18.30 (Grupo B--10 anos) «ARABESCO» com Gregory Peck e Sophia Loren.

AVIZ (Tel. 47173)
15.15-21.30
(Grupo B-10 anos) 3.ª Semana
O Western do ano «TRINITA-COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer, em Color-Scope

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21 45 (18 anos)
«Umacamaparatodaagente»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

LAURA ALVES
21.45 - 18 anos
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

TRINDADE
21.45-18 anos
«A Gaivota»

CAPITÓLIO
20.45 e 23. (18 anos)
«Ora bolas pró pagode!»

VILLARET
21 e 23 (18 anos)
«Tartufo»

LISBOA/Cinemas

JARDIM
21.00 (18 anos)
«INTERNATO DE RAPARIGAS»

OLÍMPIA
21.00 (14 anos)
«Shango»

MAYER
21.00 (10 anos)
«Os abutres têm fome»

RESTELO
21.30 (10 anos)
«As Sandálias do pescador»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«O provinciano»

PARIS
21.30 (14 anos)
«A grande odisseia»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«A vergonha»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«A Amante»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (18 anos)
«O estranho caso do Inspector Max»

CARCAVELOS
Vitória-Cine
21.30 (10 anos)
«O milagre de Milão»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«Caiu uma garota na minha sopa»
Palácio
21.30 (17 anos)
«Juventude inquieta»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Amor sem barreiras»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«Doze mais uma»

AMADORA
Lido
21.30 (10 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«E há-de chegar o dia da vingança»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (10 anos)
«Os jovens guerreiros» e «As duas orfãs»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Hora da verdade»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Um sonho de reis»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Querida Mamã»

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos)
«A Casa de Bernarda Alba»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Túmulo do pistoleiro e «Ursos na Terra do Fogo»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Ben-Hur»

OLIMPIA
21 30 (17 anos)
«Encontro com a dessonra»

S. JOAO
21 30 (18 anos)
«O Doce corpo do delito»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Morrer de amar»

TRINDADE
21 30 (18 anos)
«A transplantação»

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«O Passado e o Presente»

BATALHA
21 30 (18 anos)
«O Golpe».

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«O Golpe».

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Entre duas margens»

ÁGUIA D'OURO
21 30 (18 anos)
«Golpe de Mestre ao Serviço de Sua Magestade Britânica»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (10 anos)
«Tempos modernos»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«A Grande Odisseia».

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Jogo na escuridão»

BARS BOITES

ADEGA MACHADO — Cantam. Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos. Tocam: Liberto Conde e Américo Silva. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Encerra às segundas-feiras. Consumo mínimo: 70$00. **Rua do Norte, 91. Telefs. 30095 e 28713.**

CASEBRE — Cantam: Carlos Barra, Arminda da Conceição Zélia Lopes e Maria Jô-Jô. Tocam: Jorge Fontes e Júlio Gomes. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. **R. da Barroca, 133. Telef. 369760.**

ADEGA MESQUITA — Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bizarro e Alcindo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo: 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 328307.**

ARREDA — Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam: Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.as feiras. Consumo mínimo: 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

SANZALA — Um pouco de Africa em Lisboa. Música constante. Encerra às 03,30 horas. **Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

TIMPANAS Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reia, Luís Braga. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Consumo mínimo: 62$50 (taxas incl.) **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676655 e 672431.**

«PORTAS DO SOL» — Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tomé, 86. ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver). **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185-1 º2.ºE-4 º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

Barracas destruídas pela Polícia Municipal

Elementos da Câmara Municipal apresentaram-se esta manhã nos terrenos sobranceiros á Avenida Marechal Gomes da Costa, nos Olivais para destruirem um grupo de cerca de trinta barracas ali existentes. Entretanto, como a notícia que deveria ser dada pelo Município não havia sido tornada pública, as famílias que ali se albergam apresentaram os seus protestos juntos dos guardas e do piquete de demolição.

As famílias desalojadas irão ficar recolhidas nos armazéns pertencentes ao sr. Manuel Lopes Pacheco. Deste modo, uma vez mais a caridade particular, se vê coagida a resolver problemas de profundas implicações sociais a nível oficial.

A meio da manhã, os guardas retiraram-se, com a indicação de hoje, da parte da tarde, o trabalho ser continuado. O pintor da construção civil sr. João Pimentel Pereira, pai de 6 filhos, inquiriu um dos guardas, acerca da sua situação com seis crianças para recolher. O guarda - que ao repórter do «D.L.» não quisera dar informações - limitou-se a levantar a mão, num gesto que se pode interpretar como de espera.

Com a ajuda de um «pé-de-cabra» foram já destruídas cerca de metade das barracas, todas habitadas por homens solteiros ou que viviam amancebados.

Cursos para profissionais de escritório

Na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, realizam-se em Abril os seguintes cursos: de 3 a 18, das 21 às 23 e 30, «A informática de gestão e a aplicação dos computadores na empresa», sob a direcção do eng.º Sousa Nápoles; «Management e estruturas de comando», de 3 a 25, das 21 às 23 horas, orientado pelo dr. Raul Caldeira; e de 3 a 28, das 19 às 21 horas, «As profissionais de escritório e as técnicas de secretariado», dirigido pela sr.ª D. Marília Teixeira.

Quaisquer informações podem ser obtidas pelo telefone 539417.

O COMBOIO MATA

Eram às 14 e 25 de ontem. Saído do Rossio em direcção ao Entroncamento, passava na estação de Braço de Prata o rápido 30001, quando o maquinista se apercebeu de um vulto a atravessar a linha. Ainda tentou travar, mas já o corpo rolava sob a composição. Tratava-se do sr. Eusébio Soares, de 62 anos, tanoeiro, morador na Azinhaga dos Alfinetes, 16, a Marvila, que teve morte instantânea.

O corpo recolheu ao Instituto de Medicina Legal.

A P. J. EM SOCORRO DE J. P.

Na noite de 22 para 23, audaciosos ratoneiros, utilizando uma chave falsa, penetraram nas instalações da firma «J. Pimenta», no Marquês de Pombal, de onde furtaram, na secção de artesanato, vários objectos de ouro e prata, cujo valor andará à volta dos 20 contos.

O agente da Polícia Judiciária, que ali se deslocou na manhã imediata ao assalto, encontrou uma luva de cor azul, com uma etiqueta que dizia «lubrificantes-Sacor» e uma chave de fendas que parece ter sido usada durante o roubo. A P. J. investiga.

O nevoeiro e os aviões

O nevoeiro voltou, hoje a prejudicar o movimento das aterragens no aeroporto da Portela. Uma densa neblina que pairou cerca de uma hora sobre aquela zona, a partir das 9 da manhã, obrigou alguns aviões a divergirem para aeroportos próximos.

Assim, o voo da TAP procedendo de Nova Iorque e dois outros, da mesma companhia, vindos de Luanda, foram obrigados a aterrar na pista de Faro. O mesmo aconteceu a um avião de TWA, igualmente vindo de Nova Iorque. Os aviões da «Caledónia» e da «Britânia» desviaram o seu rumo para o Porto, enquanto que um avião da «Canadian Pacific» vindo de Montreal, foi para Madrid.

O movimento de descolagens não se viu afectado pela neblina, processando-se as suas saídas dentro dos horários previstos.

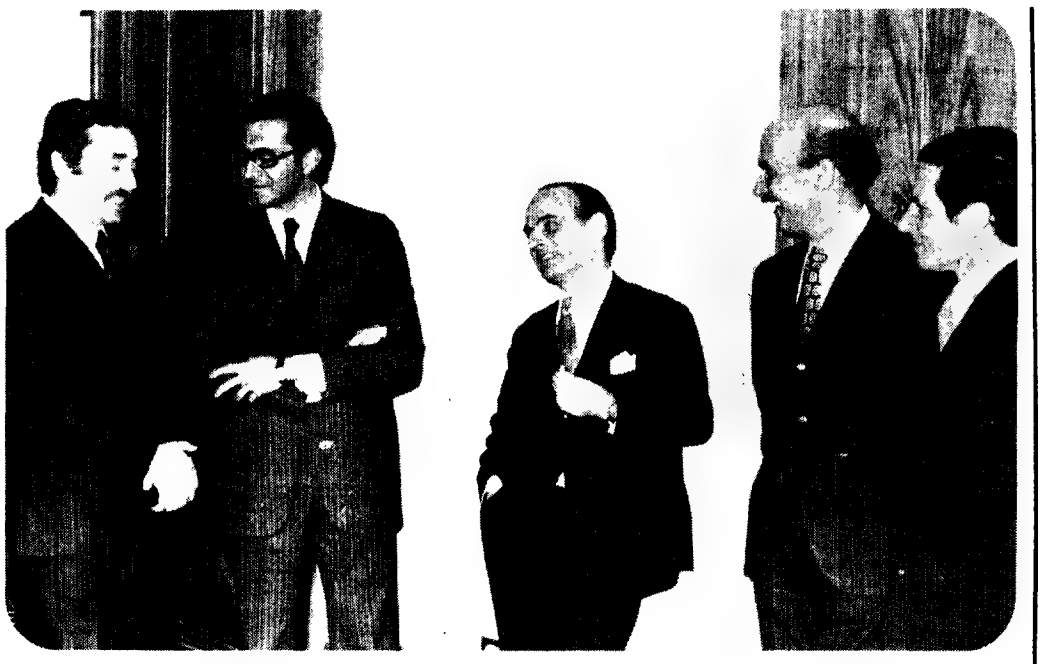
Cerca das 11 horas, o tráfego voltou a normalizar-se e a maioria dos aviões que se tinham afastado começaram a regressar a Lisboa.

CURSO DE CIRURGIA PLÁSTICA EM LISBOA

Cerca de 160 médicos portugueses começaram esta manhã a frequentar o **1.º Curso Internacional de Cirurgia Plástica de Urgência**, na sala de conferências do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil.

O Curso, que conta com a presença de especialistas de vários países (Grã-Bretanha, EUA, Itália e Espanha), é promovido pela Sociedade Portuguesa de Cirurgia Plástica com a colaboração da Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto de Alta Cultura, Serviços Culturais da Embaixada de França, Laboratórios Lepetit e Dow Corning.

Além das comunicações apresentadas durante a tarde de hoje, o curso inclui, amanhã, pelas 15 e 45, uma mesa-reonda com perguntas livres, antes de serem distribuídos os diplomas, na cerimónia de encerramento, a que presidirá o ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão.



Os vencedores dos Prémios Crédito Predial de Televisão, referentes aos meses de Janeiro e Fevereiro drs. Helder Mendes, José Hermano Saraiva e Luiz Andrade conversam durante a cerimónia da distribuição com o dr. Jorge Gonçalves Pereira, presidente do Conselho de Administração do Crédito Predial Português e o eng. Brás de Oliveira, administrador daquele Banco

Entrega dos prémios Crédito Predial de Televisão

Na presença de representantes dos Orgãos de Informação realizou-se, no passado dia 21 ao fim da tarde, na sede do Crédito Predial Português, uma cerimónia para entrega dos «Prémios Crédito Predial de Televisão-1972» aos produtores e realizadores dos programas eleitos em Janeiro e Fevereiro. Conforme já foi noticiado, o Prémio Popular de Janeiro coube ao programa «O Tempo e a Alma», produzido pelo Dr. José Hermano Saraiva e realizado por Luís Andrade, e o Prémio da Crítica ao programa «A Terra, o Mar e a Gente», produzido e realizado pelo Dr. Helder Mendes. No mês de Fevereiro, os Prémios da Crítica e Popular coincidentes, tendo sido de novo eleito o programa «O Tempo e a Alma», produzido pelo Dr. José Hermano Saraiva e realizado por Luís Andrade.

Na cerimónia, a que estiveram presentes os produtores e realizadores dos programas eleitos e críticos de Televisão que constituem o júri, falou o Dr. Jorge Gonçalves Pereira, Presidente do Conselho de Administração do Crédito Predial, que agradeceu a colaboração prestada pela Imprensa e por todos os presentes. Usou da palavra, em seguida, o Dr. José Hermano Saraiva que salientou a importância desta iniciativa, afirmando que ela vem, talvez, marcar o início de uma consciencialização, por parte das empresas, do papel que lhes cabe numa elevação do nível cultural dos países em que estão integradas.

Conferência de desarmamento:

PEDIDA A COLABORAÇÃO DA FRANÇA E DA CHINA

GENEBRA, 2 - A 552.ª sessão da Conferência do Desarmamento foi essencialmente dedicada ao espinhoso problema das armas químicas, tendo porém, sido evocada por vários países a necessidade da participação da China e da França nos trabalhos da conferência.

O representante da India, embaixador P. K. Banerjee, considerou que «com o correr do tempo» essa participação é mais necessária do que nunca, mas, ao mesmo tempo preveniu os seus colegas contra qualquer modificação precipitada ou reorganização da conferência antes de se conhecerem exactamente as intenções dos países cuja presença nos trabalhos da conferência deseja.

Por seu turno, o delegado da Mongólia, embaixador O. Khosbayar, fez notar que o seu governo é a favor da participação activa na conferência de todos os estados «militarmente importante». À China e áFrança acrescentou as duas Alemanhas.

Quanto ao embaixador J. Rosenberg Polak, representante da Holanda, associou-se aos votos formulados por numerosas delegações no sentido de a França e a China participarem na conferência, manifestando ao mesmo tempo a esperança de ver um dia «a nação alemã» ali representada.

Quanto ao difícil problema do desarmamento no capítulo das armas químicas, o delegado da Itália, embaixador Caracciolo, sugeriu que peritos nacionais, nesta matéria, se reunam no âmbito da conferência. O representante da Holanda apoiou a proposta italiana.

ACTIVIDADE DOS BOMBEIROS DE CAMPO DE OURIQUE

Segundo números agora revelados, os Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique, no ano findo, prestaram um total de 4919 serviços, de que se destacam: 272 extinções de fogos; 3457 conduções de doentes; 104 aberturas de propostas e 640 serviços gerais.

Atrasos da C.P. causam transtornos

Como já aqui foi noticiado, entrou em vigor, vai já para um mês, um novo horário para a linha de Vila Franca de Xira. Desde cedo, parece não ter tido resultados satisfatórios, levando os passageiros a menifestarem abertamente o seu desagrado pelas más condições dos serviços com uma série infindável de atrasos.

Ao que parece, existem razões fortes para esses descontentamentos já que apenas duas ou três composições da manhã chegaram à tabela a Lisboa, desde que o novo horário vigora. E se as reclamações eram quase sempre, dirigidas aos revisores e outro pessoal não directamente responsável por tais incómodos, começaram a chegar, ao nosso jornal, os protestos de quem vê que a solução passa pela informação do público e autoridades competentes.

Mais uma vez, o comboio em que viajam os que, pela manhã, iniciaram o seu ganha-pão diário, chegou a Santa Apolónia atrasado. E de que maneira! Em vez de cumprir o horário que lhe indica a chegada para as 8 e 45, a composição só quarenta minutos depois «despejou» os passageiros no cais de desembarque. E por demais evidente que a situação de quem tem horas fixas a cumprir se torna incompatível com tamanhas irregularidades.

Cabe perguntar: Não haverá nada a fazer? Será a força do destino? Se assim for (longe vá o agoiro!) mal os utentes da C. P. e também ela própria, se não souber resolver, de uma vez por todas, este tão repetido problema.

Últimas

NIXON ATACA A AFL/CIO

WASHINGTON, 24 (FP) O presidente Nixon atacou pessoalmente na quinta-feira, em breve declaração à Impresa, e frente às câmaras de televisão, a poderosa central sindical AFL/CIO, queretirara, navéspera, do Conselho dos Salários.

O chefe do executivo reafirmou que não consentirá a ninguém que torpedeie o seu plano de estabilização económica, lançado em 15 de Agosto de 1971, de que resultou a criação dum Conselho dos Salários, com a missão de travar a inflação.

George Meany, presidente da AFL/CIO, e outros dois dirigentes desta central, retiraram-se deste conselho na quarta-feira, bem como o presidente do Sindicato da Indústria Automobilística, pelo que o único representante dos sindicatos naquele conselho é o presidente do Sindicato dos Camionistas.

ALLON NÃO DISCORDA DA FEDERAÇÃO JORDANA

TEL AVIV, 24 (R) O vice-primeiro ministro israelita, Yigal Allon, afirmou hoje que Israel não tinha qualquer objecção ao conceito do rei Hussein, de uma federação em ambas as margens do Jordão, apesra dos judeus terem rejeitado firmemento as fronteiras que o soberano propôs na semana passada.

O general Allon disse ainda, numa entrevista publicada hoje no jornal «Maariv», de grande circulação, que as propostas de federação do rei Hussein não estavam necessàriamente em contraste com as suas idéias pessoais sobre a solução do conflito árabe-israelita, mas acrescentou: «Por outro lado, existe um contraste absoluto entre os dois planos, sobre a questão territorial ou mapa das fronteiras».

CONDENADO O FILHO DE IAN SMITH

SALISBURY, 24 (R) O filho do primeiro ministro rodesiano, Ian Smith, foi hpje multado em 200 dólares (ceerca de oito contos) e condenado a uma pena suspensa de seis meses por ter sido encontrado com marijuana em seu poder.

Alexandre Douglas Smith, de 22 anos, reconheceu-se culpado e ouviu, impassível, a sentença. Os pais não estavam presentes no tribunal.

A acusação precisava que o réu tinha introduzido na Rodésia, ao regressar do Malawi, 220 gramas de marijuana.

Alexandre foi preso no posto de Nyamapanda, na fronteira da Rodésia com Moçambique, quando regressava de umas férias no Malawi.

A droga, escondida no tejadilho de uma furgoneta, chegaria para 500 cigarros. Segundo recentes leis rodesianas contra a droga, Smith ocorria em multa até 2 000 dólares (81 contos) e prisão até dois anos.

PRIMEIRO SALMÃO PESCADO NO MINHO

No rio Minho, em frente de Vila Nova de Cerveira, foi pescado, pelos srs. Aníbal Gonçalves Barroso e Manuel Guilhermino Lopes, o primeiro salmão da época.

O belo exemplar com o peso de seis quilos e meio, foi vendido a 350 escudos o quilo.

UM TEXTO DE EDUARDO PRADO COELHO PROVOCA DOIS COMENTÁRIOS

GASTÃO CRUZ

SOBRE CRÍTICA

DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

No seu recente artigo **«Como se faz crítica»**, diz Eduardo Prado Coelho o seguinte: «No que diz respeito ao vocabulário «subjectivo», temos dois exemplos: «fascinante actualidade» e «poesia desgrenhada». Se no primeiro caso, existe uma afirmação que se pode considerar «subjectiva» (a obra terá uma actualidade que **me** fascina),no segundo caso, trata-se de uma expressão metafórica que nada tem de subjectivo a não ser na mente sensata de E. D. e na sua prosa administrativa. Quando me referi em «A função crítica», á **metalinguagem positivista** de E.D., apontava para o que no seu discurso está cuidadosamente rasurado: o lugar estratégico da metáfora no texto crìtico. O que explica a tranquilidade ingénuamente objectiva deste tipo de escrita.

«Este ponto reaparece quando E.D. fala em **paráfrase** a propósito da minha critica. Tenho-me referido pormenorizadamente à inutilidade (ou impossibilidade) de metalinguagem que se não deixe **contaminar pela linguagem-objecto de que se ocupa;** á impossibilidade de considerarmos que essa linguagem-objecto seja um mero **objecto**; à impossibilidade correlativa de que a metalinguagem que dele se ocupa seja mesmo **objectiva**. Isto implica a conclusão de que toda a metalinguagem **que não é também paráfrase** se torne positivista. Mas implica ainda que se distinga entre a paráfrase redutora (ideológica) e a paráfrase produtiva (textual)».

Julgo que se põe aqui um fundamental problema de metodologia crítica. E penso, exactamente, que uma metalinguagem será tanto mais fecunda, quanto mais completamente tiver abolido quaisquer vestígios metafóricos.

Parafrasear um texto é, também, uma empresa que se me afigura de uma inutilidade total, a não ser nos casos, muito excepcionais, em que o parafraseador faça, em relação a obras literárias, algo equivalente ao que, por exemplo, Jorge de Sena fez, nas **Metamorfoses,** para obras de pintura, escultura, etc, etc.. Mas assim como parece certo que os poemas de Jorge de Sena não funcionam enquanto crítica de arte, e sim enquanto poemas, não parece menos óbvio que as tais paráfrases, se realmente criadoras, ou **produtivas**, como Eduardo Prado Coelho as designa, serão obras de criação literária autónomas, que utilizaram outro texto, como motivo, do mesmo modo que poederiam ter utilizado uma paisagem, uma obra musical ou um qualquer facto do dia a dia. Tomemos, como exemplo, o poema-montagem de Herberto Helder **Húmus**, que é precedido da seguinte indicação: «Material: palavras, frases, fragmentos, imagens, metáforas do **Húmus** de Raul Brandão. Regra: liberdade, liberdades.»

Esse texto de Herberto Helder pretende,

Continua na página seguinte

SOBRE A PRÁTICA SIGNIFICANTE DE EDUARDO PRADO COELHO

UMA CARTA DE EDUARDA DIONÍSIO

Recebemos de Eduarda Dionísio o texto que a seguir se publica. Chamamos a atenção do leitor para o comentário posterior que entendemos fazer.

1. Tenho plena consciência de que, ao escrever estas linhas, estou a ceder a uma **provocação**. Tanto do autor do artigo que me dizia respeito (publicado no último **Suplemento Literário,** em 17 de Março), como da engrenagem que transforma a resposta a um artigo escrito por alguém pràticamente desconhecido, que faz crítica há meia dúzia de meses, saído na 13.ª página dum jornal mensal (de características quase artesanais), que até agora publicou 4 números, que conta com meia dúzia de colaboradores e tem uma pequena tiragem - «Crítica» - em **chamariz** dum jornal diário que vive há mais de 50 anos e tem algumas dezenas de milhares de leitores: o artigo de Eduardo Prado Coelho é anunciado na primeira página (em negativo e em letras tão grandes como as da notícia da morte de Feltrinelli), constitui o assunto importante do Suplemento, está composto num corpo maior do que o habitual, é ilustrado com fotografias e um desenho alusivo.

2. É que uma polémica (pondo de lado a magia da palavra) não contribui, neste país **e neste momento (não sei se alguma vez contribuíu) para o «esclarecimento» ou a «formação de opinião» ou a «tomada de posição» de alguém. Este «alguém» inclui os interlocutores e sobretudo o público**, que é, mais uma vez, por este processo, esquecido ou desrespeitado: fala-se diante dele sem lhe fornecer (porque é impossível) todos os elementos que só os interlocutores têm à sua disposição; **deliberadamente**, tenta-se excitar nesse público, como numa tourada ou num combate de galos, os seus sentimentos «mais baixos». Neste país e neste momento, uma polémica serve **exclusivamente** dois fins: 1) tornar **conhecidas** as pessoas que ainda o não são ou não o seriam de outra maneira (e, neste caso, vejo que Eduardo Prado Coelho não se esqueceu do seu «começo de vida» e agradeço-lhe a oportunidade que me ofereceu, lamentando não estar interessada em aproveitá-la inteiramente); 2) aumentar, em maior ou menor grau, mais directa ou indirectamente, as vendas do jornal em causa. Trata-se, de qualquer forma, dum processo **publicitário com características próprias, visto que movimenta muito menos dinheiro do que os outros processos.**

3. Vejamos então este caso. Escreveram-se tais coisas que sou forçada a «entrar no jogo», embora excepcionalmente. Mas como posso eu responder, que posso eu responder ao que me foi dito? Que não sou **desonesta**, não senhor? Que não sou **fraudulenta**, não senhor? Que não respondi **obliquamente**, não senhor (até porque não supunha então que o artigo sobre «crítica» fosse em especial sobre mim)? Que não sou **mestre-escola**, não senhor (mas que me aproximo, visto que - pecado mortal! - sou professora do liceu e não assistente universitária como o meu antagonista; aqui está a origem da «graça» que vem sendo repetida)? Que não **tricoto** crítica, não senhor (que utilizo caneta como toda a gente)? Que não sou **burocrática**, nem **administrativa**, não senhor (quanto a **académica**, a conversa seria muito mais longa...)? Que não sou **ridícula**, nem **tonta**, nem **positivista ladina**, que não faço **manobras**, nem digo coisas **absurdas**, que não estou em **delírio**, muito menos **inquisitorial**, , não senhor? Que não sou nenhum **computador**, não senhor

Continua na pagina seguinte

Continuação da pagina anterior

SOBRE CRÍTICA

na verdade, ser uma **paráfrase produtiva.** Mas não é, seguramente, um texto crítico. Ou, pelo menos, não vejo qualquer vantagem em classificar assim uma obra literária que, tomando como ponto de partida uma outra, pode e deve, depois, separar-se dela e ter existência própria. As **Metaformoses** dispensam inteiramente os quadros, as estátuas, os edifícios, que lhes foram pretexto; e também o **Húmus,** sendo embora (mas não por tratar-se de uma paráfrase) uma obra menor de Herberto Helder, independe do Húmus de Raul Brandão. Do mesmo modo que podemos **entender** perfeitamente a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen ou a de Carlos de Oliveira, sem termos visto o mar da Granja ou a Gândara, respectivamente.

Ora os textos de crítica não são obras autónomas, isto é, não poderão ser integralmente **entendidos** sem que o leitor conheça as obras a que eles se reportam. São, pois, textos de sobreposição - nunca textos de justaposição, como seriam as **Metamorfoses** de Sena ou o **Húmus** de Herberto Helder. O ensaio **Vitorino Nemésio - a gramática de Deus ou a ficção reversível,** que Eduardo Prado Coelho publicou no n.º 4 da revista **Colóquio/Letras,** começa deste modo: «Este texto ocupa-se de (ocupa) sessenta e quatro poemas de Vitorino Nemésio reunidos em volume sob o título geral de **O Verbo e a morte».** Seria absurdo dizer que o **Húmus** de H. Helder ocupa o **Húmus** de Brandão; tão absurdo como dizer que o poema **Vila do Conde, da série Portugal Sacro-Profano**, de Ruy Belo ocupa Vila do Conde.

Penso que a crítica deve tender para o rigor e não para a arbitrariedade, para a descrição e não para a metáfora. .O crítico não tem que imitar o poeta, metendo-se igualmente a fazer poesia. As funções de um e outro são bem diferenciadas. Nada mais lamentável do que ver um crítico levantar rápidamente voo (passe a metáfora...) do texto que investiga e dirigir-se a asas largas para o céu da imaginação poética, donde geralmente se estatela. Não digo que este seja o caso de Eduardo Prado Coelho. Simplesmente, os melhores textos críticos que lhe devemos são exactamente os mais analíticos, os mais **positivos**, os menos metafóricos. Assim também, se considero admiráveis as prosas (poéticas) de Eugénio de Andrade (Poética), de Sophia de Mello Breyner Andresen **(Artes Poéticas i, II e III)** ou de Carlos de Oliveira **(Na floresta e outros textos de O Aprendiz de Feiticeiro)**, sobre a poesia, já me parece inaceitável a linguagem metafórica de um Eduardo Lourenço (que é, de resto, um excelente crítico nos textos em que utiliza uma metalinguagem mais **exacta:** nos trabalhos sobre poetas neo-realistas, por exemplo). Veja-se o começo do seu ensaio «Eugénio de Andrade ou o paraíso sem mediacção», que serviu de introdução á **Antologia** desse poeta (Delfos, 1961): «Falar de um poeta é reenviar o eco atenuado da particular música que a sua poesia deixa em nós. O discurso ideal deveria ser um outro simples viajar através das mesmas imagens emblemáticas por ele roubadas à noite sonânbula onde passeiam os que não são poetas. Com elas devíamos compor apenas uma daquelas rondas crepusculares que as vozes particularmente escutadas dançam dentro de nós cobrindo sem esforço o nosso próprio rumor como só o amigo fala bem ao amigo, só o poeta devia falar do poeta».

Esse **simples viajar através das mesmas imagens emblemáticas** afigura-se-me, como exercício de crítica, supérfluo e perigiso. **Como só o amigo fala bem do amigo, só o poeta devia falar do poeta** — afirma Eduardo Lourenço. Eu diria antes: como só um conhecedor das técnicas musicais falará convenientemente de música (e nós sabemos quanta má literatura se amontuou sobre música e músicos...), como só os especialistas de pintura ou de cinema poderão falar destas artes com propeirdade, so o técnico de literatura que o crítico deve ser, terá a terminologia adequada e o conhecimento dos problemas específicos, que lhe permitirão estudar de forma **produtiva** o fenómeno literário.

Referindo-se á análise do soneto de Baudelaire **Les Chats,** por Roman Jakobson e Claude Lévi-Strauss, diz Michael Riffaterre **(Essais de Stylistique Structurale,** Flammarion, 1970): «Eles declaram modestamente que apenas lhes interessou descrever aquilo de que o poema é feito». É evidente que este mesmo trabalho de Jakobson e Lévi-Strauss, apesar da precisão a que aspira, é discutível. E o próprio Riffaterre o discute, depois, e contesta em alguns pontos. No entanto, continuo a pensar que o **método «Formal»** é o que melhores resultados tem produzido e continua a produzir na crítica de hoje. E muitos trabalhos de Eduardo Prado Coelho são disso um bom exemplo, não obstante as suas posições tão ferozmente antipositivistas. Diz Tzvetan Todorov, ao apresentar a antoligia de textos dos formalistas russos, que estão na origem da crítica estrutural: «Rejeitando toda a mística, que não pode senão velar o acto de criação, e a própria

obra, os formalistas procuram descrever a a sua fabricação em termos técnicos. Sem dúvida, a tendência artística mais próxima dos formalistas é a mais consciente dos seus proprios meios. A concepção de «fabricação» reforça-se ainda quando, após a revolução de 1917, este espírito se difunde por toda a cultura soviética. Um ponto de partida inteiramente novo faz crer no poder da técnica; munidos duma nova terminologia, os investigadores querem explicar tudo o que os seus predecessores declararam inexplicável. Mas só mais tarde os formalistas tirarão as conclusões teóricas destes princípios positivistas. (...) Apercebemo-nos muito depressa de que a maior parte destas ideias não podem pretender-se completamente originais. Colocar a obra literária no centro da atenção, examinar sem preconceitosa sua matéria e a sua construção foi uma diligência que conduziu pensadores de todas as épocas, de todos os países, a conclusões próximas das dos formalistas. (...) Mas então as teorias do formalismo têm um valor particular e, se o têm donde vem ele? Por que é que foi o formalismo que deu origem á metodologia actual das ciências humanas e não uma outra doutrina? Pois não é, com certeza, o estilo que assegura aos escritos dos formalistas a sua perenidade... (...) O método escolhido não limita o nosso objectivo: assim, nós podemos integrar na análise qualquer nível de significação que consideremos útil isolar e é o carácter do código que nos indicará os meios e as tecnicas a utilizar. O que prova de novo a riqueza da via proposta pelo formalismo». E também Roman Jakobson, no prefácio para a mesma antologia, significativamente intitulado **Para uma ciência da arte poética,** afirma: «A significação primordial do termo **poesia** em grego antigo é «criação», e na antiga tradição chinesa **shih,** «poesia, arte verbal», e **chih,** «finalidade, desígnio, objectivo», são dois termos e conceitos estreitamente ligados. Foi este carácter nítidamente criador e finalista da linguagem poética que os jovens russos procuraram explorar».

Para terminar, citarei o título dum capítulo de Riffaterre, que aponta para o que me parece ser a verdadeira tarefa da crítica: **a descrição das estruturas poéticas.**

Assegurar **o lugar estratégico da métafora no texto crítico**, como deseja Eduardo Prado Coelho, é meio caminho andado para a instauração de uma outra forma de impressionismo, pior que a habitual, porque mais pretensiosa.

Continuação da pagina anterior

SOBRE A PRÁTICA SIGNIFICANTE

(mas sim uma pessoa)? Que não sou burra, não senhor, nem **tacanha**, nem **limitada** (ou, se fosse assaltada por um ataque de modéstia, que, sim senhor, sou burra, tacanha, limitada, mas lá vou fazendo o que posso)? Que não sou **conservadora**, não senhor, etc, etc, etc. ? Ou então, como é costume dizer: o senhor é que é isso tudo?

. A que conduziria uma resposta deste tipo? Convenceria sequer alguém? Suponho que o público se interessará tanto por isto como por saber que E.P.C. e E.D. têm «temperamentos e mentalidades diferentes», como informa o primeiro no seu artigo.

4. Quanto às «ideias»? - perguntarão talvez. Eduardo Prado Coelho resolveu felizmente o problema: as minhas ideias, coitadas, só podem existir entre aspas. E outra passagem do artigo mata qualquer vontade que pudesse surgir de perguntar o que são aquelas referências apressadas a resumos, psicanálises, metáforas e alexandrinos (como o vocabulário e o tom mudam de assunto para assunto...). : «Não tenho a mínima esperança de que alguma vez nos cheguemos a entender - nem isso me preocupa».

Sim, quantas voltas precisa o mundo de dar para Eduardo Prado Coelho se poder entender com uma pessoa desonesta, fraudulenta, tacanha, tonta, dissimulada, ladina, ridícula, manobradora, conservadora, burocrática, positivista, etc, etc.?...

5. Esmagada pela citação de Eduardo Lourenço, pelas referências ao deus Barthes (argumentos de autoridade? - não pode ser!) e pela ameaça terrível dum Picard-espantalho, não me resta mais que confessar humildemente a minha parte de culpa nesta importante questão: realmente, o grupo que em Novembro de 1971 começou a publicar «Crítica» não convidou para seu colaborador Eduardo Prado Coelho. Foi grave. Mas não bastará a este crítico (a quem só interessa «a literatura como prática significante priveligiada a articular com as outras práticas significantes e transformadoras através das quais o homem trabalha na história») **A Capital**, **o Colóquio** (revista nada académica...), a **Seara Nova** esporàdicamente e, outra vez, o **Suplemento Literário** do **Diário de Lisboa** onde actualmente faz «literogramas» (crítica imediata? - não pode ser!) na última página e «textos» (teoria?) sobre o jornal «Crítica» na primeira?

. 6. Mas felizmente Eduardo Prado Coelho não está preocupado.

COMENTÁRIO 'SL': PÁGINA SEIS

PLANOS DE UMA NARRAÇÃO

Artes Visuais

CRINER Y DINTEL
GALERIA OPINIÃO

Por ROCHA DE SOUSA

Num suporte contínuo, de côr uniforme, Criner y Dintel desenvolve uma representação que objectivamente se refere a documentos fotográficos da actualidade ou a imagens da pintura não contemporânea. A sua técnica de montagem dessas **recolhas**, sendo complexa e variando contìnuamente os registos e a sua forma plástica, deixa à vista um critério de narração e o processo mental que o antecede ou que com ele se acerta.

CRINER Y DINTEL: registos positivos e negativos

COMO FORMA

Bàsicamente, Dintel recobre em parte a superfície (cartolina de côr) com zonas texturais realizadas a pastel, produzindo uma matéria pictórica porosa e baça, feita de anotações gráficas descontínuas, que por sua vez se deixa envolver por linhas rectas e sinuosas, abertas em negativo no plano. Sumàriamente, esta é uma descrição do mecanismo de acção que suporta o discurso plástico dos desenhos (ou pinturas?) apresentados por Criner y Dintel na Galeria Opinião.

Temos assim, em cada objecto, um conjunto de sinais (implantados em negativo e positivo na superfície homogénea) organizando-se como código de referência a um mundo reconhecível, aqui transposto pelo trabalho da mão) de documentos fotográficos, de factos imobilizados instantâneamente em registos anteriores. Dintel opera a partir do que poderíamos chamar uma (clara) mobilidade crítica, na apreensão e na representação, criando um complexo de relações que é dinamizado dentro e contra a superfície, quer reforçando a homogeneidade e integridade do plano, quer fazendo deste um meio «atmosférico», indeterminado, do qual emergem, por incidência lumínica, rostos e objectos. Por um lado, na regularidade cromática do suporte, os registos gráficos (contorno de figuras, representação de espaços arquitectónicos, tracejados de transparências, de cortes ou de dobragens) sublinham a continuidade do plano; por outro, a representação em negativo das figuras, ou a tradução dos valores lumínicos mais intensos, aponta para um efeito tridimensional, comprometendo a superfície como fundo que participa das figuras, como profundidade indeterminada e sem medida. Este jogo é constantemente reforçado e contrariado por registos que se opõem e sobrepõem, que se ordenam em sequência narrativa linear ou que se alternam de forma significante. A sequência narrativa, em todo o caso, é preocupação dominante do processo compositivo de Criner y Dintel, promovendo um jogo de cenas que se reportam à realidade envolvente, numa continuidade de temas e numa descontinuidade de assuntos.

COMO SIGNIFICA

Dintel não se limita a expor e a dispor os assuntos da sua temática. Essa seria uma atitude mais ou menos passiva, contrária à mobilidade crítica (que é também, e sobretudo, visual) de que falámos atrás. O jogo implícito na sequência narrativa (lembrando um tempo cinematográfico) é dinamizado __ é aberto __ por um desdobramento sucessivo dos espaços, por um rebatimento dos planos, por uma relação contrapontística estabelecida entre os registos positivos e negativos das figuras. É frequente que uma determinada acção, fixada fotogràficamente no limite de um espaço cénico, se transfira e se transforme (mudando de sentido e de significado) para as zonas laterais do espaço tridimensional representado ou que se planifique gràficamente no suporte sùbitamente reassumido na sua realidade tangível. É frequente t a m b é m que os recortes e rebatimentos estejam assinalados por um código específico de tais operações, assim se revelando o próprio processo de exploração dos elementos que vão formar o discurso. De resto, Dintel nunca procura a imagem fiel dos objectos ou personagens que recupera; antes se mantém fielmente atento à alteração dos significados enquanto reelabora (pela mudança da cor, dos valores, dos perfis ou da colocação) os dados caracterizadores de cada figura ou de cada conjunto de figuras. A colocação dos registos na superfície, mantendo a ambiguidade em relação ao fundo, é feita por forma a conduzir o olhar lateralmente, por vezes em profundidade, produzindo sempre uma leitura que ganha objectivamente uma medida temporal, em face de sequências que se alternam e de «raccords» inesperados ou insólitos. O mundo que está dentro desses registos e para além deles é assim interrogado e transfigurado por um novo sistema de relações visuais, por uma montagem narrativa simultâneamente contínua e descontínua, paralela (afinal) à nossa exploração activa da realidade. Tal sistema indica que Dintel segue métodos paralelos na análise das aparências e na análise do com-

Continua na pag seis

Folhetim-artístico

José-Augusto França

Miotte e Rodrigo

Inaugurou-se há oito dias na S. N. B. A. uma grande exposição de pintura; uma notável exposição se inaugurará em breve na galeria «Dinastia», na Rua da Escola Politécnica __ de pintura também.

Escrevo duas vezes «pintura», falando de pinturas bem diferentes. A exposição da S. N. B. A. é de Joaquim Rodrigo, a da «Dinastia» de Jean Miotte. O primeiro é um pintor português, francês o segundo __ e aproximamo-nos do objecto deste folhetim.

A exposição de Joaquim Rodrigo diz-me respeito na simples medida em que, há meia dúzia de anos já, venho insistindo com o pintor para que, enfim, exponha; em que sobre ele não há muito escrevi que era dos raros pintores nacionais que merecia, e necessitava de, uma retrospectiva. Mais ligado estou à exposição de Jean Miotte que prefaciarei.

O «francesismo» da arte de Miotte é bem visível, na expressão de certos valores de sensibilidade e de construção, dinamicamente acordados. **Gestualismo estruturado** é uma possibilidade de classificação que uso a seu propósito, pretendendo assim explicar uma espécie de **pintura reflectiva** ao nível da imagem não iconográfica, livre e responsável criticamente pela sua própria génese expressionista. Pintor de quarenta e tantos anos, revelado ao longo dos anos 50, Jean Miotte mantém (é dos raros a fazê-lo, hoje) o **teor pictural** da pintura francesa, não na cola do impressionismo abstractizado nos anos 40, ao nível da geração de Bissière-Bazaine-Vieira da Silva, mas numa situação nova e polémica, de outro modo lírica. Nesta situação estética, Miotte situou-se, à partida, entre um Schneider e um De Stael __ entre um polido gestualismo em estreito espaço francês e uma poderosa capacidade de construção formal. Depois desenvolveu a sua pintura na sombra monótona de Soulages (tão propagandeado pela crítica francesa oficiosa...) e a par da leveza caligráfica de Hartung. Desenvolveu-a pessoalmente e originalmente, escapando a influências __ e, mais, impondo uma proposta sua que, no quadro da «pintura-pintura» internacional (e muito anglo-saxónica), representa uma solução conveniente à dialectica formal em jogo. Uma admirável solução francesa.

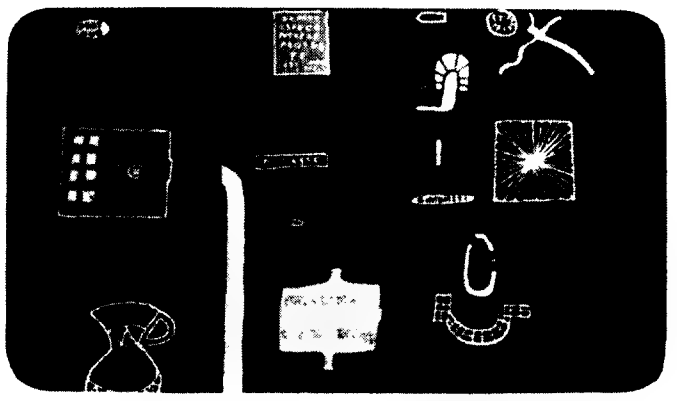
... Será uma solução portuguesa aquela que Joaquim Rodrigo nos oferece, ao longo dos seus cinquenta anos de idade, à beira dos sessenta, agora?

Que entender por **solução portuguesa** __ e solução de que?

Confesso desde já não saber, nem uma coisa nem outra, que a siciologia de arte não dá para tanto...

O que o problema a resolver não pode ser, entre nós é igual ao que na pintura francesa se encara, no quadro duma tradição pontuada ritmicamente. Os ritmos da criação artística portuguesa são variados e desvairados, ocasionais, aleatórios, em solavancos e soluções de continuidade, por falta de estruturas culturais, falta que em muito ultrapassa aquela que ao nível das artes visuais se manifesta. Já e bem o sabemos...

Quando um pintor amador de 1950 se punha a pintar, ia buscar inspiração, inevitàvelmente, a reproduções de Matisses e Van Goghs; assim fez Joaquim Rodrigo. Mas daí passou ele a uma meditação sobre a composição gráfica das superfícies, na esteira das «realitées novelles» parisienses; o seu ponto de chegada mondrianesco teve, porém, ao mesmo tempo, um alto grau de coragem e de consciência. Daí pode ele repartir para um novo entendimento do campo figurativo. E quando escrevo **novo** é novo que quero dizer __ no caso, «pop», em 1961, antes da divulgação do movimento que Rodrigo ignorava e do qual lhe dei eu notícia, ao ver os seus próprios quadros.



Rodrigo: um grande pintor moderno e actual

A composição de formas, a princípio articuladas segundo itinerários precisos, numa grande alegria de invenção (e numa exaltação temática que as cores luminosas dum mar verde-azul e dum pequeno barco vermelho signifivavam, na esperança quase infantil dum «fait-divers» célebre), e depois disseminadas num largo campo tonalizado, tema de viagem ou terra de memórias, gravemente percorrida, em contemplação e em sagesa, numa grande depuração plástica __ é uma maneira nova, inédita, de fazer pintura, no caso, neofigurativa, ou emblemática ou de sinais. Uma grande maneira, de **um grande pintor moderno e actual.**

Pouquíssimas vezes escrevi esta expressão que aqui emprego __ mais do que em admiração, em comovida atitude crítica.

Um, dois, três pintores portugueses de hoje poderão assumir esta responsabilidade que exige mais do que uma «ideia», uma profunda vivência interior através duma inteligência plástica original. Seguir correntes que andam no ar cultural e nelas caldear dizeres próprios pode ser bom ou excelente, mas não chega para fazer história __ que só o «novo» não apenas apercebido ou achado mas sustentado em **densidade poética** garante. Como, assim, garante a pintura de Joaquim Rodrigo.

Solução portuguesa __ esta contemplação, esta sagesa atingida em acalmada alegria?

Decerto assim se pode pensar, como direito individual inalienável, no quadro duma vida nacional que, para a geração de Rodrigo, se «arrefeceu». Fatalmente, diria.

Não, decerto também, a solução que outros mais novos criadores hão-de procurar em renovada e indispensável guerra...

Cada geração tem a sua guerra __ e tantas temos perdido em Portugal, guerras e gerações! A perda pode ser, porém, e significamente, um ganho __ e é aquilo que com Joaquim Rodrigo aconteceu, dentro e, ao mesmo tempo, contra a sociedade em que foi produzido.

Um pintor francês traz notícia de uma certa situação estética a Portugal, no quadro de um mercado que procura confirmar-se, definindo-se para além do «prefira produtos portugueses» de caquética memória. Um pintor português traz notícia, ou lição de outra situação, poética e ética, numa exposição extraordinária.

Bem ver as obras de ambos é uma necessidade que, depois de satisfeita, se revelará com toda a sua valia.

...E necessário será, por outro lado, levar uma parte da exposição de Rodrigo a Paris, à Fundação Gulbenkian, onde, depois de Skapinekis (que, com êxito, lá expôs recentemente) este pintor poderá, como muito poucos, interessar um grande centro cultural ao qual ele nada já deve.

NOVIDADES LITERÁRIAS

UM NOVO ROMANCE DE

PEARL BUCK!

AS TRÊS FILHAS DA SENHORA LIANG
o mais recente romance da consagrada escritora PRÉMIO NOBEL — Col. «Dois Mundos» — 50$00

OS FILHOS DO FUTURO-2

A. E. VAN VOGT

Conclusão de um dos mais notáveis romances deste autor — Col. Argonauta 15$00

REEDIÇÃO

O MITO DE SÍSIFO

obra fundamental de ALBERT CAMUS 20$00

À VENDA NAS LIVRARIAS

Livros do Brasil — Rua dos Caetanos, 22 — Lisboa —

MINHA MULHER MINHA IRMÃ

DE

H. F. PETERS

Lou Salomé: amiga de Rilke, de Nietzsche, de Freud, em pleno séc. XIX uma mulher anuncia a mulher do futuro

Uma biografia apaixonante que é o romance da transformação do mundo

MORÆS EDITORES

O PASSADO E O PRESENTE

PRÓ CON

UM FILME PARA VER SEM IDEIAS PRECONCEBIDAS

UM TEXTO (PRÓ) DE

Alves Costa

Conhecendo já o filme de Manuel de Oliveira, eu não trocaria por nada a ante estreia de **O Passado e o Presente** no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian. Tudo convidados. Na maioria convidados de circunstância, entre muita gente ligada ao cinema, às outras artes e à crítica. Pelava-me por ver como uma boa parte dessa assistência, apanhava desprevenida, iria reagir... Não tardou muito a sentir-se, num grande sector desse público - e o mesmo pude verificar, no dia seguinte, no «Apolo 70» __ uma certa preplexidade traduzida na seriedade com que ia ingerindo o filme (esquecido já do **sinal** que havia sido dado, no princípio, com a cena de Firmino, em cuecas, espiando a criadinha) e na pouca adesão ao riso que rompia, com frequência mas isoladamente, daqui e dali.

Em face daquela intriga de folhetim, em face daqueles personagens bem falantes e palacianos, em face daquelas situações insólitas, uma parte dos espectadores perdia o pé (e continua a perdê-lo, pude verificá-lo de novo com a exibição do filme no «Passos Manuel», do Porto) na dúvida de estar, ou não, a assistir a uma troça pegada. Talvez alguns estivessem a ver-se ao espelho ardilosamente caricaturados, sem disso tomarem perfeita consciência. Talvez muitos não estivessem a aperceber-se da ironia resultante da própria **mise-en-scène**, do estilo da representação, do tom e das palavras do diálogo, do pormenor marginal e significativo. E sentiam, com indefinível incómodo, que aquela intriga e aqueles personagens de foto-novela - assim propositadamente propostos e expostos ao nosso disfrute - não correspondiam às regras suas conhecidas... Mas então como é? Aquela cena romântica, por exemplo... Pois, pois, a imensa vontade de rir que dá a «cena romântica» entre Angélica e Maurício, junto à janela (já para o fim da fita) é, sim senhores, o desmantelar, pelo ridículo, de todos os convencionalismos de todas as cenas românticas de todas as **love stories**, de cinema ou de folhetim, de tão largo consumo nesta e noutras terras...

De facto, um humor corrosivo morde em tudo com o dentinho afiado de uma implacável ou disfarçada ironia e de um cepticismo demolidor. Nunca, e com tal argúcia, se boliu em tanta coisa, ao mesmo tempo, num filme português! Eu julgava que o filme permitia uma leitura imediata neste sentido. Mas parece que nem sempre é bem compreendido. Ou irá ser tomado exactamente por aquilo que não é? Aqui está o risco que vai correr. Atenção: quando o espectador (preso apenas pela aparência sem descortinar o propósito) pensa: «esta cena é ridícula, é falsa», está, sem querer, a sentir o subtil propósito do realizador de vergastar esse mesmo ridículo (o ridículo de um tipo de pessoa, de um modo fútil de ser, de um certo comportamento em determinada situação, de umas certas convenções). Para além disso, o filme é, também, uma reflexão irónica sobre o desejo do inalcansável, o desinteresse pelo que se possui, o valor de certas coisas como instituições as duas faces duma classe.

Entre a peça de Vicente Sanches e o filme de Manuel de Oliveira há afinidades e diferenças fundamentais. Como bem notou Manuel de Oliveira (no programa do «Apolo 70»), Vicente Sanches dá a impressão de não chegar a tomar plena consciência daquilo que põe em causa. Pelo contrário, Manuel de Oliveira sabe muito bem como e onde quer chegar. Assim, ao interpretar e recriar a peça, prolonga-a, enriquece-a com um sem número de dados significantes, dá-lhe um permanente sopro erótico e - a partir do intencional estilo da encenação - desde logo ironiza a própria intriga, satiriza personagens e situações, retrata a mundanidade **gauche** e sem naturalidade da «nossa melhor sociedade», mordisca, com um fino humor (com negro humor algumas vezes), sentimentos, atitudes, preconceitos e convenções, numa realização cinematográfica cuidadosamente pensada, desde a movimentação da câmara dentro de longos planos até à utilização dos espelhos e dos móveis como elementos participantes. Repare-se como o piano é um «personagem» importante - cumplice - nas três cenas que se desenrolam à sua volta. E por isto mesmo mais ressalta, como falha que por certo não pôde ser corrigida, a cena do Tribunal, fora do tom geral do filme e de uma vulgaridade contrastante.

Logo de início são colocadas diante de nós as «pedras» do xadrez que se vai jogar. Oito pedras entram no jogo. Jogo do amor

e da inconstância. Jogo, também, da morte e da saudade. Drama e comédia galante. Jogo de situações de oito personagens dentro do mundo da alta burguesia: pessoas «bem», fúteis, fechadas na sua gaiola como pássaros exóticos (repare-se naquele portão que constantemente se abre e se fecha), respeitadores das conveniências, ridículas no comportamento, vivendo situações falsas, mas conservando certas aparências que as regras da **sua sociedade**, impõem... Peixinhos doirados dentro do seu aquário. Observados, espiados, desfrutados, a todo o instante, pelos servos (a criada, o jardineiro, o **chaufeur**, o cangalheiro) testemunhas mudas (e um pouco atónitas) de todos os seus movimentos, actos e palavras. Dentro do tabuleiro do jogo - uma realidade subtilmente transfigurada - as «pedras» (os personagens) movimentam-se, atraem-se, repelem-se, esquivam-se ou «comem-se» segundo normas convencionais.

Seria um erro fazer caricaturas desses personagens. A inteligência de Manuel de Oliveira esteve em emprestar-lhes apenas um toquezinho de estilização, dar-lhes apenas uma realidade aparente. (Lembra-me uma recomendação de Lorca ao eventual encenador de «A Sapateira Prodigiosa»: **Al actor que exagere lo más mínimo en este tipo de personajes, debe el director de escena darle un bastonazo en la cabeza**. Se os actores de **O Passado e o Presente** nem sempre vão muito bem, é porque lhes falta maleabilidade e por talvez não terem entendido completamente o exacto porquê do que se lhes exigia). Os oito personagens principais de **O Passado e o Presente,** funcionam, pois, dentro de um estilo imposto pelo realizador, que faz parte da ironização (da troçazinha) de Manuel de Oliveira. Deliberada - nessas figuras - a sua enfática compostura, deliberado o seu andar pausado e quase solene, deliberados o ridículo de algumas frasee («Pois não é verdade que os cônjugues devem partilhar o luto?») e a maneira artificiosa de falar. Coisas que só enganarão o espectador menos atilado e com pouco sentido de humor.

Fora deste mundo **grand-bourgeois**, um outro mundo apenas entrevisto: a humildade da carreta, sem acompanhamento, em que uma criança (a pureza) vai a enterrar, a par da pompa pretensiosa e falsamente solene da trasladação; os operários, no alto dos andaimes de um prédio em construção (talvez propriedade de Honório...) olhando o cortejo dos «espadas» resplandecentes que levam os convidados ao casamento; a rapariguinha que atravessa o Campo Pequeno, livros debaixo do braço, e atrai o olho guloso de Maurício já pronto, de novo, a pôr Angélica de lado; e as figuras secundárias: o jardineiro e a criada, espiando curiosos, o complicado jogo dos «senhores»... que por sua vez os ignoram... A ainda a senhora do tricot, no cemitério, anti-Vanda, velando indiferentemente o passado com um olho sorridente para o presente.

E não é por ocaso que **O Passado e o Presente** (filme de situações, onde a acção quase não conta) termina com um casamento. Não, não é um **happy-end**. Não é um ponto final. É uma reticência para um recomeço; ali se juntam os fios da meada para a mais mordaz de todas as ironias que polvilham este filme brilhante e discretamente céptico e trocista. «Aquilo que Deus juntou, os homens não podem separar», afirma o sacerdote. E os nubentes, de joelhos, juram que assim será **para toda a vida**. Mas logo a expressão de enfadada ironia do menino das alianças, apanhada num plano isolado, vem lançar a dúvida sobre a perdurabilidade dos laços naquele instante tão solenemente contraídos. (Mais uma vez, um simples plano destrói a cena anterior).

O humor deste final vai mais longe: Apenas Noémia e Fernando - acasalados em situação que a sociedade considera irregular - estão levemente enternecidas entre os cerimoniosos convidados. Dentro das aparências respeitáveis que as conveniências exigem, Angélica (o seu nome é também uma ironia) senta-se, esfíngica, entre o marido (convencido, confiante e enganado) e o amante (fiteiro, inconstante e **play-boy**). Quanto a Vanda e Ricardo - que readquiriram a situação legal de marido e mulher - cruzam-se e recruzam-se à procura de um lugar: os seus caminhos nunca mais se encontrarão. Se estas duas «pedras» saírem, duas novas pedras acabaram de ser colocadas no tabuleiro. Os peixes doirados - ainda que, por vezes, se ferrem ou se desviem - continuarão as suas evoluções concêntricas dentro do aquário.

O realizador - dentro de um estilo muito pessoal em que poderão encontrar-se afinidades com um certo cinema bergmaniano - não tem acção participante. Apenas observa. Observa de fora, com subtil ironia, as pessoas, as situações em que se envolvem, como se comportam, o que representam humana e socialmente, como se amam ou como se odeiam. Já no filme há personagens que constantemente espiam outros personagens. A câmara de Manuel de Oliveira observa os observadores e os observados. É uma espécie de olho indiscreto que persegue os personagens, os surpreende na intimidade, os envolve, os entala contra móveis e paredes, os espia e desfruta. Jamais os larga. Persegue-os com os acordes da Marcha Nupcial. Anda à sua volta quando eles andam à volta uns dos outros. Afasta-se para surpreender o que eles também surpreendem, ou observar aqueles que os observam. Implacàvelmente indiscreta e irónica, esta câmara sempre em movimento. Com a vantagem de não deixar sentir, à primeira vista, o que as filmagens tiveram de complicado. Sem resvalar nunca para **os efeitos**, sabendo tirar todo o efeito possível de um enquadramento difícil, de um movimento sepenteante, do tempo e do ritmo interno de um plano longo e elaborado.

Com o «material» de que dispunha, penso que Manuel de Oliveira conseguiu dos seus intérpretes uma unidade de estilo (deliberadamente anti-realista) e uma justa contenção quando assumem atitudes ridículas ou debitam banalidades. Refiro-me aos heróis da comédia. Os outros... é outra gente. Como, por exemplo, o jardineiro: personagem mudo, mas personagem muito importante na sua posição de observador de um mundo e de uns «senhores» que não entende nem com os quais tem quaisquer afinidades. Nem sequer consegue deitar-lhes a mão quando saltam pelas janelas...

E, para terminar aponto uma nota dominante em **O Passado e o Presente:** o erotismo emanante de todo o filme. Curiosamente operante e omnipresente, num filme em que as cenas eróticas são extremamente discretas (a sedução de Angélica, a tentação de Firmino a cena de Vanda com o retrato a óleo do segundo marido).

Õ E ITRA

UM TEXTO (CONTRA) DE
Fernando Luso Soares

DECRETADO O DOGMA ("O Passado e o Presente" é uma obra-prima) E SANÇÕES AOS HEREJES

Quero crer que se pretenue alimentar um clima especial contra as possíveis discordâncias relativas a «O Passado e o Presente», de Manuel de Oliveira. Se bem percebo, a questão vem a ser posta de um modo análogo ao utilizado pelo alfaiate-gozão, quando levou o rei a desfilar em pelo. Assim, estabeleceram os entendidos do cinema dois dogmas implacáveis, um de crença outro de linchamento. Nos termos do primeiro, o filme de Manuel de Oliveira constitui uma **obra-prima**; conforme o segundo, e em corolário, quem não aceite a **primitude** de tal película pode mas é escolher um destes três consoladores apodos: ceguinho, ignorante ou imbecil. Como se vê, não é brilhante a «chance» do indígena desprevenido que, indo ao Apolo 70, cai na sinceridade de manifestar o seu desgosto como saldo do espectáculo.

Eduardo Prado Coelho __ que em regra vale como crítico sereno, lúcido ao extremo, rigorosíssimo nos conceitos com que joga __ foi o primeiro, salvo erro, a vir-nos com a ideia de que à película de Manuel de Oliveira é aplicável o nobre qualificativo de «obra-prima». Em «A Capital» de 8 de Março último, traduzindo já aquela atmosfera tutelar que venho de referir, declarava-nos Prado Coelho que ignorar-se a obra «O Passado e o Presente», ou neutralizá-la com leituras inadequadas equivalia a «um gesto que não podemos aceitar» (sic).

Por minha parte, compreendo perfeitamente que se queira ajudar a tal **arrancada** do cinema português neste ano de 1972 __ como escreveria Lauro António com linguagem de pronunciamento estratégico __ e que se deseje corresponder com filmes estéticamente dignos ao apoio financeiro que a Fundação Gulbenkian resolveu facultar à cooperativa «Centro Português de Cinema». Daí, porém, a dizer-se que de súbito, com «O Passado e o Presente», nós passámos do **zero à primitude fílmica**, isso é coisa que me parece ser uma teoria de factos que, essa sim, «não podemos aceitar». Mas a verdade é que a **ideia normativa** de «obra-prima» agradou e pegou. Ou melhor, incubou nuns e grossou noutros como uma epidemia, transformando-se a verificação dos inegáveis méritos do filme num laudatório que chega a confundir.

Em 10 de Março, João César Monteiro achou por bem (aliás num artigo bastante bem escrito) impor no peito dos discordantes de «O Passado e o Presente» uma medalha comemorativa. «Resta dizer __ rematou ele __ que, como todos os grandes e revolucionários filmes, também este tem o condão de **desmascarar os imbecis** e de propor uma lição de modernidade cinematográfica para quem a quiser **e puder entender**».

Repare-se no paralelismo das técnicas usadas quer pelo alfaiate quer por João César Monteiro. Por um lado insinuava o espertalhão da história: «Quem não descortinar as excelências do traje e a finura do manto do rei é irremediàvelmente estúpido». E agora, por outro: «Quem não vir com bons olhos «O Passado e o Presente», e caia no pecado de o declarar a terceiros, desmascara-se como realíssimo imbecil» __ ditatorialmente decretou este novo César. Até parece que o «novo» cinema português intenta vencer e impor-se públicamente por força de quejandas bulas. Eis-nos com a infalibilidade. Daí, como prevenção liminar, o intento de se condenar à fogueira o estatuto moral dos discordantes. Coisa bonita e moderna, não haja dúvida!

Veio depois Afonso Cautela, pontificar o mesmo dogma, agora nas páginas do «Século Ilustrado» do dia 11: «O Passado e o Presente», um filme de mil olhos para quem tem olhos e saiba ler. **Interdito a pitosgas**». Eis afinal a mesmíssima advertência do alfaiate-gozão, que, glosada por César Monteiro, oferece sem tirar nem pôr igual alternativa aos pobres beócios: vês e crês, ou pias e cegas. E por fim __ também António Pedro de Vasconcelos, na «Rádio e Televisão» do dia 18 p.p., afinou pelo mesmo diapasão condenatório. Ele ouviu dizer que os literatos zurziam o filme. Vai daí, senhor da incompetência dos atrevidos, sentenciou que isso só pode acontecer por crassa ignorância dos mesmos: «Consta-me que **alguns peraltas das nossas letras e artes e outros ignorantes mais anónimos** fazem a «fine-bouche» a esta obra-prima da ficção portuguesa que é «O Passado e o Presente»...

Não gostei do filme, se bem que tenha sentido a carga diferencial de elementos muito válidos com que ele sobreleva a produção «clássica» cá do burgo. Mas não vou ao ponto lírico de aceitar que ele corresponda, como coisa orgânica, a uma ideia de obra-prima. E irei, naturalmente, procurar dizer porquê. O que há no entanto, acima de tudo, é ainda outra coisa de que gosto menos __ isso como regra __ diga-se ou não que enfio a carapuça. **Não gosto de coacções preventivas ou tutelares**, este é o caso. Prefiro dizer livremente a minha opinião, não me vergando a quaisquer ultimatos, venham ou não de sabichões do celulóide, e não renuncio na emergência a assumir o papel do ingénuo garoto do célebre conto, que rompeu sàmente a rir, a rir, gritando às gentes coagidas pela terrífica ameaça de «confessar» a sua estupidez: «O rei vai nu!». Quero com isto dizer, não evidentemente que o filme de Manuel de Oliveira seja a falsidade, valha a nulidade ou represente a inexistência material de vestuário naquela pobre majestade, mas que me recuso a encontrar-lhe as rouparias de excelência estética que os deuses do Olimpo e os heróis das avenidas andam por aí a arautar.

Lendo algumas das críticas que os jornais nos deram a propósito de «O Passado e o Presente» __ por exemplo a de Lauro António neste «Diário de Lisboa», de 3 de Março __ poderíamos ficar com uma impressão muito incómoda.

Manuel de Oliveira ter-se-ia aproveitado da obra dramática de Vicente Sanches (que é, na verdade, muito má) para transformá-la, subvertê-la, «generalizá-la» cinematogràficamente. Ter-se ia Manuel de Oliveira utilizado do texto de alguem que abertamente, despreconcebidamente, ingènuamente lho confiara, para ironizar coisas várias através do ridículo das deixas e das tiradas desse mesmo texto. E mais ainda, e pior __ aquilo que não vem explícito nas considerações de Lauro António, mas toda a gente sabe (todos, talvez menos Afonso Cautela quando escrevia o seu artigo do «Século Ilustrado» __, Manuel de Oliveira ter-se-ia instalado com instrumentos e actores na cidade de Castelo Branco, na casa do próprio autor da peça (que é a do filme) para, tecendo a glória do cinema português, tornar patente que aquelas personagens de fala ridícula vivem e espanejam o matrimónio e a sua «problemática» burguesa em palácios como aquele __ o qual pertence na realidade a Vicente Sanches, segundo o que se diz. Aliás, a confirmar a tese de que a peça de Vicente Sanches foi um ponto de partida que se utilizou para o negar, estão aí ainda as palavras de Lauro António do dia 3 de Março: «O Passado e o Presente» (filme) pouco tem a ver com a peça teatral donde parte. Enquanto esta se joga por inteiro num naturalismo serôdio, o filme de Oliveira opera uma total transformação no material utilizado».

Se isto fosse verdade, gostaria de saber se liminarmente, lealmente, Manuel de Oliveira preveniu Vicente Sanches daquela «operação de estética» que se propunha realizar sobre a serôdia prosa deste último. Dizendo, porém, à maneira de certos diálogos de «O Passado e o Presente», **a verdade é que isto não é verdade** ou, mais eufemìsticamente, estas palavras de Lauro António são totalmente gratuitas.

Concordo, nesta parte, com o que escreveu Eduardo do Prado Coelho em «A Capital» do dia 8 do corrente. Exijo-lhe, porém, todas as consequências implícitas na sua afirmação. A peça de Vicente Sanches **«não funciona apenas como pré-texto, mas como texto efectivo»** da película. Por isso **«as palavras ditas são sempre as palavras escritas»**. Há um nexo de casualidade incindível entre a peça e o filme, coisa que aliás lùcidamente notou Urbano Tavares Rodrigues no seu «arco-voltaico», ao observar que o texto pegajoso de Sanches infectou a película de modo fatal. Eis uma perspectiva donde, a meu ver, é impossível sair __ e até por uma outra razão muito mais directa __ tão directa que chega a ser de origem.

Ainda, com efeito, por outro caminho se poderia chegar à conclusão de que Manuel de Oliveira não intencionou tomar um **texto discutível** para obter um **discurso fílmico indiscutível**. O cineasta de «O Passado e o Presente» alcançou o discurso literário (?!) de Vicente Sanches como se tratasse de uma obra imediatamente aproveitável para o filme. Sem equívoco admissível, foi o que ele disse na última resposta dada ao questionário reproduzido no pretensioso programa do Apolo 70. Ali, pode qualquer pessoa ler estas palavras de Manuel de Oliveira a propósito do autor do drama: «Todas as suas peças repassadas de humor negro **e os diálogos manejados com finura** deixam permanecer (em «O Passado e o Presente» talvez mais do que em qualquer outra) uma inquietante ambiguidade no leitor que poderá resvalar para uma perplexidade hesitante, ficando sem saber se o autor pretende ter graça, se brinca ou se, pelo contrário, está a falar sobre o sério. Porém, estas coisas surgem de um modo tão espontâneo que me atrevo a admitir que lhe saia tudo isso ao correr da pena, em momentos de inspiração e sem que ele próprio chegue a tomar plena consciência do feliz resultado que obtém».

A partir destas claríssimas declarações eu formo uma ideia fundamental que explica a reacção de muito boa gente perante aquele filme onde, não obstante, se vê e sente a força de múltiplas virtudes. Manuel de Oliveira ficou seduzido por um mau texto (essa é a verdade!) onde, por erro crítico (as coisas têm nome), descobriu **diálogos manejados com finura.**

Eis uma coisa desagradável, mas simples. Admito e compreendo que o preconceito literário não deve (não pode) prejudicar a valoração estética do filme, que em si significa um discurso de outro tipo. Mas isso não quer dizer que tenhamos de engolir sem repúdio o mau texto de diálogo que lhe está na base, e que causa engulhos, por força, a todo o espectador normal. Aliás, se à revista «Rádio e Televisão» de 4 de Março Manuel de Oliveira disse, tão honestamente, «sou um mau juiz», não serei eu quem lhe vai contestar o vaticínio. O que compreendo e lamento, e abomino, é que um cineasta da sua alta craveira tenha esmorecido crìticamente na emergência a ponto de tomar como **texto-de-partida** um desconchavo que não poderia talvez levar a parte nenhuma.

A título de exemplo, vejamos então um desses **diálogos manejados com finura** da peça de Vicente Sanches, que Manuel de Oliveira transportou para o filme.

Logo no início do primeiro acto (relativamente no começo da película) entram na casa de Vanda as personagens Honório, Fernando, Noémia e Maurício. Todos estão admirados de ter vindo, mas vieram mesmo. E é disso, precisamente, que vão falar nos termos de um diálogo manejado **com tanta finura** (!) que Manuel de Oliveira, como disse, nem o transformou nem o podou. Parece a infernal dança dos **aquis**, coisa que vamos ler, recordando a sensação que tivemos ao ouvi-la.

«Honório __ Não há dúvida: viemos. É um facto: **nós estamos aqui**. // Fernando __ Concerteza: **estamos aqui**. // Honório __ Mas porquê? // Noémia __ Porquê o quê? // Honório __ Porque é que estamos, porque é que **viemos hoje aqui**. // Fernando __ Mas todos sabemos que **viemos hoje aqui** porque **combinámos reunir-nos aqui**. // Honório __ Claro, mas **combinámos reunir-nos aqui** para a coisa mais normal do mundo. // Noémia __ Também não foi para a coisa mais normal. // (...) // Honório __ E não é com efeito surpreendente? Não é de facto uma coisa esquisita que **estejamos aqui** por exemplo hoje?».

Depois disto, mais saborosamente gratuitas se nos revelam as palavras de Lauro António no «Diário de Lisboa» de 3 de Março. Pergunta o conhecido crítico de cinema como é que Manuel de Oliveira combate a hipocrisia de uma sociedade norteada por princípios e postulados anacrónicos. «Pois de forma **bem simples** __ diz ele. Pondo a claro o artificialismo de tudo isso. O que consegue de forma admirável, dando de novo a medida da sua genialidade. Assumindo o lado melodramático da intriga, assumindo o pretensiosismo e a retórica dos diálogos, assumindo a ênfase dos actores».

Lauro António contradiz-se ao querer convencer-nos da **simplicidade processual** do filme. No mesmo seu artigo, e a respeito do comportamento do público (que aliás é inverso do ali afirmado: primeiro, ele não está incomodado, mas de esperanças; depois, não há a instalação de qualquer dúvida no seu espírito porque o que se lhe instala é o riso de bonomia singela da pessoa que se sente lograda, mas ao mesmo tempo divertida com os dislates) __ a respeito do público escreve Lauro António que «afinal aquilo não é para se captar tal como nos é dado ver. É necessário ao espectador entrar no jogo proposto. Entender as entrelinhas».

Ah! Mas afinal não é assim tão simples e claro. Afinal a crítica estrutura-se tão sùbtilmente que de entrada os não-génios andam às aranhas. Só depois se compreende que se deve ler nas entrelinhas. Resultado: tem o espectador de ver novamente o filme de Manuel

Continua na pagina seis

COMENTÁRIO 'SL' À CARTA DE EDUARDA DIONÍSIO

1__Não nos repugna aceitar que o artigo de Eduardo Prado Coelho por nós publicado na passada semana constituísse de facto **o** assunto importante do Suplemento; por isso mesmo o colocámos em primeira página e lhe conferimos o relevo gráfico traduzido pelas fotografias e pelo desenho alusivo. O critério que seguimos é hoje repetido: achamos o assunto importante e queremos chamar para ele a atenção de quem nos lê.

2__A «engrenagem» que transforma a resposta a um artigo em **«chamariz»** é exactamente a «engrenagem» de um jornal diário que procura ser lido pelas suas «algumas dezenas de milhar de leitores». Para isso ele existe. E não vemos que isso constitua um crime de lesa-cultura, muito antes pelo contrário.

3 Nós somos pela «polémica» (sem magia) **neste país e neste momento**. Eduarda Dionísio também: «polémico» era o texto por ela publicado no n.º 4 do jornal «Crítica» que deu azo à resposta de Eduardo Prado Coelho; «polémica» é a carta que agora nos envia, muito embora nela se conteste a «polémica»; «polémicos» são ainda (a diversos níveis e por várias razões) alguns dos textos que tem publicado no referido jornal.

Não receando, por nossa parte, a «polémica», também a não traduzimos por «tourada» ou «combate de galos», nem com ela pretendemos excitar os sentimentos (!...) «mais baixos» do público. Neste ponto, julga-nos mal (e apressadamente) Eduarda Dionísio.

Não cremos que o mesmo aconteça com a maioria dos nossos leitores. Já por mais de uma vez tivemos o ensejo de afirmar a nossa política quanto à inclusão de «polémicas» neste Suplemento: não queremos ser uma página fossilizada; somos pelo debate das ideias e das «posições»; não nos consideramos **intocáveis**; preferimos uma linguagem viva e até mordaz (se for caso disso) a uma estratégia «cultural» de pachos quentes, de compadrios, de alusões subterrâneas pretensamente justificáveis em nome do **país** e do **momento**.

4__InformamosEduarda Dionísio (e o público em geral) que nós, trabalhadores deste Suplemento, não temos qualquer comissão ou ordenado suplementar sobre o aumento de vendas do «Diário de Lisboa» isto porque não somos os proprietários do jornal. Mas se o jornal sobe a tiragem por causa da política que seguimos neste Suplemento, sentimo-nos de certo modo compensados: efectivamente, fazemos o possível para atingir e interessar o maior número de leitores (não nos agradam os «ghettos» culturais), sem por isso apelarmos, repetimos, para os seus «mais baixos» sentimentos(!). E tanto assim é que não falta quem nos chame «herméticos» maneira simplória de encarar o grau de exigência e de seriedade intelectual que procuramos dar ao nosso trabalho.

5 Juntamente com a carta de Eduarda Dionísio publicamos um artigo de Gastão Cruz em resposta a Eduardo Prado Coelho. Escrevê-lo-ia Gastão Cruz se entendesse que iria colaborar numa **tourada** ou num **combate de galos**? Escrevê-lo-ia Gastão Cruz se entendesse que a «polémica», **neste país e neste momento**, não contribui para o «esclarecimento» ou a «formação de opinião» ou a «tomada de posição» de alguém?

6 Informamos que não solicitámos nenhum dos textos intervenientes nesta «polémica». Quer dizer: não a provocámos mas aceitamo-la. E mantê-la-emos se mais textos recebermos sobre o assunto tenham eles o interesse bastante.

Artes Visuais

Continuação da página três

portamento da forma que as exprime, da forma plástica. O discurso assim produzido, recomeçando a cada instante, só pode ser desfrutado, quanto à sua significação, de ângulos diversos. O exercício da nossa consciência da realidade projecta-se na sua proposição plural, na sua concentração de informações relacionáveis, e também na aventura poética que dele se desprende __ e que ao nosso espírito e ao nosso destino se prende.

CARLOS CARNEIRO

A Galeria Judite Dacruz apresentou uma exposição dedicada à obra de ilustrador de Carlos Carneiro. «Ilustrações dos anos 30», esta volumosa «sequência» gráfica do artista, na sua maior parte concebida para as novelas de Fernando Pamplona, tem o mérito de redescobrir, não apenas a qualidade de um desenhador, o seu humor e o seu sentido de comunicação, mas também uma face das nossas tradições no domínio da ilustração, onde se distinguiram inúmeros artistas, retratando, analisando e criticando uma época, participando em publicações activas e ajudando o desenvolvimento de um processo que gerou algumas perspectivas de sinal positivo no quadro contemporâneo da cultura portuguesa. A importância que se atribui à pintura para o levantamento crítico dessas realidades, aliás em função de interesses estéticos mais recentes, tem contribuído para que se estabeleça um certo silêncio em redor de outras formas ou meios de expressão. Um panorama histórico mais extenso (e sobretudo mais rico de relacionações) sobre a nossa realidade artística de ontem, revelará sem dúvida novos aspectos da evolução das formas e do seu carácter, mostrando ao mesmo tempo o temperamento e a originalidade de artistas que continuam mal estudados.

C. CARNEIRO: ilustrações dos anos 30

Carlos Carneiro, que nasceu em 1900, é em muitos aspectos um desses casos. Ele participou no «Salão dos Humoristas», em 1919, ao lado de artistas que se notabilizaram, foi admitido no «Salon de Paris», em 1930, e colaborou em diversas exposições no estrangeiro __ em Berlim, Paris, Londres, Berne, Antuérpia __ expondo também nas galerias Katia Granoff, René Drouet e Vivien Colombier. Como ilustrador, a sua obra, vertida por uma escrita que exprime modos e técnicas então correntes, é documentalmente testemunho de uma época, revelando por vezes personagens e situações a que a visão humoral empresta com frequência o tom de perfuração crítica. A representação, sinalizada por anotações rápidas e nervosas, traduz o resultado de um olhar activo, comprometido na realidade social, capaz de uma mordacidade indentificadora e reveladora.

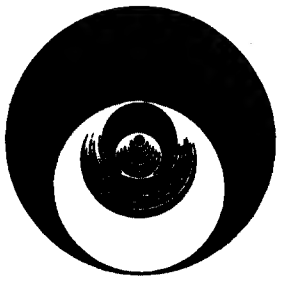
A exposição da Galeria Judite Dacruz, repropondo ao estudo a obra sensível de Carlos Carneiro e homenageando o autor, é exemplo para outras iniciativas (como a levada a efeito pela S.E.I.T., com Emérico Nunes) sobre alguns momentos do nosso passado artístico __ tarefa necessária para a iluminação de um processo cultural onde nem tudo é insignificante e depressivo.

EXPOSIÇÕES NA S.N.B.A.

Cumprindo um programa de exposições que tem anunciado na Imprensa e aos sócios, a Sociedade Nacional de Belas Artes inaugurou recentemente uma exposição rectrospectiva do pintor Joaquim Rodrigo, montada com muito cuidado no Salão Principal. Quase simultâneamente, e de colaboração com a Galeria Buchholz, a S.N.B.A. apresentou também uma exposição de pinturas do artista moçambicano Malangatana. Destas exposições faremos referências mais detalhadas num dos próximos números deste Suplemento.

A S.N.B.A., que projecta para breve a reedição de um Salão de Arte Moderna e que tem mantido no 1.º andar uma exposição de desenhos de artistas portugueses actuais, continua a promover actividades na Galeria de Arte Moderna (depois de Renée Gagnon expõe Tomás Mateus) e patrocinará em Maio uma exposição projectada pela crítica.

EM CAIXA



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: Exposição DADA.
Importante conjunto de documentos que historiam este movimento.

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES: Joaquim Rodrigo (pintura).
Rectrospectiva: uma obra significativa pela primeira vez devidamente focada.

S.N.B.A. E GALERIA BUCHHOLZ: Malangatana (pintura).
Um mundo ao mesmo tempo ingénuo e fantástico, feito de sonhos, de mitos, de feitiços e de humor, num aritsta **de facto** africano.

GALERIA OPINIÃO: Criner y Dintel (desenho).
Hábil jogo de relações entre a imagem fotográfica (transposta) e os processos da realização plástica.

S.E.I.T.: Emmérico Nunes (pintura, desenho, ilustração).
Evocação de uma obra que representa, pela linguagem e pelo humor, um tempo nosso e um veículo de estudo da arte portuguesa contemporânea.

GALERIA DE ARTE MODERNA: Tomás Mateus (pintura).
Obras recentes deste artista(1).

GALERIA JUDITE DA CRUZ: Fernando Calhau (pintura).
Obras recentes deste artista(1).

(1) Exposições a que faremos referência nos próximos números deste Suplemento.

Um texto (contra) de FERNANDO LUSO SOARES

Continuação da página cinco

de Oliveira. Poderá então rir-se da burguesia ridícula, sem correr o risco de rir directamente da película. E não me digam que estou fora da razão. Até a própria Maria Saisset, que no filme carnífica eròticamente a Vanda dos defuntos, apesar de ter participado òbviamente nas filmagens, e de ter presumìvelmente escutado as instruções do realizador, pelos vistos interpretou o seu papel sem ter percebido bem até ao fundo. Pelo menos, só depois de se ter remirado (e aos outros) na pantalha ela soltou o «eureka» fílmico. «Gostei muito do filme __ declarou Maria Saisset, em 4 de Março, à revista «Rádio Televisão». Esta é a segunda vez que o vejo. Acho que se deve ver duas vezes. Só assim se poderá compreender».

Por mim já lá fui três, preocupado com o meu desacerto relativamente ao que se tem dito de tanta excelência e maravilha. Desculpem-me o plebeismo, mas não embarco mais. Ou por outra: se aquilo é, como assevera Lauro António, a possibilidade dada ao espectador (para) entrar no jogo proposto, eu **passo** e pronto.

LIVRELCO

Ao abrigo do decreto n.º 520/71, discutido e aprovado muito recentemente na Assembleia Nacional, foi agora ordenado o encerramento por 180 dias da LIVRELCO Cooperativa Livreira de Universitários.

A decisão coube ao Conselho Superior de Segurança Pública.

Do encerramento foi encarregado o Comando Geral da P.S.P. que, no dia 17 do corrente, selou as portas da Cooperativa.

Actualmente a LIVRELCO possuia já mais de 7000 sócios que regularmente dela se utilizavam para fornecimento dos livros que lhes eram necessários para o seu trabalho, estudo ou informação. Como ela, foram por enquanto encerradas as cooperativas portuenses **«Coordenadas»** e **«Confronto»**.

LOURENÇO É NOME DE JOGRAL OU UMBIGO DAS ESSENCIAS

Já por aí se vai ficando alertado de o texto literário não estar só. Vai acompanhado com o rancho de manta e cilha - pois, pois, o feijão escuro e a sopa de pão. É tudo condicionado ao social. E não fora o maquino traiçoeiro!...

Daqui como vai o homem abstrair-se em considerações tontas de mengues, que sim e salamaleques de elite sem ter em linha de conta o «millieu»? Como esquecer a falta do lampio? Trata-se naturalmente dum jogo de ideias (rendoso) deixando a olho nu uma demasiada facilidade de elaboração (sem relação com a realidade), girando em torno do lanudo a quem não falta a manteiga e o desprezo pela larica.

«Lourenço é nome de jogral» consiste num texto de só factura (demasiada) e conscientemente, para o caso, uma opção de classe. Assim a lançar tapa-olhos no tanso por vinciano.

Um esquema social burguês cá da terra (professora, actriz, Paris, mademoiselle Solange, etc.). Uma daquelas montagens sem rigor nem vigor. Aonde então Faulkner e Lowry os verdugos da montagem literária e padilha de calça branca?

Naturalmente, bem entendido, o que interessa é falar do texto. Da sua estrutura panturra. Da adjectivação inoperante, incapaz de criar fricções ou estilhas. Ausência de qualquer rigor de tensão estilística. Fica assim o texto num amontoado de lugares-comuns insignificantes.

De cristalino só o empate de quem fala no galarim. Coisas do nosso fenómeno literário.

Vejamos primeiro capítulo e parágrafo (sem esperteza saloia):

«Eu estava em Paris. Digamos que eu estava em Paris embora fosse mais exacto dizer que eu me enquadrava em Paris, voltado para Rabelais. Isto significa que eu tentava a partir de Rabelais, uma forma de estar no mundo. Encontrava-me no meu quarto quando Madame Delcourt entrou com o telegrama.»

(Não sei porquê penso numa bela apresentação pelo Poppe.)

É mesmo de alguém que preenche um formulário espevitado sem força alguma criadora, sem qualquer revelação (ruptura) ou finalidade ou deleite. Alguém que vai de caco e cacau.

«Eu estava em Paris (2 vezes) - isto significa que eu - forma de estar no mundo»

A articulação dos vocábulos é incompetente, mesmo banal. Frases fatal e indiscutívelmente comprometidas; sem qualquer autonomia no contexto. As palavras não (são, podem) ter função de meros acessórios; terão sim de ser accionárias num tempo social e geográfico.

Não me tento encaminhar para um formalismo (excessivo, barroco). Não, nada disso. Um mínimo, claro. Uma chave de compreensão dum livro (texto)? deste tempo das verdades subjacentes que nos rodeiam.

Agora, assim sem quaisquer buscas. Pois não é do capim nem da tavalagem que se trata. O uso de signos tradicionalmente paralisados. Todorov lá diz que «as palavras não são simplesmente os nomes transparentes das coisas...»

Fernanda Botelho: «o jogo do que feito está»

Na outra face disto teremos a redistribuição deste texto: pasticho sem atenção a «referente» num aroma de girassóis elipses e hipérboles (vá lá brancas). Carapuça de cartola. E eu que vim ao mundo há dias pensava que isto já não era ssim.

Mais adiante e sempre no capítulo citado:

(casa estritamente formal - levantava os olhos - luminosa ironia - a minha mãe providencia - noites desfeitas - limpidez de um novo dia - ideléveis asas)

Isto só na primeira folha. Mas há mais e muito mais.

Quanto á autora nada tento (tenho?), mas quanto aos textos publicados, isso diz respeito á caixa de Minerva. Logo um **affaire á nous.** Todos. Isto não é só duns tantos?

Uma lavagem cerebral de conteúdo ideológico (suspeito) que não toma em consideração as infra-estruturas; uma visão das coisas a atirar para «la vie em rose». Exprime-se Fernanda Botelho em termos decadentes, fazendo o jogo do que feito está, da classe dominante, logo jogo falho.

Nada? Como não existem as estruturas fundamentais? O económico - o social - o histórico. Não há em «Lourenço é nome de Jogral» qualquer, consciência social tirante a classe «au pouvoir» e seus chamados valores.

Um caldo requentado. Certamente Fernanda Botelho não navega nas águas de Goldman esse judeu que entendia que o escritor deverá quando verdadeiro ser sempre progressista.

Observando bem isto talvez nem exista: «O que venha debaixo para cima, da terra dos processos de trabalho (...) que estudando os fenómenos naturais submete as forças da natureza aos interesses do homem. (...) o pensamento está indissolúvelmente ligado ao esforço e não partidário do pensamento quando em estado de imobilidade, sentado, deitado.» (1).

Muito certamente que uma visão impressionista e tradicional, de conluío, onde subsistem as simpatias e antipatias, voluptuosidades e subjectivismos epicurianos, poderá em face deste texto de construção caótica, sem qualquer mérito que não seja a apresentação gráfica, decadente e carabalhaço, falho de razões inteligentes, encontrar motivos de erudição incerta e inútil de valor formal.De acorrentar e alapar factos. Trata-se evidentemente, de apanhar uma sombra. Pois sabe-se que para definir a infinita gama de cores dispomos de grande número de palavras. Ala milhano!

Jakobson diz-nos que «a tarefa essencial da linguagem é de abrir espaços, abolir distâncias, de criar uma continuidade...»

Mas, para o texto em causa, o cantar é outro e a fita diferente: filhos da noite, filhos do crime; joga no bom ponto que é igual a bolsa quente e bom bocado. Por mais amélices, lê (só) - não amoles o caso. Faz-te alonso. Está implícito neste texto. Não é necessário estar á vista.

NEVES DIAS

1) M. Gork - Les Petits Bourgeois Ed. de Nouvelle Critique

os filmes do "napel" demonstram que ele é um produto novo

NAPEL é novo! | Por isso o nosso vendedor... é um homem novo! | Ele apresenta-nos NAPEL em diferentes tipos | Ele mostra-nos como NAPEL garante conforto e resistência aos maples e estofos! | Ele prova-nos que as confecções de NAPEL são elegantes e duráveis! | Ele garante a elegância de sapatos e malas em NAPEL! | NAPEL é novo! | NAPEL não é couro

napel

UM PRODUTO

ENDUTEX SOCIEDADE DE REVESTIMENTOS TEXTEIS, S. A. R. L.

APARTADO 17 / VIZELA

CANAL 1

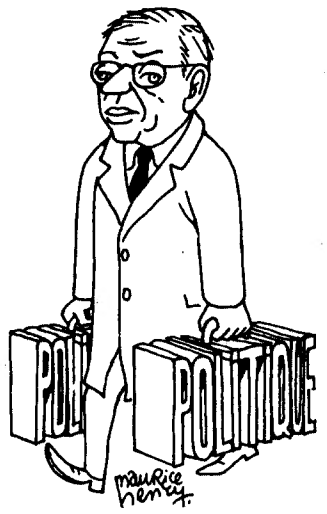
literogramas

TÍTULO: **«SITUAÇÕES IV»**
AUTOR: **JEAN-PAUL SARTRE**
EDITOR: **PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA**
COLECÇÃO: **ESTUDOS E DOCUMENTOS, N.º 69**

EMPENHAMENTO

Numa altura em que a opção se punha entre Oeste e Leste, e em que a confiança do imediato pós-guerra se dissipava com a criação dos blocos americano e soviético, não era fácil superar a demasiado clara alternativa; e intectual que não tomasse partido encontrava-se preso num jogo de contradições e de ambiguidades, que o clima da época (a guerra fria) ajudava a confundir. Em dois textos — sobre Nizan e sobre Merleau-Ponty — Sartre esboça o quadro subjectivo dessa luta, e os conflitos da consciência não-alinhada. Desde então o percurso sartreano, e até a sua capacidade de sobre-vivência, são o paradigma de um empenhamento moral, das limitações e da exemplaridade desse empenhamento.

Isto bastava para sublinhar a importância destas «Situações» IV; embora não se «goste» de Sartre, ou se julguem «ultrapassados» a



sua subtileza e o seu estilo classicizante. A oportunidade de muitos dos problemas que ele põe resiste à perda da sua actualidade. O modo como Sartre cria «situações» e sujeitos, se bem que muitas vezes de revele a fragilidade do processo, consegue projectar-se em jogos cuja construção (e mose-en-scène dos próprios participantes) se sobrepõe ao terreno - restrito de lutas filosóficas e políticas a nível de bem-intencionados grupos.

Sob a aparência de um «delírio interpretativo», portanto, surge uma lógica cujo rigor e implacável desenvolvimento nos próprios factos (que, porém lhe são òbviamente exteriores) cumprem o que se pode designar por morte da filosofia. Uma etapa necessária.

N. J.

TÍTULO: **«A POESIA DA PRESENÇA»**
AUTOR: **ADOLFO CASCAIS MONTEITO (ESTUDO E ANTOLOGIA)**
EDITOR: **MORAES, ED., LISBOA, 1972**
COLECÇÃO: **CÍRCULO DE POESIA**
N.º PÁGINAS: **359**

MUITO AQUÉM

Num curto espaço de tempo é a segunda grande antologia publicada pela Moraes. Depois da 3.ª edição da **Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa** (a que aqui já se fez referência), agora também uma nova edição de **A Poesia da «Presença»** organizada e prefaciada por Adolfo Casais Monteiro.

A antologia, diz-se, não sofreu quaisquer alterações nesta nova edição. Dela constam diversos textos de trinta e nove poetas publicados na revista.

Quanto à introdução - diz-se também - sofreu bastantes alterações. Apesar disso, não deixa de conter inúmeras falhas, e, em certos casos, graves incorrecções. Para a maioria dos casos, apesar das alterações que se diz terem agora sido introduzidas, este trabalho de Adolfo Casais Monteiro, além dos erros que contém, parece-nos visivelmente desactualizado e com algúmas graves falhas de informação.

Assinalemos como exemplo: o capítulo II **(Breve Panorama da Moderna Poesia Portuguesa)** termina com uma destacada referência aos poetas reunidos em torno da publicação **«Poesia Experimental»**, cujo primeiro número surgiu em 1964. Não há no entanto a menor referência ao grupo de **«Poesia 61»** que lhe é evidentemente anterior. Também o grupo surrealista apenas merece como referência a citação dos nomes dos seus componentes (alguns dos quais, diga-se de passagem, nunca escreveram poesia). António Barahona da Fonseca aparece referido como António Barahona de Freitas. E uma outra lista de incorrecções que poderíamos acrescentar se fosse nossa intenção chegar a maior pormenorização

Na parte em que foi actualizada, é notório que a introdução de Adolfo Casais Monteiro procura responder a algumas das críticas que têm vindo a ser dirigidas à geração «presencista». Vejamo-lo:

- **«a geração da Presença, coloca-se, desde o início, na esteira duma revelação anterior e, em vez de reivindicar louros para si, pede-os, exige-os, para as grandes figuras que tinham criado, por altura da primeira guerra mundial, uma nova visão da literatura, e aberto novos horizontes aos seus meios de expressão»**. (pág. 14).

- **«embora adversa, por alguma coisa, todavia, esta geração** ((a do Novo Cancioneiro) **era afim da presencista** (pág. 46).

- **«A censura cada vez a acharia mais subversiva** (à Presença) **e os adeptos do realismo socialista cada vez a achariam mais reaccionária...** (pág. 48).

Além da introdução a que nos temos vindo a referir, este volume é completado por uma sintética bibliografia de alguns dos poetas representados na antologia.

Um trabalho que, na sua generalidade, se nos apresenta desactualizado e incompleto - muito aquém do que seria de esperar e exigir de Adolfo Casais Monteiro.

N.M.

TÍTULO: **«O CREPÚSCULO DOS DEUSES»**
AUTOR: **FRIEDERICH NIETZSCHE**
EDITOR: **ED. PRESENÇA, LISBOA, 1972**
TRADUTOR: **MARIA DO CARMO R. CARY**
N.º PÁGINAS: **143**
PREÇO: **35$00**

NIETZSCHE

As Edições Gallimard têm vindo a publicar uma nova edição das obras completas de F. Nietzsche, segundo a versão estabelecida por Coli e Montinari, sendo os responsáveis por esta edição M. de Gandillac e Gilles Deleuze. São enormes as suas vantagens: a publicação das obras segundo uma ordem cronológica, sendo cada uma delas acompanhada dos fragmentos inéditos correspondentes á mesma época. **É a primeira vez que os inéditos são publicados na sua totalidade**. A **«Vontade de Poder»**, obra que resultava duma compilação arbitrária de alguns inéditos e a partir da qual se fizeram as mais aberrantes leituras de Nietzsche deixa de existir, nunca tendo, em rigor, existido como obra de Nietzche. Os inéditos correspondentes ao período de 1882-1888 são publicados nos últimos columes; a obra completa totaliza quinze volumes. E, sem dúvida, a edição mais honesta e rigorosa que até hoje foi publicada das obras deste filósofo de importância fundamental para o pensamento contemporâneo. Para ela chamamos, pois, a atenção do leitor.

Em portugûes estão já editadas várias obras de Nietzsche;algumas traduções são bastante discutíveis (o que, nas dimensões desta nota não interessa desenvolver) e certos prefácios lamentáveis. A última obra de Nietzsche que apareceu em postuguês foi o **«Crepúsculo dos Ídolos»** que, na presente edição tem como título o **«Crepúsculo dos Deuses»**; o pormenor podia não ter importância; mas tem, porque o «Crepúsculo dos Deuses» é uma obra de Wagner, compositor com quem Nietzche manteve estreitas relações e de quem se afastaria, desiludido. É de supor que o título que Nietzsche escolheu corresponderia a um radicalizar do crepúsculo wagneriano, facto que a tradução não considera . (É ainda incorrecta a tradução de certos termos, por exemplo, «o eterno retorno», que aqui aparece traduzido por «o regresso eterno»)

No **«Crepúsculo dos ídolos»**, uma das últimas obras de Nietzsche (1888), são analisados vários problemas: o de Socrates e da viragem que ele operou em relação à filosofia anterior, o da «elevação» moral da humanidade, o da decadência alemã, o da moral como manifestação conta a natureza, o da razão na filosofia.

Vejamos alguns. A moral é para Nietzsche algo que se define em oposição á vida — as razões morais diminuem a força afirmadora do homem, as suas forças activas, ligando-se de modo quase parasita ás suas forças reactivas. «A moral que condena é em si mesma, e não em relação á vida, um erro específico, que tem de ser condenado, uma idiossincrasia de degenerados, que tanto mal conseguiu já fazer. Nós, os imoralistas, pelo contrário, abrimos o

nosso coração a toda a forma de compreensão, de inteligibilidade e de aprovação. Raramente negamos, temos honra em declararmo-nos **afirmadores»**.

As questões da razão e da verdade são tratadas de modo igualmente incisivo e radical. A degenerescência na filosofia começou com Sócrates com a oposição do conhecimento á vida; a Kant, Nietzsche censurará não ter posto em questão ideal de conhecer e de só ter insistido nos limites do conhecimento. Será Nietzsche que assumirá, dum modo verdadeiramente inaugural, a recusa deste ideal: —nós abolimos o mundo da verdade: com que mundo ficamos? talvez com o mundo das aparências? Não, **com o mundo da verdade abolimos também o mundo das aparências»**.

De análises impiedosas e subtis aforismos (aforismo-interpretação que deve ser interpretada), o **«Crepúsculo dos Ídolos»**, é um dos livros que melhor realiza o projecto nietzscheano — o de uma filosofia incessantemente intempestiva.

M.M.C.

TÍTULO: **«A NOÇÃO DE POEMA»**
AUTOR: **NUNO JÚDICE**
EDITOR: **PUBLICAÇÕES D. QUICHOTE, 1972**
COLECÇÃO: **CADERNOS DE POESIA**
N.º PÁGINAS: **94**
PREÇO: **30$00**

AVISO PRÉVIO

Trata-se sòmente de um aviso prévio.

Em 1961, Herberto Helder publicava **A colher na boca** e **Poemacto**. Nesse mesmo ano, Casimiro de Brito, Fiama Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz, Luísa Neto Jorge e Maria Teresa Horta lançavam o movimento da **Poesia-61**. Percorra-se a lista de revistas e publicações colectivas aparecidas de 1961 até hoje: embora sejam de assinalar **Poemas Livres** e **Poesia Experimental**, nada surge de equivalente, em qualidade e alcance, à **Poesia-61**. Faça-se, em seguida, o inventário dos nomes revelados na poesia portuguesa nos últimos dez anos. Pode-se, agora, concluir sem risco excessivo de erro: uma obra como **A Noção de poema** de Nuno Júdice é **um verdadeiro acontecimento na poesia portuguesa contemporânea**. Nenhuma vocação poética surgiu com tanta força e nitidez, evidência e soberania, depois da **Poesia-61** e de Herberto Helder.

Impossível falar desta poesia no espaço asfixiante duma nota — impossível e imerecido. Trata-se, pois, de pedir ao leitor que atente no aparecimento de um livro que julgamos fundamental. Nuno Júdice vem desqualificar definitivamente todo o caudal surrealizante que, em nome da inspiração e do delírio, entre nós se contrabandeou; vem reduzir ao ridículo a a pseudo comunicabilidade do lirismo arvorado em festivais de canção; vem restituir à poesia de hoje a sua plena condição militante; vem inutilizar as piruetas vanguardistas com que pretendemos estar na frente do progresso e da técnica. Reinserindo a dimensão romântica no projecto materialista («uma arte de comportamento, isto é, uma forma de unir estreitamente a arte e a vida» / «Sempre me conformei ao jugo excessivo do poema e nunca, ao assumir o materialismo estético, me permiti limitar o poema, sequer trabalhá-lo»), reactivando o universo cultural como paisagem borgesiana, reintroduzindo o figurativo na tetura do discurso e articulando o corpo metafórico com a cena narrativa, Nuno Júdice dá-nos, com **A Noção de poema**, texto teórico e profético, cruel e requintado, sereno e perverso, **um livro insubstituível**.

A penas um aviso.

E.P.C.

A. C. Adriano de Carvalho • C. P. Carlos Porto • E. G. C. Eduardo Guerra Carneiro • E. P. C. Eduardo Prado Coelho • F. C. M. Fernando Correia Marques • F. L. S. Fernando Luso Soares • J. V. P. José Vaz Pereira • J. M. Julio Moreira • M. M. C. Manuel Maria Carrilho • N. J. Nuno Judice • N. M. Nelson de Matos • V. S. T. Vitor Silva Tavares